RON PAUL

O FIM DO FED

POR QUE ACABAR COM O BANCO CENTRAL

Todo mundo pensa em dinheiro e quase todo mundo quer mais. Usamos o dinheiro sem pensar muito sobre sua natureza e função. E alguns se perguntam de onde vem o dinheiro, quem o controla, por que tem valor ou por que perde seu valor de tempos em tempos.

Da mesma forma, a maioria das pessoas aceita o Federal Reserve (conhecido como Fed, o Banco Central Federal dos Estados Unidos) como uma instituição indispensável aos Estados Unidos, sem a qual o país não funcionaria, e por isso não o questiona. Mas eu asseguro a vocês, especialmente neste mundo pós-colapso financeiro, que é irresponsável, ineficiente e, em última instância, inútil ter um debate econômico sério sem considerar questões fundamentais sobre a moeda e sua natureza, bem como o papel maciço do Fed na manipulação da moeda e na nossa ruína econômica.

O que é o Fed e o que faz a instituição? Para responder a essas questões vocês podem ler livros, estudar os folhetos publicados pelo Fed ou participar de palestras econômicas nas universidades. Você pode até mesmo consultar as histórias em quadrinhos no site do banco. Assim, será informado sobre como o Fed trabalha para estabilizar o ciclo econômico, controlar a inflação, sustentar um sistema bancário solvente, e assim por diante. Certamente os representantes do Fed afirmariam que o banco faz tudo isso, e bem. Eu discordo plenamente de cada um desses pontos.

No fim das contas, o Fed tem um poder incomparável para ser exercido de forma exclusiva e que lhe permite criar moeda do nada, às vezes em grande quantidade, outras vezes em menor quantidade. A moeda assume diversas formas e entra no sistema de várias maneiras. E o Fed faz isso utilizando técnicas como operações de *open-market,* alterando as taxas de reserva bancária e manipulando as taxas de juros, operações que resultam na criação de dinheiro.

Dado que a moeda representa a metade de toda transação comercial e que civilizações inteiras literalmente ascenderam e ruíram por causa do valor de suas moedas, estamos falando de um poder extraordinário, como alguém que voa à noite disfarçado. É um poder capaz de fabricar ilusões que parecem tão reais enquanto duram e que é o cerne do poder do Fed.

Como disse o presidente Barack Obama sobre o *boom* econômico que culminou na crise: "Acho que é importante entender que parte daquela riqueza era, em primeiro lugar, ilusória".

Exatamente. ▸

O FIM DO FED

POR QUE ACABAR COM O BANCO CENTRAL

Impresso no Brasil, setembro de 2011
Título original: *End the Fed*

Copyright © 2009 by The Foundation for Rational Economics and Education, Inc. (FREE)
Publicado por meio de acordo com a Grand Central Publishing, Nova York, Estados Unidos. Todos os direitos reservados.

Os direitos desta edição pertencem a
É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.
Caixa Postal: 45321 · 04010 970 · São Paulo SP
Telefax: (5511) 5572 5363
e@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

Editor
Edson Manoel de Oliveira Filho

Assistentes editoriais
Gabriela Trevisan
Veridiana Schwenck

Revisão
Solange Monaco
Viviane Mendes
Liliana Cruz

Capa e projeto gráfico
André Cavalcante Gimenez / Estúdio É

Pré-impressão e impressão
Cromosete Gráfica e Editora

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

RON PAUL

O FIM DO FED

POR QUE ACABAR COM O BANCO CENTRAL

Tradução

Bruno Garschagen e Mônica Magalhães

Realizações
Editora

Para os jovens que possibilitaram a minha campanha presidencial e que são o coração do movimento anti-Fed.

Em suas mãos reside a esperança de uma sociedade próspera e livre.

Agradecimentos

Meu primeiro agradecimento vai para a minha mulher, Carol, cujo amor e apoio tornam possível tudo o que eu faço. E sem meus grandes professores em Economia Austríaca – Ludwig von Mises, Murray N. Rothbard, F. A. Hayek, Henry Hazlitt e Hans F. Sennholz – este livro não existiria.

Também agradeço ao meu editor Ben Greenberg por sua grande e efetiva ajuda.

Digitized by the Internet Archive
in 2023 with funding from
Kahle/Austin Foundation

https://archive.org/details/fimdofedoporquea0000unse

Sumário

1. Por que você deveria se preocupar 11
2. A origem e a natureza do Fed 23
3. Minhas influências intelectuais 45
4. Os bancos centrais e a guerra 81
5. A Comissão sobre o Ouro 91
6. Conversas com Greenspan 101
7. Conversas com Bernanke 115
8. O interesse do Congresso pela política monetária 133
9. A bagunça atual 143
10. Por que acabar com o Fed? 163
11. O argumento filosófico 171
12. O argumento constitucional 187
13. O argumento econômico 203
14. O argumento libertário 217
15. A solução 225
Sugestões de leitura 237

CAPÍTULO 1

POR QUE VOCÊ DEVERIA SE PREOCUPAR

Todo mundo pensa em dinheiro e quase todo mundo quer mais. Nós usamos o dinheiro sem pensar muito sobre a sua natureza e função. E alguns de nós nos perguntamos de onde vem o dinheiro, quem o controla, por que tem valor, ou por que perde seu valor de tempos em tempos.

Da mesma forma, a maioria das pessoas aceita o Federal Reserve (Fed)[1] como uma instituição indispensável aos Estados Unidos, sem a qual o país não funcionaria, e por isso não o questiona. Mas eu asseguro a vocês, especialmente neste mundo pós-colapso financeiro, que é irresponsável, ineficiente e, em última instância, inútil ter um debate econômico sério sem considerar questões fundamentais sobre a moeda e a sua natureza, bem como o papel maciço do Fed na manipulação da moeda e na nossa ruína econômica.

O que é o Fed e o que faz a instituição? Para responder a essas questões vocês podem ler livros, estudar os folhetos publicados pelo Fed ou participar de palestras econômicas nas universidades. Você pode até mesmo consultar as histórias em quadrinhos no

[1] O Banco Central Federal dos Estados Unidos. (N. T.)

site do banco.[2] Assim, será informado sobre como o Fed trabalha para estabilizar o ciclo econômico, controlar a inflação, sustentar um sistema bancário solvente, e assim por diante. Certamente, os representantes do Fed afirmariam que o banco faz tudo isso, e bem. Eu discordo plenamente de cada um desses pontos.

No fim das contas, o Fed tem um poder incomparável para ser exercido de forma exclusiva e que lhe permite criar moeda do nada, às vezes em grande quantidade, outras vezes em menor quantidade. A moeda assume diversas formas e entra no sistema de várias maneiras. E o Fed faz isso utilizando técnicas como operações de *open-market,*[3] alterando as taxas de reserva bancária e manipulando as taxas de juros, operações que resultam na criação de dinheiro.

Dado que a moeda representa a metade de toda transação comercial e que civilizações inteiras literalmente ascenderam e ruíram por causa do valor de suas moedas, estamos falando de um poder extraordinário, como alguém que voa à noite disfarçado. É um poder capaz de fabricar ilusões que parecem tão reais enquanto duram e que é o cerne do poder do Fed.

Como disse o presidente Barack Obama sobre o *boom* econômico que culminou na crise: "Acho que é importante entender que parte daquela riqueza era, em primeiro lugar, ilusória".[4]

Exatamente.

---

[2] https://www.newyorkfed.org/publications/result.cfm?comics=1.

[3] Operações de mercado aberto, que consistem em operações de aumento ou diminuição de reservas do sistema bancário através da compra ou venda pelo banco central de títulos públicos. Essas operações têm como objetivo controlar as taxas de juro de curto prazo, gerir a liquidez no mercado e sinalizar a orientação da política monetária. (N. T.)

[4] "After the Great Recession", entrevista do presidente Obama a David Leonhardt, *New York Times Magazine*, 28/04/2009.

Mas vamos também entender a fonte dessa ilusão e o que fazer a respeito disso.

Nem todo mundo é instintivamente contra esse poder de fabricar ilusão, e muitos até o saúdam. Eles apenas querem voltar aos tempos de quando "tudo era bom", apesar de tudo ser apenas uma miragem, ou seja, a criação da aparência de riqueza pelo Fed.

Pensa-se frequentemente que aliviar uma suposta escassez de dinheiro vai resolver todos os problemas sociais. Mesmo hoje, com uma crise econômica violenta, a resposta do governo americano e do Fed tem sido peculiar. Taxas de juro são baixadas a zero e trilhões de dólares são jogados na economia sem a evidência de que qualquer problema será resolvido. As autoridades continuam ignorando o fato de que eles só estão agravando ainda mais os nossos problemas no longo prazo.

Crescimentos econômicos e crises nos rondam há muito tempo. Tragicamente, o inocente que pouco entende sobre a complexidade do sistema monetário sofre mais do que aqueles que sabem como lucrar se o mercado subir ou descer. Só uma compreensão de como funciona o sistema monetário pode corrigir esse problema e proteger as vítimas atingidas por uma recessão econômica perversa.

Todos deveriam ter um vivo interesse sobre o que é a moeda e como ela é manipulada por alguns à custa de muitos. A moeda é crucial para a sobrevivência. É necessária para preservar uma sociedade livre e uma economia saudável. Sem moeda forte, é impossível limitar o poder político. Uma moeda forte é fundamental para impedir guerras desnecessárias e para garantir a paz e a prosperidade a longo prazo.

Para entender a moeda é preciso entender o que significa um banco central. Nos Estados Unidos, o banco central é o Fed, o instrumento mediante o qual nossa moeda e crédito são constantemente manipulados em benefício de uma classe privilegiada.

Escrevi este livro para explicar por que eu penso que o sistema de dominação do Fed precisa acabar. Venho falando e escrevendo sobre esse assunto há mais de trinta anos, mas houve um tempo em que dificilmente alguém se importava com o que eu tinha a dizer. A crise econômica mudou tudo. Hoje em dia há um movimento social crescente, inclusive um movimento político, dedicado a acabar com o Fed.

Na verdade, o título deste livro não é de minha autoria: ele provém de um slogan que pode ser ouvido nos comícios por todo o país. Eu o escutei pela primeira vez na Universidade de Michigan, em outubro de 2007, depois do debate das primárias do Partido Republicano em Dearborn. Foi uma tarde frustrante. Todos os meus oponentes negaram que houvesse qualquer coisa de errado com a economia ou com as políticas do governo Bush.[5] Mas em seguida eu tive a oportunidade de falar para mais de 4 mil estudantes no pátio da universidade.

Disseram-me que aquela era uma grande concentração de pessoas para ouvir apenas um candidato. Era uma multidão muito amigável que aplaudia meus comentários sobre gastos governamentais e déficits, sobre guerras e política externa. Mas quando eu mencionei a política monetária, os jovens começaram a ovacionar o meu discurso. Em seguida, um pequeno grupo entoou em coro: "Fim do Fed! Fim do Fed". A multidão

[5] O presidente dos Estados Unidos era George W. Bush. (N. T.)

inteira acompanhou. Muitos atearam fogo nas notas de dólares e as levantaram em chamas como se dissessem ao banco central: vocês provocaram prejuízos suficientes ao povo americano, ao nosso futuro e ao do mundo; o tempo de vocês acabou.

Em seguida, em setembro de 2008, na minha contraconvenção em Minneapolis, 12 mil pessoas iniciaram o coro muito antes de eu mencionar a questão do Fed. Eu ri e disse: "Esperem um minuto". Mas eles não esperaram, pois o dinheiro, sua natureza e o seu futuro são, seguramente, a questão de nosso tempo.

Sempre fui otimista em relação ao argumento da moeda forte, mas nunca imaginei na minha vida que a causa anti-Fed se tornaria objeto de protestos populares. Em vários cantos do país, as pessoas têm se reunido em frente aos escritórios do Fed e entoado esse formidável slogan para protestar contra o poder e as operações, sigilosas ou não, do banco. O objetivo delas não é a reforma, mas a revolução: o fim do Fed.

Estou emocionado. Vocês deveriam estar também, posto que o fim do Fed seria o único passo grandioso que poderíamos dar para restaurar a prosperidade e a liberdade dos Estados Unidos, garantindo que ambos tenham futuro.

Não tenho dúvida de que algumas pessoas consideram esses protestos excessivos, radicais e até mesmo perigosos, mas a verdade é que essas manifestações emergem de um impulso profundamente enraizado na história da nossa nação. O século XIX foi palco de muitos protestos semelhantes contra o sistema bancário nacional e contra a tentativa de centralizar a moeda e o crédito, patrocinada pelo governo e por instituições apoiadas pelo Estado que atuam em completo sigilo.

Alguém poderia dizer que essa é uma causa populista. É também uma causa libertária que seria aplaudida por Thomas Jefferson, um dedicado opositor do antecessor do Fed, o Banco dos Estados Unidos, e por Thomas Paine, que considerava o papel-moeda um inimigo da liberdade individual porque sempre dava origem ao despotismo.

Paine, o mesmo autor que inspirou a Revolução Americana com seu panfleto *Common Sense* [Bom-Senso],[6] também disse que

> quanto à presumida autoridade de qualquer assembleia em produzir moeda – ou qualquer outro tipo de papel-moeda, ou seja, uma moeda legal, ou em outras palavras, um desembolso compulsório –, trata-se da mais presunçosa tentativa de poder arbitrário. Um governo republicano não pode ter esse poder: o povo não tem liberdade – nem propriedade nem segurança – onde tal prática pode ser desenvolvida.[7]

Da mesma forma, houve grandes oponentes do despotismo do banco central no século XIX, e todas as eleições presidenciais suscitam a questão sobre se deve haver ou não um banco central emissor de moeda.

De fato, a oposição ao monopólio da moeda tem raízes que remontam ao século XIV na obra dos primeiros economistas

---

[6] Há uma edição brasileira da editora Martin Claret que optou por traduzir o título como *Senso Comum*, embora consideremos mais adequado *Bom-Senso*, dada à defesa que Thomas Paine faz da Revolução Americana apelando justamente ao bom-senso dos cidadãos para aderir à causa e fortalecer a luta pela independência das treze colônias da Inglaterra. (N. T.)

[7] Thomas Paine, *The Complete Writings of Thomas Paine*. Nova York, Citadel Press, 1945, p. 405.

que refletiram sobre os perigos da inflação.[8] Esse argumento também é fundamentado no trabalho dos mais sofisticados economistas e filósofos do século XIX. O prêmio Nobel F. A. Hayek, por exemplo, escreveu o seguinte a respeito do banco central: "Duvido se jamais fez algum bem exceto para os governantes e seus escolhidos". E concluiu ao afirmar que a "moeda é certamente um instrumento muito perigoso para ser deixado à fortuita conveniência dos políticos".[9]

Esse é e deve ser o principal argumento para o fim do poder e do sigilo do Fed. Acredito que o fim do Fed resolveria os problemas políticos mais incômodos do nosso tempo. Permitiria o fim da depreciação do dólar; tiraria do governo os meios para financiar suas guerras intermináveis; inibiria os ataques do governo contra as liberdades civis dos americanos; interromperia sua vasta acumulação de débito a ser paga pelas futuras gerações; e impediria a maciça expansão do Estado Assistencialista, que nos transformou numa nação de dependentes.

Se o problema do monopólio da moeda for resolvido com a extinção do Fed, muitos outros problemas também serão resolvidos. Fundamentalmente, afasta-se do governo a capacidade de usar artifícios financeiros para se expandir sem limites. É o primeiro passo para restaurar o governo constitucional. Sem o Fed, o governo federal seria obrigado a viver por seus próprios meios. Ainda seria muito grande e demasiado intrusivo, a exemplo de todos os governos estaduais atualmente, mas se colocaria um ponto final no ultrajante império doméstico e internacional.

[8] Jörg Guido Hülsmann, *The Ethics of Money Production*. Auburn, Mises Institute, 2008.

[9] F. A. Hayek, *Choice in Currency*. Londres, Institute of Economic Affairs, 1976, p. 16.

Também há outros benefícios, como interromper o ciclo econômico, acabar com a inflação, criar prosperidade para todos os americanos e pôr um fim na parceria corrupta entre o governo e os bancos que determina realmente as operações das políticas públicas na era pós-colapso financeiro.

Acabar com o Fed colocaria o sistema bancário numa posição financeira sólida. A indústria prosperaria sem o risco moral dos bancos, que são "grandes demais para falir".[10] As operações de crédito seriam realizadas de acordo com uma avaliação mais realista dos riscos e o capital do banco não seria colocado em perigo para atender prioridades políticas específicas. E os depósitos dos clientes estariam mais seguros do que estão hoje, assim como os bancos competiriam uns com os outros em sua mais importante função, que é a de fornecer meios seguros para salvaguardar a riqueza.

Abolir o Fed também acabaria com a forma pela qual os nossos ciclos eleitorais têm sido corrompidos mediante a manipulação monetária. Os presidentes não estariam mais na posição de usar o banco central para impulsionar de modo artificial a economia antes das eleições de forma a permitir que a recessão econômica se manifeste somente após o partido no poder ter sido empossado novamente.

A riqueza nacional não mais seria refém dos caprichos de um punhado de burocratas cujos interesses são igualmente

[10] A expressão "*too big to fail*" significa, literalmente, "grande demais para falir", mas quando é usada no contexto deste livro quer dizer que o Estado não deve deixar de socorrer os segmentos econômicos mais importantes devido à sua dimensão e temor dos governantes de que todo o sistema (no caso deste livro, o financeiro) entre em colapso e contamine os demais setores da economia, mesmo que a falência tenha sido provocada por fraudes ou má gestão. (N. T.)

divididos entre servir o cartel bancário e os mais poderosos políticos de Washington.

Acabar com o Fed é uma maneira segura de restaurar a sanidade da vida política e econômica nos Estados Unidos. Isso não significa que nossas divergências políticas e embates no Congresso desaparecerão. O fim do Fed não será uma pílula mágica para inaugurar uma utopia. Significará que nossas discordâncias e discussões ocorrerão dentro do contexto da realidade, não num mundo ilusório criado pela impressão ilimitada de moeda.

A hora de acabar com o Fed é agora. As decisões do banco desde o colapso do mercado em 2008 têm sido extremamente arriscadas. O Fed está usando todo o seu poder para direcionar a base monetária para níveis sem precedentes, criando do nada, com a impressão de mais moeda, trilhões de dólares em dinheiro novo.

De abril de 2008 a abril de 2009, a base monetária ajustada subiu de US$ 856 bilhões para inacreditáveis US$ 1,749 trilhão. Foi criada alguma nova riqueza? Produziu-se mais? Não, era a impressora de Ben Bernanke[11] trabalhando. Se eu ou você fizéssemos algo similar seríamos acusados de criminosos e condenados à prisão perpétua. Seríamos desprezados e odiados por todos como canalhas e gângsteres. Mas quando é o Fed que o faz – com verniz científico –, imprimir moeda é visto como uma condução perfeitamente legal e responsável da política monetária. E esse dinheiro novo é depositado como reserva nos cofres do banco à espera de um ambiente seguro para emprestar e garantir a tomada de empréstimos. Caso esse ambiente seguro floresça, podemos ver o nível de preços subir de tal forma como nunca antes.

[11] Presidente do Fed pela segunda vez, nomeado em 2009 pelo presidente Barack Obama. Foi nomeado pela primeira vez para ocupar a presidência do banco em 2006 pelo presidente George W. Bush. (N. T.)

Base monetária ajustada de St. Louis

Fonte: Banco Central de St. Louis: 2009 research.stlouisfed.org

Algumas pessoas acham que a experiência da República de Weimar na Alemanha durante o período entreguerras – quando o papel-moeda foi tão desvalorizado pelo banco central que as notas foram usadas como combustível para aquecer as casas – é completamente impossível de se repetir nos Estados Unidos.

Nós achamos que estamos imunes contra essa calamidade, mas não estamos.

Uma má política econômica pode destruir uma civilização, e nenhuma política é mais perigosa do que uma má política monetária. Após décadas de experiência em lidar com as autoridades do Fed nas reuniões das comissões do Congresso, almoços e discussões privadas com os presidentes do Fed e uma vida inteira de estudos da literatura econômica, além de uma consciência profunda dos perigos para a liberdade nos tempos atuais, sei que não há qualquer esperança de o Fed conduzir a política monetária de maneira responsável. Precisamos tirar do governo

o poder da moeda. É preciso acabar com o sistema de auxílio estatal ao sistema bancário. A solidez do dólar depende de sua desvinculação da máquina de imprimir dinheiro, que pode fazer uma quantidade infinita de cópias, mas que também pode desvalorizá-lo até reduzir o seu valor a zero.

O fato de que o Fed pode criar trilhões de dólares e distribuí-los aos seus compadres sem que haja uma fiscalização do Congresso é motivo para nos escandalizar. Eu pensei que não seria mais capaz de me chocar com o comportamento do governo americano, mas os atos do Fed em 2008-2009 passaram dos limites. As decisões tomadas mostraram a arrogância dos membros do banco e a completa apatia do Congresso em assumir sua responsabilidade de proteger o povo e fazer cumprir a lei.

Voltando a 21 de novembro de 2002, Ben Bernanke explicou exatamente quais eram as suas posições, e por isso talvez não devesse ter havido surpresa em sua atuação como presidente do Fed:

> O governo dos Estados Unidos tem uma tecnologia, chamada de máquina impressora (ou, hoje em dia, sua equivalente eletrônica), que o permite produzir quantos dólares americanos quiser sem, praticamente, ter despesa. Com o aumento da quantidade de dólares americanos em circulação, ou até mesmo ameaçando fazê-lo, o governo americano pode também reduzir o valor de um dólar relativamente a bens e serviços, que é o equivalente a aumentar os preços em dólares daqueles bens e serviços. Nós concluímos que, sob o sistema de papel-moeda, um determinado governo pode sempre gerar maiores gastos e, consequentemente, inflação positiva.[12]

[12] Comentários do presidente Ben Bernanke antes da reunião do Clube Nacional dos Economistas em Washington DC, em 21/11/2002.

Não estou certo se o presidente do Fed já havia sido tão honesto a respeito do poder do Fed. Para ser exato, ele não estava condenando-o, mas explicando-o. Ele acredita naquele poder. A exemplo de John Law, economista escocês do século XVIII obcecado por dinheiro e cujas artimanhas alimentaram a bolha financeira no Mississipi,[13] Bernanke acredita ter descoberto os instrumentos mágicos para gerar prosperidade.[14]

Raramente surge uma oportunidade, como a que se apresenta agora, de despertar o interesse do cidadão comum para o sistema monetário de forma suficiente para que haja uma pressão por reforma. Apesar de enfrentarmos uma crise, temos uma excelente circunstância favorável para desferir um golpe contra essa situação e em defesa da liberdade, que não pode existir sem uma moeda forte.

O sistema do Fed deve ser contestado. E, finalmente, precisa ser eliminado. O governo não pode exercer, e a ele não deve ser confiado, o monopólio da moeda. Nenhuma instituição na sociedade deve deter esse imenso poder. Na verdade, acredito que a própria liberdade esteja em jogo nessa luta.

[13] Sobre o esquema financeiro criado pelo economista John Law que resultou na bolha do Mississipi e quase levou a França à bancarrota, ver Jon Moen, *John Law and the Mississipi Bubble: 1718-1720.* In: *History Now,* outubro de 2001. Disponível em http://mshistory.k12.ms.us/articles/70/john-law-and-the-mississippi-bubble-1718-1720. (N. T.)

[14] Doug French, *Early Speculative Bubbles and Increases in the Supply of Money.* Auburn, Mises Institute, 2009.

CAPÍTULO 2

A ORIGEM E A NATUREZA DO FED

A maioria dos americanos não pensa muito sobre essa estranha entidade que controla a moeda da nação. Simplesmente a aceita como se ela existisse desde sempre, o que está longe de ser verdade. Os visitantes podem ver a sede palaciana do Fed em Washington DC, que abriu suas portas em 1937. Os turistas observam sua aparência intimidadora e sua estrutura ameaçadora, o equivalente monetário da Suprema Corte na capital dos Estados Unidos.

O povo sabe que a instituição tem um trabalho importante a realizar na administração da oferta da moeda e escuta o depoimento do presidente do Fed no Congresso, que cita dados complexos, faz previsões e tenta intimidar qualquer um que o questiona. Ninguém nunca suspeitaria que suas palavras encobrem qualquer tipo de má administração. O presidente do Fed sempre se apresenta como o mestre do universo, como alguém que domina completamente o assunto e que está no controle de tudo.

Mas quanto realmente sabemos sobre o que se passa no interior do Fed? Com a mais recente rodada de socorro ao sistema financeiro,[1] até os jornalistas têm dificuldades para saber

[1] No original, *bailout*, termo usado para definir os planos de resgate ou ajuda financeira dos governos para salvar setores da economia, como o sistema bancário. (N. T.)

exatamente de onde o dinheiro está vindo, para onde está indo e quem comanda a operação. Desde a sua fundação em 1913, o sigilo e as negociações obscuras têm sido parte do estilo de trabalho do Fed.

Parte do jogo de relações públicas desempenhado pelo presidente do Fed é arquitetada para sugerir que a instituição é uma parcela essencial do nosso sistema, da qual não podemos prescindir. Na verdade, o Fed surgiu num período da história da nossa nação chamada de Era Progressista, quando foram criados o imposto de renda e as novas instituições governamentais. Era uma época em que os empresários em geral foram enfeitiçados pela ideia de formação de cartéis como uma forma de proteger os lucros e socializar as perdas.

Os grandes bancos não eram exceção. Seus representantes lamentavam a inexistência de uma instituição nacional que concedesse empréstimos e que pudesse socorrê-los em períodos de crise. Sem um mecanismo estatal de salvamento ou de resgate financeiro, eles afundariam ou nadariam de acordo com seus próprios méritos. Além disso, a seguir à Guerra Civil, os presidentes americanos trabalharam para instituir e defender o padrão-ouro, que colocou um freio na capacidade dos maiores bancos em expandir o crédito indefinidamente. Dessa maneira, o padrão-ouro funcionou como um regulador do mercado. No fim das contas, os bancos tinham que operar como qualquer outro negócio. Podiam expandir e conceder empréstimos arriscados até certo ponto, mas quando confrontados com a bancarrota, não tinham como voltar atrás. Teriam de contrair empréstimos e lidar com pressões financeiras extremas. Suportar os riscos é um maravilhoso mecanismo de controle de tomada de decisão. Isso criou uma cultura de disciplina na concessão de empréstimo.

No jargão do dia, faltava "elasticidade" ao sistema. Era uma outra forma de dizer que os bancos não poderiam expandir a moeda e o crédito tanto quanto gostariam. Eles não poderiam inflacionar sem restrições e depois contar com uma instituição centralizada para socorrê-los. Essa agenda se enquadra bem com um crescente movimento político na virada do século XIX que favorecia a inflação (algumas vezes resumido no slogan "Free Silver") como meio de aliviar o peso das dívidas dos agricultores. A causa assumiu certo tom populista, e muitas pessoas começaram a acreditar que uma oferta elástica de dinheiro ajudaria o homem comum. Elas identificavam o padrão-ouro como um sistema facilitado pelos grandes bancos para manter o crédito reduzido. Até hoje, muitos autores que escrevem sobre o Fed acreditam equivocadamente que o banco central e os grandes bancos trabalham para manter o crédito restrito em benefício próprio.

Até o próprio Fed afirma que parte do seu trabalho é manter a inflação sob controle. É como se a indústria do cigarro afirmasse que está tentando fazer as pessoas pararem de fumar ou a indústria automobilística dissesse que está tentando controlar o congestionamento no trânsito. O negócio do Fed é gerar inflação. O banco pode tentar impedir os seus efeitos, nomeadamente aumentando os preços, mas, segundo a antiga definição (um aumento artificial na oferta da moeda e do crédito), a razão de existir do Fed é gerar mais, não menos, inflação.

O que os grandes bancos desejam é exatamente aquilo que poderíamos esperar que qualquer grande corporação desejasse: privatizar os lucros e socializar as perdas. Os lucros privados advêm das bem-sucedidas atividades de empréstimo, às vezes durante *booms* econômicos. Mas quando o rápido crescimento

econômico se transforma em bancarrota, as perdas são absorvidas por terceiros e não afetam o resultado final. A cobertura das perdas exige uma oferta de moeda que se estenda para atender à demanda dos banqueiros. Isso é algo que toda indústria gostaria de ter, se pudesse. Mas é algo que o livre mercado lhes nega, e com razão.

A indústria bancária sempre teve problemas com a ideia de um livre mercado que oferece oportunidades tanto para lucros quanto para perdas. Os bancos gostam apenas dos lucros. Quanto às perdas, é outra história. Essa é a razão para o movimento constante, na história americana, em direção à centralização da moeda e dos serviços bancários, uma tendência que não só beneficia os grandes bancos, que têm mais a perder com um sistema de moeda forte, mas também o governo, que é hábil para usar um método elástico como uma forma alternativa de respaldar a receita pública. A aliança entre o governo e os grandes banqueiros fornece o suporte principal para a centralização da moeda e do crédito.

Se olharmos para a história bancária, vemos que o movimento rumo à centralização do poder vem acontecendo há séculos. Sempre que a instabilidade cresce, aumentam os esforços para socializar as perdas. Raramente as pessoas se perguntam realmente a respeito da origem fundamental da instabilidade. Para obter uma resposta, podemos recorrer ao excelente estudo publicado em 2006 pelo economista espanhol Jesús Huerta de Soto.[2] Ele culpa a própria criação do sistema bancário de reservas fracionárias, o conceito de que a moeda dos depositantes, atualmente em uso como dinheiro em espécie, também pode

[2] Jesús Huerta de Soto, *Money, Bank Credit, Economic Cycles*. Auburn, Mises Institute, 2006.

ser emprestada para ser usada em especulação e em seguida ser redepositada.[3] O sistema funciona enquanto as pessoas não tentarem sacar todo o dinheiro de uma vez só, como permitido no contrato com o banco. Se tentarem fazê-lo, o banco se deparará com a escolha entre ir à falência ou suspender os pagamentos. Em face dessa demanda, um banco procura outros bancos para prover liquidez. Mas quando a insuficiência se torna sistêmica, a instituição recorre ao governo.

O núcleo do problema é a acumulação de duas funções distintas pelo banco. A primeira é a de depósito, a função mais tradicional. A instituição mantém o seu dinheiro seguro e fornece serviços de consulta à conta corrente, acesso a caixas eletrônicos, manutenção de registros e métodos de pagamento on-line. Todos compõem os serviços de depósito do banco pelos quais o cliente habitualmente paga – a menos que os custos possam ser recuperados por outros meios. O segundo serviço oferecido pelo banco é o empréstimo. Ele busca investimentos, como empreendimentos comerciais e imobiliários, e aplica o dinheiro para obter uma taxa de retorno. As pessoas que querem que o seu dinheiro seja aplicado nesses empreendimentos estão optando por aceitar o risco e esperam por um rendimento, entendendo que se os investimentos não derem certo, perderão dinheiro na operação.

A instituição das reservas fracionárias mescla as duas funções citadas de tal forma que o depósito se torna uma fonte de empréstimo. Os empréstimos bancários são depositados e estão

[3] No texto *O Sistema Bancário de Reservas Fracionárias*, o economista Murray Rothbard qualificou esse modelo de fraudulento e falsificador. Rothbard explicou que sob esse sistema "depósitos bancários são lastreados por apenas uma pequena fração do dinheiro que o banco promete ter em mãos no momento do resgate". Disponível em http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=311. (N. T.)

disponíveis para saque nas contas correntes ou outras formas de depósitos à vista, e o dinheiro recentemente emprestado é depositado mais uma vez em depósitos à vista. É novamente emprestado e depositado, com cada depositante tratando o dinheiro do empréstimo como se fosse um ativo. Dessa forma, as reservas fracionárias criam dinheiro novo, que é colocado no topo da pirâmide de uma fração de depósitos anteriores. Dependendo das taxas de reserva e das práticas bancárias, um depósito inicial de US$ 1 mil, graças a esse "multiplicador de moeda", transforma-se em depósitos de US$ 10 mil.[4] O Fed depende fortemente desse sistema de reservas fracionárias, utilizando o sistema bancário como o motor através do qual o novo dinheiro é injetado na economia como um todo. Esse sistema acrescenta reservas aos balanços dos bancos membros do Fed na esperança de estimular ainda mais empréstimos.

Do ponto de vista do depositante, esse sistema criou determinadas ilusões. Como clientes do banco, tendemos a acreditar que podemos ter tanto uma segurança perfeita para o nosso dinheiro, baseando-se nela sempre que queremos e nunca esperando que ela não esteja lá, enquanto ainda ganhamos uma taxa de retorno regular sobre o mesmo dinheiro. Num autêntico ambiente de livre mercado, porém, costuma haver uma troca: você pode aproveitar o serviço de depósito ou emprestar ao banco e esperar um retorno desse investimento. Normalmente, você não pode ter ambos. O Fed, no entanto, por apoiar esse sistema de reserva fracionária com a promessa de intermináveis planos de resgate financeiro e de criação de moeda, tenta manter essa ilusão.

---

[4] Esse processo é bem descrito no livro *The Mystery of Money*, Auburn, Mises Institute, 2008, 1983, de Murray N. Rothbard, e até mesmo no site do Fed, mas com uma orientação diferente.

Até com o sistema de reservas fracionárias garantidas pelo governo, o sistema está sempre vulnerável ao colapso nos momentos certos, ou seja, quando todos os depositantes vêm sacar o dinheiro durante uma corrida aos bancos (pense na cena do filme *It's a Wonderful Life*[5]). Toda a história da moderna legislação e reforma bancária pode ser vista como uma tentativa elaborada de remendar os buracos do vazamento no barco. Por isso, criamos o seguro-depósito, instituímos a doutrina do "grande demais para falir", adotamos esquemas de injeções financeiras emergenciais e todo o resto, de modo a manter de pé um sistema inerentemente instável.

O que descrevi é uma versão telescópica de várias centenas de acontecimentos, mas que explica exatamente o movimento contínuo em direção ao dinheiro infinitamente elástico e a instituições bancárias protegidas contra a falência pela legislação governamental, isto é, em direção ao banco central como o conhecemos. Apenas para que sejamos claros: o moderno sistema bancário e da moeda não é um sistema de livre mercado. É um sistema metade socializado – escorado pelo governo – e que nunca poderia ser sustentado da forma que é num ambiente de livre mercado. Esse é o cerne do problema.

Ao examinar a história do Fed devemos recuar longe na história, uma vez que a reserva fracionária bancária já havia se tornado parte das práticas bancárias correntes no século XIX, um fato importante para explicar a origem da instabilidade periódica.

Pode-se dizer que a história começa em 1775, quando o Congresso Continental emitiu uma moeda batizada de continental,

[5] Filme de 1946 que no Brasil ganhou o título *A Felicidade não se Compra*, com direção de Frank Capra e com James Stewart e Donna Reed no papel do casal protagonista. (N. T.)

que "não valia um continental".[6] A moeda foi inflacionada até atingir um ponto crítico e o controle de preços não chegou nem perto de funcionar de forma a conter o processo. Foi a primeira grande hiperinflação na história dos Estados Unidos e que deu origem a uma escola de pensamento defensora de uma moeda forte e que, desde então e por várias gerações seguintes, se mobilizou contra o banco central e contra o papel-moeda. Isso também explica por que a Constituição proibiu o papel-moeda e permitiu somente que o ouro e a prata fossem usados como moeda.

Em 1791, o First Bank dos Estados Unidos foi licenciado, e em 1792 o Congresso aprovou a Coinage Act declarando o dólar como moeda nacional. O nome original do dólar remonta aos anos de 1400 e à moeda alemã *thaler*.[7] Felizmente, a licença do incipiente banco central não foi renovada e expirou em 1811.

Em 1812, com a furiosa guerra entre Grã-Bretanha e Estados Unidos, o governo emitiu moeda para financiar o conflito, e a decisão resultou tanto em suspensão de pagamentos quanto em inflação. Você pode esperar que haja inflação durante os tempos de guerra, mas em vez de permitir o retorno às condições normais de estabilidade, o Congresso autorizou em 1816 o funcionamento do Second Bank dos Estados Unidos. O banco

[6] A extrema desvalorização da moeda durante a Revolução Americana (1775-1783), emitida justamente para arcar com os custos da guerra, deu origem ao gracejo que um continental "não valia um continental". (N. T.)

[7] Na verdade, a primeira moeda sob o nome *thaler* foi cunhada na cidade de Joachimsthal, na Boêmia, no século XVI, não no século XV. As pessoas provenientes dessa cidade eram chamadas de Joachimsthaler, do qual o nome da moeda é a versão abreviada. A palavra *thaler* significa a pessoa ou coisa proveniente do vale. (N. T.)

ajudou e estimulou ainda mais a criação e a expansão do ciclo de crescimento e crise.

Condy Raguet, teórico do sistema bancário do século XIX, explicou que:

> Os que se lembram dos eventos daquele período não terão esquecido o abuso da tolerância pública mostrada por eles naquela ocasião. A aprovação da comunidade foi-lhes concedida durante a guerra então travada com a Grã-Bretanha devido à crença de que tal condição lhes fora imposta pelas circunstâncias peculiares do país; mas assim que a paz foi restabelecida no início de 1815 todos os compromissos foram violados, em vez de se manifestar mediante seus atos um desejo de contratar empréstimos a fim de colocar-se numa situação de cumprimento das obrigações, eles, na verdade, expandiram a moeda mediante emissões extraordinárias de dinheiro, pois suas ações não estavam sujeitas a nenhuma restrição, até a depreciação da moeda se tornar tão intensa que a especulação e o desequilíbrio econômico e financeiro, assumindo as formas mais desastrosas, mergulharam o país num quadro de miséria do qual não se recuperou pelos dez anos seguintes.[8]

Finalmente, a inevitável recessão ocorreria com o Pânico de 1819. O pânico acabou de forma tranquila exatamente porque nada foi feito para contê-lo. Jefferson observou que, em todo o caso, o pânico estava apenas exterminando uma riqueza que era inteiramente fictícia. Hoje em dia esse episódio é apenas uma

[8] Condy Raguet, *A Treatise on Currency and Banking*. Nova York, Kelley Reprints, 1967, p. 156.

nota de rodapé nos livros de história.[9] Após uma intensa agitação política, e seguindo as ordens executivas de Andrew Jackson, que retirou do banco os depósitos do governo federal, o Second Bank também foi autorizado a encerrar suas atividades em 1836.

A guerra civil entre o Norte e o Sul desencadeou uma nova rodada de financiamento inflacionário, mas acabou extinguindo as moedas dos tempos da revolução e conduziu à outra deflação após o fim do conflito. Isso preparou o terreno para a instituição do padrão-ouro, que era sólido, mas não perfeito. Foram suas falhas – os bancos foram autorizados a fracionar as reservas e começavam a confiar em mais e mais regulação para minimizar a concorrência – que criaram a dinâmica que conduziria ao Fed.

O ímpeto ostensivo pela criação do Federal Reserve foi o pânico bancário de 1907, mas o movimento, como já mencionei, começou muito antes. Jacob Shiff, presidente da Kuhn, Loeb & Corporation, fez um discurso em 1906 que efetivamente inaugurou a pressão pela criação de um banco central ao estilo europeu. Ele explicou que "o país precisava de uma moeda para prevenir a próxima crise". Ele trabalhou junto com o seu sócio Paul Moritz Warburg e com Frank A. Vanderlip, do National City Bank de Nova York, para criar uma nova comissão que entregaria um relatório à Câmara de Comércio do município em 1906. O documento pedia por um "banco central emissor de moeda controlado pelo governo". Eles começaram a trabalhar dentro de outras organizações para levar a agenda adiante e conquistaram o apoio da Associação Americana dos Bancos e de muitos outros importantes órgãos do governo.

[9] Murray N. Rothbard, *The Panic of 1819*. Auburn, Mises Institute, 2008.

Uma vez pavimentado o terreno, a atmosfera da crise de 1907 auxiliava fortemente na criação das condições que levaram à fundação do Fed. Tratou-se de uma breve contração econômica, mas, enquanto durou, muitos bancos suspenderam os pagamentos em espécie, isto é, interromperam o pagamento em ouro para os depositantes até a crise passar. Esse fato levou à consolidação da opinião em favor de um fiador nacional de todos os depósitos.

Um ponto que aprendemos desse evento e dos demais pânicos bancários na história dos Estados Unidos é que as crises sempre conduzem a grandes centralizações. Um sistema que é um misto de liberdade e de estado é um sistema instável, e suas contradições internas têm sido resolvidas não por uma tendência rumo ao livre mercado, mas através de inclinação rumo ao estatismo. Não é surpreendente, assim, que a opinião acadêmica também oscilasse a favor do banco central com os mais importantes economistas enxergando poderes mágicos relacionados à moeda elástica.

Em 1908, o Congresso criou uma Comissão Monetária Nacional (CMN) para avaliar a ideia de uma reforma no sistema bancário. A comissão foi composta majoritariamente por pessoas próximas aos grandes bancos: First National Bank de Nova York, Kuhn, Loeb, Bankers Trust Company e o Continental National Bank de Chicago. A comissão viajou pela Europa e retornou aos Estados Unidos para continuar a propaganda pela criação de um banco central.

Em 1919, o presidente William Howard Taft já havia aprovado a criação do banco central, enquanto o *Wall Street Journal* publicava uma série de quatorze reportagens sobre a necessidade

da instituição. Os textos, publicados sem assinatura do autor, foram escritos pelo chefe de relações públicas da CMN, Charles A. Conant. As reportagens apresentavam todos os argumentos usuais favoráveis à elasticidade da moeda, além de acrescentar muitas funções adicionais que o banco central poderia desempenhar, incluindo a manipulação da taxa de desconto e o fluxo de ouro, assim como o socorro efetivo aos bancos falidos. O que se seguiu foi uma série de discursos públicos, panfletagem, declarações de acadêmicos, pronunciamentos políticos e comunicados na imprensa assinados por grupos de comerciantes, todos favoráveis à ideia.

Em novembro de 1910, o momento era propício para elaborar o projeto de lei que se tornaria o Federal Reserve Act. Uma reunião secreta foi convocada numa estância litorânea da Georgia chamada de Jekyll Island Club, da qual o próprio J. P. Morgan era o sócio-proprietário. A imprensa disse que se tratava apenas de uma expedição de caça ao pato. Os participantes elaboraram formas para manter o sigilo, mas a história registrou exatamente quem lá esteve: Nelson Adrich, o homem de John D. Rockefeller no Senado; Henry Davison, sócio-sênior de J. P. Morgan; Paul Warburg, imigrante alemão e advogado bancário; Frank Vanderlip, vice-presidente do National City Bank; e A. Piatt Andrew, funcionário da CMN e também assistente do presidente William H. Taft na Secretaria do Tesouro.

Tínhamos, assim, dois representantes dos Rockefeller, dois do Morgan, um do Kuhn (Loeb em pessoa) e um economista. Nesse grupo, encontramos a essência do Fed: banqueiros poderosos junto com poderosos funcionários do governo americano trabalhando juntos para criar um sistema monetário nacional a serviço dos seus

interesses, justificado por economistas que forneciam um verniz científico. E desde então, tem sido muito do mesmo.

Eles trabalharam em sigilo durante uma semana. A estrutura do Fed foi proposta nesse encontro. Não era para ser um banco central ao estilo europeu – ou melhor, seria, mas a estrutura seria diferente. A instituição seria "descentralizada" em vinte bancos-membros e ofereceria uma espécie de cobertura para a cartelização que estava realmente sendo montada. O plano completo foi apresentado à Comissão Monetária Nacional em 1911. Em seguida, a propaganda foi bastante intensificada com editoriais nos jornais, com falsas associações de sociedade civil e com o aval das organizações comerciais. O próximo passo era remover do projeto de lei o sectarismo do Partido Republicano e substituí-lo por outro de aparência bipartidária – e assim o projeto foi aprovado.

A essência do Federal Reserve Act foi praticamente inalterada em comparação à concepção inicial feita anos antes. Com a votação pelo Congresso, o governo atribuiria legitimidade legal ao cartel dos grandes bancos e permitiria que inflacionassem à vontade a oferta de moeda, provendo liquidez a eles próprios e ao sistema financeiro em períodos de necessidade, enquanto se blindavam contra as consequências dos maus empréstimos e da hiperexpansão do crédito.

Hans Sennholz chamou a criação do Fed de "a mais trágica mancada já cometida pelo Congresso. O dia passou, a antiga América morreu e uma nova era começou. Uma nova instituição que nasceu para gerar ou contribuir enormemente para uma instabilidade econômica sem precedentes nas próximas décadas".[10]

[10] Hans F. Sennholz, *Money and Freedom*. Grove City, Libertarian Press, 1985, p. 21.

Era uma forma de socialismo financeiro que beneficiava os ricos e os poderosos. A justificativa era, na época, a mesma de agora, ou seja, o Fed protegeria o sistema financeiro e monetário contra a inflação e as oscilações violentas na atividade do mercado. O banco estabilizaria o sistema ao fornecer estímulo quando fosse necessário e faria recuar a inflação quando a economia estivesse superaquecida.

Uma declaração da Controladoria da Moeda (CM) em 1914 prometia um ridículo nirvana a ser inaugurado pelo Fed. O banco "fornece um meio circulante absolutamente seguro", dizia o documento da CM. Além disso, "segundo dispõe a presente lei, essas crises comerciais e financeiras, ou pânicos, como as experimentadas pelo país em 1873, em 1893 e, novamente, em 1907, com os correspondentes infortúnios e debilidades, parecem ser matematicamente impossíveis de voltar a ocorrer".[11]

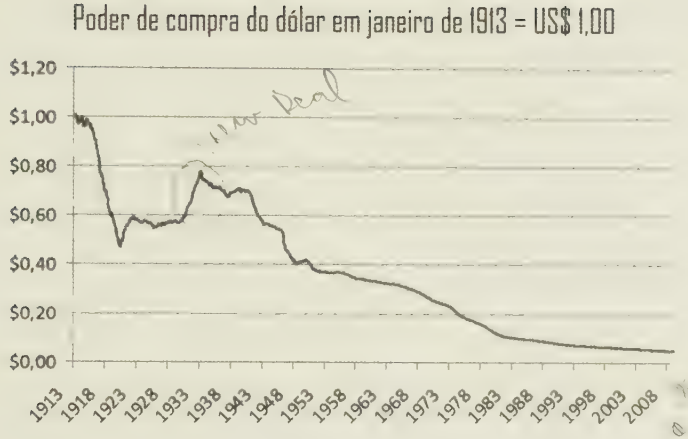
E aqui está outra promessa extraordinária da CM:

> De acordo com a disposição da nova lei é praticamente impossível ocorrer a falência dos bancos geridos com eficiência e honestidade, e é possível dedicar uma maior atenção aos bancos membros. Oportunidades para um exame mais completo e minucioso são fornecidas por cada banco em particular. Essas circunstâncias reduziriam ao mínimo os riscos de uma administração desonesta e incompetente. Espera-se que as falhas do banco nacional possam ser realmente eliminadas de hoje em diante.[12]

---

[11] Elgin Groseclose, *America's Money Machine: The Story of the Federal Reserve*. Westport, Arlington, 1966, p. 85.

[12] Ibidem, p. 86.



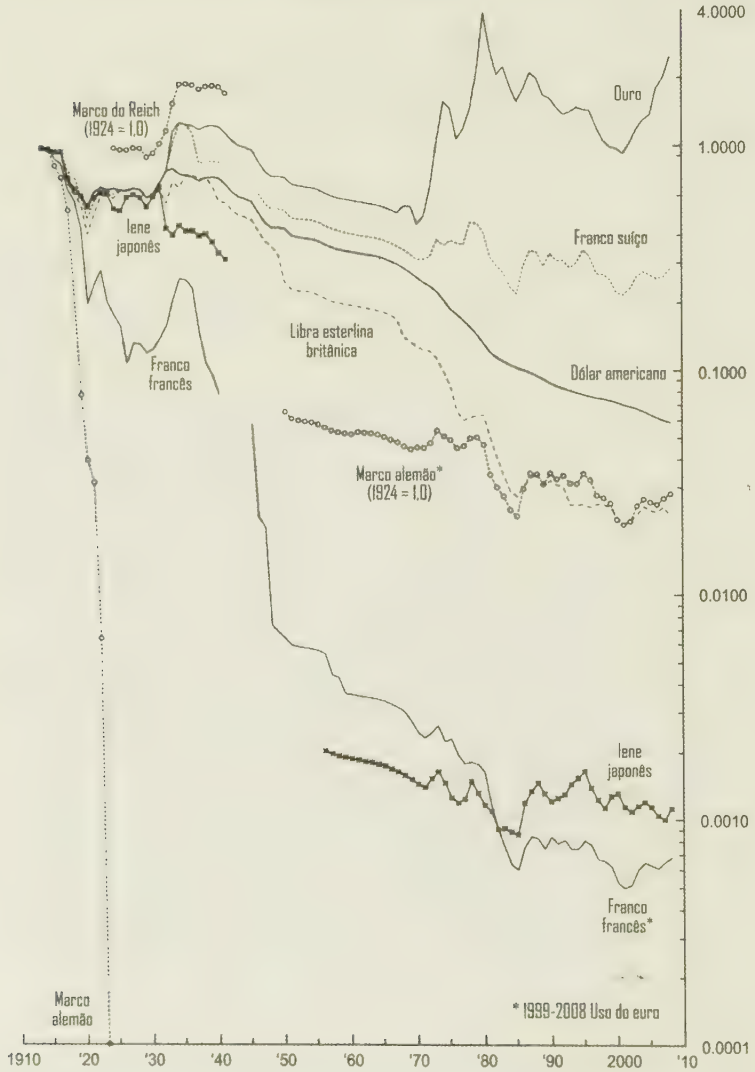
Na prática, a realidade tem sido muito diferente. Basta refletir sobre o declínio dramático no valor do dólar que ocorreu desde que o Fed foi criado, em 1913. Os bens e serviços que você poderia comprar por US$ 1 em 1913 agora custam em torno de US$ 21. Outra forma de analisar o problema é sob a perspectiva do próprio dólar, que caiu para menos de US$ 0,05 do seu valor em 1913. É preciso dizer que, juntos, o governo e seu cartel bancário roubaram US$ 0,95 de cada dólar enquanto perseguiam implacavelmente uma política inflacionária.[13]

O mesmo se aplica a outras moedas controladas por um banco central. Isso, no entanto, não é verdade em relação ao ouro. Aqui está um panorama, por cortesia do American Institute for Economic Research:[14]

[13] Dados do Federal Reserve Bank de St. Louis.

[14] O gráfico pode ser consultado on-line em http://www.aier.org/images/stories/research/ch_p5.pdf.

Poder de compra do ouro nos Estados Unidos e moedas selecionadas (1913 = 1,0)



Nota: Poder de compra calculado do deflator implícito de preço em relação ao PIB dos Estados Unidos e a taxa de câmbio de moedas estrangeiras em relação aos dólares americanos.

Quanto aos ciclos econômicos e ao fim dos pânicos, os dados mostram o contrário. As recessões do século XIX, assim documentadas pelo National Bureau of Economic Research (Serviço Nacional de Pesquisa Econômica), incluem os seguintes períodos: 1918-1919, 1920-1921, 1923-1924, 1926-1927, 1929-1933, 1937-1938, 1945, 1948-1949, 1953-1954, 1957-1958, 1960-1961, 1969-1970, 1973-1975, 1980, 1981-1982, 1990-1991, 2001 e 2007, ano que representa o pânico atual e sem qualquer luz no fim do túnel.

Uma impossibilidade matemática!

O único aspecto que foi mantido da grande promessa, não totalmente, mas na generalidade, é o de que os bancos não irão falir da mesma forma de antes. Mas reflita sobre se isso é algo realmente positivo. E se tivéssemos uma lei contra a falência das empresas? Isso levanta uma questão óbvia: se não for permitido às empresas falirem, quais são as garantias de incentivo ao sucesso com solidez e produtividade em prol do bem comum? Numa economia capitalista, a perspectiva do fracasso impõe disciplina e atendimento ao consumidor. Esse é um aspecto essencial do mercado competitivo, visto que uma promessa contra a falência apenas prolonga a ineficiência e a incompetência.

Em outras palavras, falências de bancos não devem ser mais lamentadas do que os demais fracassos que ocorrem no mercado. Elas são uma característica normal de um sistema de livre iniciativa. E os depositantes? Num sistema livre e competitivo, os depósitos seriam garantidos; qualquer um que não fosse pago de volta como prometido estaria sob as leis de proteção contra a fraude. Depósitos não garantidos seriam emprestados aos bancos e tratados como qualquer outro investimento de risco. Os clientes manteriam vigilância

sobre as instituições que cuidam do seu dinheiro e parariam de confiar nos reguladores de Washington, que, na verdade, não desenvolvem um bom trabalho para investigar a incompetência dessas instituições.

Mas este não é o espaço adequado para explicar o funcionamento de um sistema bancário de livre mercado. Levanto a questão apenas para sublinhar a lição mais importante: nenhuma empresa num ambiente de livre mercado desfrutaria de uma proteção absoluta contra o fracasso. O caminho para as instituições atingirem a meta da eficiência e da solidez é desenvolver um processo contínuo de tentativa e erro. Considere o caso soviético; que eu saiba, nenhuma empresa jamais fechou as portas durante o regime, mas a sociedade ficou cada vez mais pobre. Pense no sistema soviético aplicado à indústria bancária e você terá o Fed.

Compreender a história da fundação do Fed e das consequências de sua atuação ajuda a desvendar um pouco do seu mistério. Algumas pessoas afirmam que o Fed nada mais é do que uma organização privada que trabalha para enriquecer-se à nossa custa. Outras pessoas afirmam que se trata de uma organização estatal que opera com a finalidade de fornecer recursos para o governo quando este não consegue mais nos tributar.

Nenhuma dessas opiniões está exatamente correta. Na verdade, o Fed é uma parceria público-privada, uma coligação de grandes bancos cujos proprietários atuam com a bênção do governo, que indica seus gestores. De alguma maneira, reúne o pior dos mundos corporativo e estatal, com cada lado dando sua contribuição para uma instituição que tem sido terrivelmente prejudicial para a prosperidade dos Estados Unidos.

Em todo o caso, William Greider está corretíssimo quando diz que o advento do Fed representou "o início do fim do *laissez-faire*".[15] A instituição transferiu todo o sistema financeiro para a esfera de comando da administração pública em nome de causas políticas.

Ao longo dos anos, o Fed tem conseguido cada vez mais liberdade para usar os meios necessários para inflacionar a oferta monetária. Hoje em dia, pode adquirir o que quiser e apenas registrar como ativo. Quando compra uma dívida, o faz com o dinheiro recém-produzido. O Fed mantém uma rigorosa política de baixas taxas de juros que permite aos bancos empilhar empréstimos sobre os depósitos existentes e utilizar os depósitos adicionais como base para mais empréstimos. Assim podem ajustar a taxa federal de fundos de acordo com o seu interesse e influenciar toda a economia, além de intervir no mercado de câmbio e nos demais mercados.

As consequências advindas da atuação do Fed não foram previstas nem pelos seus criadores. Eles devem ter imaginado que o Fed realmente ajudaria a suavizar os ciclos econômicos, mas, para acreditar nessa tese, você deve considerar que o real problema do ciclo econômico é a sua fase de crise, quando há contração do crédito. O Fed pode, de fato, criar liquidez nesses períodos com uma simples operação de impressão de mais papel-moeda com objetivo de cobrir os depósitos. Se você pensar no ciclo como o início do *boom* econômico – quando o dinheiro e o crédito estão baratos e elevam os empréstimos para financiar projetos insustentáveis –, as questões mudam substancialmente.

[15] William Greider, *Secrets of the Temple.* Nova York, Simon & Schuster, 1989, p. 280.

Em 1912, Ludwig von Mises escreveu um livro chamado *The Theory of Money and Credit*,[16] que foi amplamente aclamado em várias partes da Europa. Mises advertia que a criação de bancos centrais agravaria e propagaria os ciclos econômicos, em vez de eliminá-los. O processo funciona da seguinte forma: o banco central pode reduzir por capricho a taxa de juros de empréstimos cobrada aos bancos-membros. Essas instituições podem comprar a dívida pública e registrar o débito em seus balancetes como ativos, que diminuem a cobertura da reserva para os empréstimos tomados pelos próprios bancos-membros. Mas ao fazer tudo isso, o banco central está jogando com os sinais enviados aos mutuários pelo setor bancário. As empresas são ludibriadas ao tomar empréstimos de longo prazo e iniciar projetos que não podem ser sustentados. Os investidores, cheios de dinheiro novo, investem em ações e na compra de imóveis, operações que disseminam uma febre de compra e venda entre a população.

O problema é que todas essas atividades criam uma prosperidade ilusória, um falso crescimento econômico. Quando taxas de juros menores advêm de uma poupança real, o sistema bancário está sinalizando que o sacrifício necessário do consumo atual ocorre com a finalidade de financiar os investimentos de longo prazo. Mas quando os bancos centrais pressionam as taxas para baixo por mero capricho, a impressão criada é a de que as poupanças estão lá guardadas, quando na realidade não estão. A crise resultante dessas atividades torna-se inevitável quando os bens que são produzidos não podem ser adquiridos, e as pessoas começam a se dar conta da realidade. O resultado é que as

[16] Ludwig von Mises, *The Theory of Money and Credit*. New Haven, Yale University Press, 1953.

empresas têm suas falências decretadas, as hipotecas das casas são executadas e as pessoas resgatam as suas ações ou qualquer que seja o investimento da moda.

Esse dinheiro falso, que cria um falso *boom* econômico, não é um fato desconhecido na história. No final do século XIX, Thomas Paine observou que o papel-moeda ameaçava transformar o país numa nação de "corretores de ações".[17] Na verdade, isso pode acontecer até mesmo quando a moeda não é de papel. O famoso caso da febre das tulipas na era dourada da Holanda foi causado por afluxos de ouro de toda a Europa depois de o governo ter concedido um enorme subsídio para todos cunharem moeda.[18]

Os mercados internacionais pioraram a situação ao permitirem que a fase de crescimento do ciclo continuasse por mais tempo do que se seguisse o curso natural, enquanto os estrangeiros compravam e contraíam novas dívidas usando-as como garantia para as suas próprias expansões monetárias. Mas, afinal, eles também se viram enredados no ciclo de falsa prosperidade (crescimento econômico e crise) que antecipou uma crise bem real. Os mercados internacionais conseguiram atrasar, mas não eliminar definitivamente os resultados inevitáveis da expansão monetária.

Ora, o conhecimento desse problema não era bem difundido entre os banqueiros e os representantes do governo em 1913, quando o Fed foi criado. Mas não demoraria muito até que se tornasse evidente que o Fed traria mais instabilidade do que

[17] No original, *stockjobbers*. (N. T.)

[18] Doug French, *Early Speculative Bubbles and Increases in the Supply of Money*. Auburn, Mises Institute, 2008.

estabilidade, não crises e *booms* econômicos menores, mas ciclos ainda mais profundos e prolongados. A mais longa de todas, dramaticamente agravada por uma péssima política econômica, foi a Grande Depressão.

Podemos estar entrando em outro período de crise extrema.

CAPÍTULO 3

MINHAS INFLUÊNCIAS INTELECTUAIS

Meu interesse em economia monetária começou muito cedo. Nascido em 1935, lembro-me do fim da Grande Depressão e da escassez da Segunda Guerra Mundial. Vindo de uma família que me ensinou como virtudes o trabalho pesado, a frugalidade e a poupança, soube logo cedo que nem mesmo alguns centavos podiam ser dispensados. Mas, nessa altura, um centavo de cobre tinha, efetivamente, um valor real.

Lembro-me de caminhar com meus irmãos até uma loja para comprar doces. Cada um de nós tinha quatro ou cinco centavos e conseguia comprar uma sacola pequena cheia de balas. Hoje, não só não podemos nos dar ao luxo de produzir a nossa moeda de centavo com cobre, como também não temos recursos para fazê-la com zinco. A moeda de um centavo está destinada a ser feita de aço ou eliminada como uma forma de reduzir custos. De fato, a moeda de um centavo é hoje um incômodo para a maioria de nós.

Meu primeiro emprego, e também dos meus irmãos, foi como ajudante do meu pai numa pequena leiteria que funcionava no porão de nossa casa. Mesmo com cinco anos de idade, o sistema de incentivos foi incutido em mim. Nosso trabalho

era garantir que todas as garrafas de vidro, que eram lavadas manualmente, estivessem limpas. Era ruim para os negócios que um cliente visse uma mancha preta no fundo da garrafa. Para cada garrafa suja, que encontrávamos ao removê-las da correia transportadora para serem colocadas na caixa de madeira, éramos recompensados com um centavo. Não demorava muito para sabermos quando um certo tio estava lavando as garrafas, pois era quando achávamos mais frascos sujos.

Essa experiência me ensinou a importância do trabalho e o valor de cada centavo. Meus pais não davam mesada, mas eu era um poupador nato. Às vezes, parece que ser um poupador ou um perdulário é uma tendência inata e que os hábitos iniciais são mantidos ao longo da vida. Minha primeira experiência em aprender o valor de um centavo me serviu bem quando chegou o momento de pagar pela minha educação.

Meu pai tinha duas preocupações com o leite. Primeiro, ele testava a qualidade experimentando cada lata de leite oriunda de diversas fazendas. Ele era capaz de, por exemplo, dizer se as vacas haviam entrado num canteiro de cebolas, o que estragava o leite. A segunda preocupação era o leite ter sido misturado à água. Mais tarde, percebi que o crime de diluição era idêntico ao crime de gerir uma moeda elástica pelo princípio da diluição.

Meu pai não era um colecionador de moedas, mas ele entendia o valor do trabalho árduo, da poupança e até do centavo. Em algum momento ao longo da sua vida, do fascínio com a mudança da moeda de um centavo gravada com a cabeça do índio para a moeda com o rosto de Lincoln, ele começou depositando as moedas do índio dentro de uma lata de café – centavos que eu tenho certeza terem vindo das nossas vendas de leite no varejo. Na época, um litro de leite custava US$ 0,15.

Não estou certo de quantos anos eu tinha exatamente, mas provavelmente me interessei por colecionar moedas durante a Segunda Guerra Mundial. Comecei a juntá-las, inicialmente, quando trabalhava como entregador de jornais do *Pittsburgh Press* e, depois, com as vendas do leite. Aquela lata com as moedas do índio ficou durante anos sobre uma mesa da nossa cozinha. Por volta de 1940, a moeda com a cabeça do índio já havia há muito saído de circulação. Que eu me lembre, havia 986 centavos na lata. Eu as olhava, as separava, conhecia bem as moedas daquela lata.

Embora fosse óbvio que, dentre os cinco filhos, eu era o mais interessado na coleção de moedas, não havia jeito de aqueles centavos se tornarem meus por causa da doutrina de equidade dos meus pais, ou seja, "sem privilégios".

Eu poupei o meu dinheiro, e quando consegui juntar US$ 20 fiz um acordo com o meu pai: todo o meu dinheiro em troca dos seus 986 centavos. Era, para mim, uma grande negociação, mas só eu sabia que naquele pote estava uma moeda 1909-S[1] em bom estado de conservação, o que ainda tornava a compra um excelente negócio. Eu ainda tenho aquela moeda especial e a maior parte das outras 985.

Moedas de centavos são um incômodo para a maioria de nós hoje em dia. Mas aquela moeda 1909-S manteve e até superou o seu valor numismático,[2] apesar da inflação. Embora fosse um menino, eu compreendi que raridade e qualidade conferiam

---

[1] As moedas de um centavo identificadas como 1909-S integram uma série especial. Por serem raras, essas moedas podem custar entre US$ 750 e US$ 800 em bom estado e alcançar um preço entre US$ 1.800 e US$ 2 mil se não tiverem entrado em circulação. (N. T.)

[2] A numismática é a ciência que tem por objeto de estudo as moedas e as medalhas. (N. T.)

valor à moeda – os fundamentos de um colecionador. Somente 309 mil moedas 1909-S foram cunhadas. Passaram-se anos até eu entender a relação entre a oferta de moeda, o valor do nosso dinheiro e os ciclos econômicos. Mas mesmo na época eu fiquei impressionado com a relação entre a baixa cunhagem e a respectiva atribuição de valor.

Durante a Segunda Guerra Mundial, eu ouvi no rádio um anúncio pedindo a todos nós que comprássemos os títulos de guerra.[3] Na escola, éramos encorajados a fazer o mesmo, e eu tenho certeza de que os jornais também incentivavam a compra. Era um ato patriótico. Eu comprei; toda a minha família também. Pouparíamos US$ 18,75 para comprar US$ 25 de títulos da guerra, com vencimento em 10 anos a 2,9% de juros.

Foi apenas um golpe, como eu viria a descobrir muito anos depois. Quase todo o financiamento da guerra veio dos impostos e da inflação da moeda pelo Fed. A campanha *Compre Títulos* era uma ferramenta psicológica para manter todo mundo concentrado na guerra. Controle de preços e de salários e o racionamento tornaram pior uma situação que já era ruim. E ainda era o nosso dever marchar em sintonia com todas as ordens e comandos do governo.

Pelas memórias pessoais e registros históricos, eu sei que a Grande Depressão não foi eliminada com o início da guerra, como muitos ainda afirmam. As mortes em massa, o confisco de propriedade e a destruição provocados pela guerra nunca são um benefício à economia, mas o alerta de que maus momentos econômicos frequentemente conduzem à guerra – quando

[3] Títulos da dívida emitidos pelo governo com o objetivo de financiar as operações militares durante os tempos de guerra. (N. T.)

um país tem recursos para tanto – é apropriado para os tempos atuais. A guerra distrai a população dos problemas econômicos, o que é uma vantagem para os maus políticos. Índices de desemprego caem quando milhões estão engajados, ou até mesmo são obrigados a entrar, no esforço de guerra. Muitas vezes, todas essas guerras politicamente convenientes não são, de modo algum, necessárias.

Lembro-me de que, quando tinha oito ou nove anos, eu perguntava sobre essas questões enquanto colecionava moedas, comprava figurinhas, as colava num álbum, depois comprava um título de guerra e pensava que tudo isso era complicado demais. Por que o governo simplesmente não imprimia o dinheiro necessário? Fui buscar uma resposta com meu irmão mais velho. Sem perceber exatamente o que estava sendo feito pelo Estado, meu irmão me deu uma explicação lógica de por que produzir mais dinheiro não funcionaria. Ele apenas disse: "se o governo o fizesse, o dinheiro não valeria coisa alguma". Podia ser uma explicação simplista, mas era verdadeira.

Aquela breve conversa ficou gravada em mim ao longo dos anos enquanto eu tentava compreender o processo de inflação da moeda e de como os preços são estabelecidos subjetivamente. Embora o sistema monetário possa ser um fator crucial em si mesmo, não é esse o único fator decisivo na definição dos preços dos bens e serviços. O processo é um pouco mais complicado do que isso. Foi somente depois da guerra e da eliminação do controle de preços, com um aumento significativo na oferta de moeda, que mais pessoas souberam o que estava acontecendo. Os preços subiram bruscamente, a uma taxa anual de 17% entre 1945 e 1947.

Tenho lembranças do racionamento durante a Segunda Guerra Mundial. Eram exigidos cupons de provisão para adquirir produtos importantes como carne, manteiga e gasolina. Quando vendíamos em nossa casa um quilo de manteiga, éramos obrigados a recolher os cupons dos clientes. Tais circunstâncias existiam juntamente com o controle de preços e de salários – de forma severa, uma boa lição para os jovens americanos que estavam tentando aprender o que era a liberdade. Sem os referidos cupons de provisão entregues pelo governo, aqueles bens não estariam disponíveis, a menos que fossem vendidos no (livre) mercado clandestino. Proibições e racionamentos são tão perniciosos que outros mercados rapidamente se desenvolvem para atender à demanda.

Estou certo de que era absolutamente necessário racionar os recursos escassos durante a guerra. Outros estavam bem certos de que se tratava de propaganda de guerra para manter o povo focado no objetivo político. Os que compreendiam o livre mercado sabiam que durante a crise ou em períodos de escassez o mercado é mais necessário do que nunca.

Na alocação de recursos escassos, a última coisa que precisamos que o governo faça é impor controles de preço e de salário.[4] Como eu bem me lembro, tal determinação só agrava o problema. Definitivamente, não aprendemos muito com os nossos erros. Controles de preço e de salário foram novamente aplicados durante a Guerra da Coreia e no início da década de 1970, depois do colapso do Acordo de Bretton Woods, o instável padrão-de-câmbio-ouro celebrado às pressas após o fim da Segunda Guerra Mundial.

[4] Robert Schuettinger e Eamonn Butler, *Forty Centuries of Wage and Price Controls*. Washington DC, Heritage Foundation, 1979; Auburn, Mises Institute, 2009.

Lembro do meu pai como um puritano. Ele acreditava que todos nós devíamos seguir as regras e obedecer ao governo. No entanto, também me recordo de acompanhá-lo aos sábados à tarde até um açougue no centro que vendia todas as carnes que você quisesse sem exigir os cupons de provisão. Evidentemente, valia a pena quebrar as regras para conseguir um pouco de carne para a família. Parecia não haver nenhum segredo sobre o que se passava. O açougue estava em plena atividade e se localizava numa rua em frente à delegacia de polícia. Esta foi provavelmente a primeira experiência real em que vi o livre mercado resolvendo os problemas criados pelas maquinações do governo.

Infelizmente, porém, não aprendemos muito. Até hoje, quando lutamos para sair de uma gigantesca crise econômica, permanece o princípio de intromissão do governo nos preços de bens e serviços. Quanto mais a crise se agrava, mais o governo interfere no mecanismo de preço. Atualmente, o mercado negro de trabalho e de bens é gigantesco.

Nosso calamitoso código tributário contribuiu substancialmente para a necessidade de uma economia clandestina. Certamente, essa necessidade crescerá enquanto a economia se deteriora ainda mais. Em termos econômicos, todas essas atividades são benéficas na clandestinidade, apesar das reclamações dos políticos de que o governo está sendo defraudado de centenas de bilhões de dólares na receita tributária. Se o mercado formal deixa de funcionar, o mercado clandestino irá se expandir de forma exponencial. Em alguns países, o mercado clandestino é responsável por manter a economia em atividade.

Após a Segunda Guerra Mundial, as condições econômicas melhoraram. Meus avós moravam perto e tinham um terreno

que pensavam em vender. Lembro de meu pai insistir para minha avó vendê-lo, mas ela hesitava. Ela se preocupava com a moeda. Meu avô nasceu na Alemanha, veio para os Estados Unidos aos quatorze anos e se estabeleceu em Pittsburgh. Minha avó nasceu nos Estados Unidos, mas seus pais eram imigrantes alemães. Em 1926, os dois navegaram até a Alemanha para visitar os familiares. Estou certo de que ouviram histórias a respeito da inflação alemã da década de 1920 e de que tais informações influenciaram o seu pensamento.

Eu me recordo da resposta que minha avó deu ao meu pai para não vender o terreno. Ela achava que não deveria vender, mas segurar o imóvel "para o caso de algo correr mal com a moeda". Apesar de a inflação nos Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial ser pequena em comparação à inflação na Alemanha em 1923, o exemplo deve tê-la deixado preocupada.

Pouco depois da guerra, os controles de preço e de salário foram eliminados e os preços aos clientes subiram nitidamente, o que também deve ter contribuído para aumentar a preocupação de minha avó. Os preços no varejo aumentaram em decorrência da inflação, que servia para financiar a guerra.

Minha avó era devota e lia a Bíblia. Ela havia lido no Gênesis 47,15: "Assim, quando acabou todo o dinheiro do Egito e de Canaã, todos os egípcios vieram até José e disseram: 'Dá-nos pão! Por que deveríamos morrer sob tua vista? Pois não há mais dinheiro'".[5]

Nosso problema atual já foi satisfatoriamente demonstrado, até mesmo no Antigo Egito. Moedas desvalorizadas fracassam. Governos não podem gerir a moeda.

---

[5] *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo, Paulus, 2002.

Apesar de a destruição do dólar ter sido lenta e insidiosa, profundas preocupações existiam antes mesmo de o presidente Nixon[6] eliminar o que restava do padrão-ouro. Durante a Guerra da Coreia, a inflação era uma preocupação suficientemente séria demais – assim como durante a década de 1970 – para merecer ser camuflada com controles de preço e de salário.

Os políticos de hoje em Washington, alheios, como de costume, aos perigos da inflação, não se mostram preocupados com o dólar ou com as operações do Fed. Em vez disso, eles ficam aterrorizados com a deflação. Pense no que a palavra *deflação* significa. Definida como um declínio da oferta da moeda, a deflação pode ser verdadeiramente explicada economicamente. Ela leva os bancos a restringir seus padrões de empréstimos e incentiva as empresas a realizar operações mais limitadas. E pode tanto pressionar o governo quanto tornar mais dispendioso assegurar o serviço da dívida. Nada disso é motivo para se lamentar.

Outra definição de deflação diz respeito ao nível de queda dos preços. É uma outra maneira de dizer que o seu dinheiro se torna mais valioso ao longo do tempo. Tampouco isso é algo para se lamentar. Empresas podem atuar e prosperar sob essas condições: veja as indústrias de software e de computadores da década de 1980 para cá. E se olharmos para o passado, até o último quarto do século XIX, o aumento do poder aquisitivo (deflação) foi acompanhado pelo maior período de crescimento econômico da história mundial, com os benefícios do capitalismo se espalhando por todos os segmentos da sociedade.

[6] Richard Nixon foi presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1969 e 1974. (N. T.)

Portanto, não acredito que a deflação seja uma ameaça. Na verdade, seríamos sortudos por enfrentar tal "ameaça"! A verdadeira ameaça que enfrentamos é o seu oposto. A preocupação que minha avó manifestou pode ter sido exagerada e precoce, mas nós, enquanto nação, estamos criando condições para "o dinheiro correr mal", ao estilo alemão. Podemos estar nos aproximando daquela época de uma forma que ninguém imagina.

O zelador da nossa escola primária em Greentree, na Pensilvânia, era um personagem interessante. Ele era visto um pouco como um velho sábio, pelo menos por mim. Outros que frequentavam a escola irão se lembrar dele, o Willy (William Foley). Ele também era o cozinheiro-chefe e o lavador de garrafas de todo o prédio – e não tinha ajudantes. Isto é, exceto durante os meses de verão, quando alguns de nós éramos contratados para lavar as paredes, as janelas e os quadros. Nós tínhamos doze ou treze anos e estou certo de que as leis contra o trabalho infantil nunca passaram pela cabeça de ninguém. Nossos salários iniciais eram, certamente, menores do que um dólar, já que naquela época eu também trabalhava numa farmácia por US$ 0,35 a hora. Meu trabalho na farmácia era surpreendentemente bem pago na época em que entrei na faculdade e me tornei gerente do Bullet Hole, o café que era o ponto de encontro dos estudantes da Faculdade Gettysburg.

A experiência de trabalhar para Willy e de ouvi-lo filosofar foi estimulante. De alguma maneira, ele provavelmente me ensinou muito mais sobre a vida do que qualquer outro dos meus professores. Ele foi facilmente um dos personagens mais inesquecíveis que conheci.

Ele falava sobre as lutas da vida, mas também atuava como um policial dos bons costumes. Apesar de ser um "simples"

zelador, ele tinha certa autoridade disciplinar, ou pelo menos poderia facilmente comunicar o mau comportamento às autoridades superiores. Mas foi aí onde ele se destacou, alertando-nos, aconselhando-nos e, principalmente, protegendo-nos da severa disciplina caso certos acontecimentos chegassem ao conhecimento do diretor, um veterano da Primeira Guerra Mundial cuja voz exprimia a exposição ao gás tóxico que sofreu durante uma batalha. O diretor ainda acreditava num rigoroso sistema de castigo corporal. Por isso, muitos de nós víamos Willy como um amigo de confiança.

Lembro-me de um assunto no qual Willy era um pouco prolixo. Ouvi ele dizer mais de uma vez que os "banqueiros" eram a fonte de nossos problemas. Eu não tinha ideia sobre o que ele estava falando e anos mais tarde eu ainda me perguntava sobre isso. Infelizmente, não sabia o suficiente para questioná-lo. Conforme os anos foram passando, deduzi algumas coisas.

Willy era velho quando chegou à nossa escola – era, para ele, um trabalho de aposentadoria. Ele contava histórias de quando foi soprador de vidro, um emprego muito bem remunerado e que lhe permitiu comprar uma extravagante carruagem. Obviamente, isso foi antes dos automóveis.

Pensando retrospectivamente, ele bem poderia ter idade suficiente para votar em 1896. Talvez fosse influenciado pelo populismo e pelos ataques contra banqueiros desferidos por William Jennings Bryan. Depois de muitos anos, porque eu nunca esqueci a acusação de que os banqueiros haviam causado todos os nossos problemas políticos e econômicos, pensei que sua opinião fosse o resultado da Era Populista-Progressiva do fim dos anos de 1800 e início dos anos de 1900.

Embora William Jennings Bryan dificilmente fosse um defensor da nossa causa, era fã de Andrew Jackson e, inicialmente, um inimigo do banco central. No seu discurso "Cruz de Ouro", Bryan bradou: "Precisamos que o *nosso* Andrew Jackson permaneça, como Jackson permaneceu, contra as usurpações da riqueza disponível!". Bryan atribuía a Jackson a destruição "da conspiração dos bancos e a salvação da América".

Bryan não era um libertário, mas seu ataque contra os poderosos interesses dos bancos deve nos conscientizar sobre o precedente histórico dos protestos contra essas elites. A coalizão formada hoje para combater as atuais operações do banco central pode ser ainda mais radical, pois é, na verdade, mais instruída do que a antecessora.

Até agora, as lideranças dos partidos Republicano e Democrata resistem a desferir qualquer ataque contra o Fed, mas isso provavelmente irá mudar, uma vez que a culpa pela nossa crise financeira atual pode e deve ser atribuída diretamente à instituição. A questão monetária está mais uma vez se tornando a questão política central.

Numa aula introdutória de economia, na Faculdade Gettysburg, tive uma pequena revelação quando descobri que a maior parte da moeda não era dinheiro de fato, mas uma moeda substituta. A economia prospera, segundo me foi dito, quando colocamos em circulação os talões de cheque, créditos de papel mantidos num registro do banco. Em minha vida protegida, eu pensava que trabalhávamos pelo dinheiro, pagávamos nossas contas em dinheiro e quando tínhamos muito em mãos, depositávamos num banco para render juros. Foi o que fiz com meus tostões obtidos cortando grama e entregando jornais e leite.

O argumento padrão

Mas então me foi explicado que o banco só precisava ter uma fração do dinheiro em mãos. Disseram-me que isso facilitava o crescimento econômico através do conceito de sistema bancário de reservas fracionárias. Isso me fez questionar, mas certamente não o suficiente, o sistema que o professor me explicava. De alguma maneira, parecia ser um truque muito bem realizado.

Minha primeira reação poderia ter sido algo como a descoberta surpreendente de Paul Begala sobre as ordens executivas quando serviu na administração Clinton: "Canetada, lei da terra, muito legal".[7] Begala, é claro, ficou eufórico com o notável atalho descoberto para a aprovação de leis que fazia com que o Congresso não atrapalhasse o processo legislativo e contrariasse os interesses do governo americano.

Os bancos certamente desfrutaram dos benefícios do atual sistema monetário e do princípio do sistema bancário de reservas fracionárias. Assim como Begala, os destinatários dos benefícios oriundos do fraudulento sistema monetário estão satisfeitos com o atalho para conseguir o dinheiro. Mesmo depois que o esquema para enriquecê-los desmorona, o que inevitavelmente acontece, suas expectativas permanecem iguais. Eles dizem fornecer um inestimável serviço público e, por essa razão, merecer o apoio ininterrupto do tesouro público. Mas desta vez está acontecendo mais diretamente, através dos planos de resgates financeiros sustentados pelos pagadores de impostos. Uma vez instituído esse princípio, a fila só aumenta e quase todos pedem ajuda.

---

[7] Como base de comparação, as ordens executivas do sistema americano são parecidas, no sistema constitucional brasileiro, às medidas-provisórias expedidas pelo presidente da República. Um bom texto sobre o tema é *Executive Orders and the Decline of Law* [Ordens Executivas e o Declínio da Lei], de William L. Anderson. Disponível em: http://www.lewrockwell.com/anderson/anderson184.html. (N. T.)

As sementes da desconfiança financeira foram plantadas décadas atrás, como eu vim a descobrir numa turma da faculdade nos anos de 1950. O sistema corrupto durou muito tempo, agora o pagamento da fatura recai sobre nós.

Nos anos de 1960, descobri os escritos de economistas como Ludwig von Mises, F. A. Hayek, Murray N. Rothbard e Hans F. Sennholz. Aos poucos, encontrei as respostas que vinha procurando. Mesmo para os especialistas, levou séculos para compreender completamente a natureza da moeda e dos ciclos econômicos. Infelizmente, aqueles que estão no comando do nosso governo e do sistema bancário continuam negando a verdade, descoberta muitas décadas atrás, a respeito da moeda.

Quando eu servia na Força Aérea dos Estados Unidos e fiquei na Base Aérea de Kelly como médico de voo, meu vizinho de porta, um colega médico, me ensinou algo prático sobre o sistema. Ele compreendia o que era a moeda forte e foi também influenciado por sua fé mórmon, que o ensinou a ter autoconfiança e viver com frugalidade. Eu descobri que de forma regular ele enviava e comprava dólares de prata fora de circulação. Na época, a onça da prata ainda custava US$ 1,21 e, portanto, não havia incentivo para comprar e derreter dólares de prata por causa de sua matéria-prima. Ele, no entanto, pagava um prêmio sobre o valor normal. Apesar de o custo adicional ser muito baixo, era um pouco estranho para mim que alguém pagasse US$ 1,05 por um dólar de prata que poderia ser obtido no banco por US$ 1,00 em compras rotineiras. Os 5% extras eram o custo por conseguir uma moeda que não havia entrado em circulação.

Os instintos do meu amigo sobre estocar dólares de prata estavam certos. Não muitos anos depois, em 1965, aquela prata foi eliminada da cunhagem. Mesmo a afirmação de Lyndon B.

Johnson de que cunharia tantas moedas de cinquenta centavos de dólar[8] quanto fossem necessárias até o mercado ficar saturado e forçar as moedas a permanecer em circulação estava errada. Ele não entendeu a Lei de Grensham (a moeda sobrevalorizada pelo governo irá expulsar a moeda desvalorizada pelo governo), e, quanto mais ele cunhava, o que acabou por atingir um número recorde, mais rápido as moedas eram tiradas de circulação. Como o preço da prata nunca ficou abaixo de US$ 1,21 a onça, as moedas de cinquenta centavos de dólar feitas com o mesmo material nunca mais circularam.

Outro médico que eu conheci nessa época viajava periodicamente para Las Vegas e trazia para casa uma bolsa de moedas de dólares de prata. Estas ele adquiria pelo valor nominal. Dólares de prata naquele tempo ainda eram usados nas máquinas dos cassinos. Não seria fascinante ver e ouvir as verdadeiras moedas de dólares de prata sendo usadas? Cartões de crédito, notas de dólares e fichas – que chato! E eu nem jogo.

O evento monetário que me levou a entrar para a política aconteceu em 15 de agosto de 1971. Naquele domingo à noite, Richard "somos todos keynesianos" Nixon anunciou que o governo dos Estados Unidos teria que descumprir a promessa de entregar ouro para qualquer governo estrangeiro detentor de dólares americanos à taxa de uma onça de ouro por US$ 35.

Além disso, foram colocados em prática controles de preço e de salários juntamente com uma tarifa de importação de 10%.

---

[8] No original, *Kennedy silver half-dollar*, cunhada em prata pela primeira vez no início de 1964, em homenagem ao presidente John F. Kennedy, assassinado em novembro de 1963. Em 1969, a prata foi eliminada pelo Tesouro dos Estados Unidos das moedas de cinquenta centavos, que passaram a ser feitas de cobre e níquel. (N. T.)

Em vez de os mercados entrarem em colapso, como eu pensei que aconteceria, o movimento foi imediatamente elogiado pela Câmara de Comércio, e o mercado de ações disparou. Os problemas vieram um pouco mais tarde e duraram uma década. A recuperação do mercado de ações rapidamente fracassou.

Essa foi a terceira promessa quebrada pelo nosso governo em relação ao lastro-ouro do nosso dólar. Lincoln quebrou uma durante a Guerra Civil e FDR[9] quebrou outra em 1933, quando confiscou o ouro do povo americano e tornou ilegal a sua posse. Roosevelt pegou o ouro a US$ 20 a onça e prontamente subiu o preço para US$ 35 a onça. Os cidadãos perderam, o governo lucrou.

Os lucros desse processo foram utilizados inicialmente para criar o Exchange Stabilization Fund, que funciona até hoje. Trata-se de um caixa dois escondido do escrutínio do Congresso e que já usou US$ 50 bilhões no atual processo de resgate do sistema financeiro. É uma operação de autofinanciamento, que recebe juros suficientes do Tesouro para permitir ao Fed fazer o que bem entender, quando bem entender. Nos termos da lei, ainda lhe é permitido interferir no mercado de ouro, o que eu suspeito que o Fundo faz.

Tragicamente, os tribunais apoiaram esse roubo ilegal do povo cometido por Roosevelt e determinaram a nulidade de todas as promessas de pessoas privadas e do governo para pagar em ouro os titulares de obrigações. Tanto pior para o Artigo I, Seção 10, da Constituição Federal dos Estados Unidos, que determina ao governo federal proteger os contratos, não quebrá-los deliberadamente.

[9] Sigla pela qual é conhecido o presidente americano Franklin Delano Roosevelt, que governou o país de 1933 a 1945. (N. T.)

Em 15 de agosto de 1971 ocorreu o grande evento na história do dólar americano. De muitas maneiras, dizia-se que o governo dos Estados Unidos estava insolvente e não poderia cumprir seus compromissos monetários. Houve uma corrida mundial ao sistema americano, e os Estados Unidos se recusaram a pagar. Um padrão de reservas lastreado em dólares substituiu o padrão-pseudo-ouro do Acordo de Bretton Woods. Não houve aqui nada inesperado. O fracasso de Breton Woods foi previsto desde cedo por economistas austríacos, especialmente Henry Hazlitt, que escrevia artigos diários para a página editorial do *New York Times*.[10] Os economistas da Escola Austríaca também sabiam que, ainda em 1971, o novo padrão-papel-moeda não garantiria a estabilização do sistema financeiro.

A mudança para um novo regime monetário foi um movimento sem precedentes no planejamento monetário global, um mergulho indiscriminado no mundo do papel-moeda em circulação. Diante da falta de lastro para o dólar, os americanos se tornaram completamente confiantes na capacidade do Fed em administrar a nossa moeda e fazê-lo sem qualquer disciplina externa. O caos foi dramático. O dólar foi bruscamente desvalorizado e a inflação de preços tornou-se um grande problema na década de 1970, assim como o constante aumento da taxa de juros. Mas o que mais me impressionou foi que as previsões feitas muito tempo antes pelos economistas austríacos estavam corretas.

Foram as consequências desse evento em 1971 que me levaram a decidir, numa brincadeira feita no final de 1971, me candidatar ao Congresso em 1974. O Texas ainda era um estado democrata e só havia três republicanos numa delegação de 24

[10] Henry Hazlitt, *From Bretton Woods to World Inflation*. Washington DC, Regnery, 1984; Auburn, Mises Institute, 2009.

congressistas. O distrito pelo qual eu estava me candidatando nunca havia eleito um republicano. Em 1974, o lugar continuou sendo um distrito democrata.

Minha primeira vitória só viria numa eleição especial realizada na primavera de 1976. Naquela época, eu estava ansioso para ter um foro no qual pudesse falar sobre política monetária e a sua relação com o inexorável crescimento do nosso governo federal. Fiquei tão surpreso quanto qualquer um quando aquele esforço para difundir uma mensagem sobre política monetária e liberdade me conduziu a um tipo de carreira na política.

Eu estava convencido de que, se alguém não desempenhasse a função de Papai Noel ou de garoto de recados do distrito, seria impossível conquistar uma cadeira no Congresso dos Estados Unidos. Minha mulher, Carol, me alertou na época sobre o fato de que a campanha poderia ser perigosa: "Você pode acabar vencendo". Eu dispensei a sua preocupação e não imaginei que tivesse uma chance. Fui gratamente surpreendido.

Tão importante quanto os eventos dos anos de 1970, o caos financeiro que estamos testemunhando agora é muito mais expressivo. O fato de o sistema ter sido mantido coeso por mais tempo do que muitos economistas austríacos esperavam significou apenas que a bolha financeira, a dívida, os maus investimentos e os desequilíbrios internacionais se tornariam muito maiores.

O mercado fez todos os esforços para corrigir os equívocos monetários dos 37 anos anteriores. O Fed foi capaz de minimizar as correções só para assegurar o caminho para esse erro GIGANTESCO de hoje, que, é claro, significa uma depressão mundial pior do que a dos anos de 1930 – a não ser que despertemos rapidamente.

Estamos vivendo tempos turbulentos e seremos forçados a conceber um novo sistema monetário, assim como fomos obrigados a fazê-lo no fim do sistema Bretton Woods. Mas não devemos olhar para trás, nem retornar ao velho acordo de 1944. Hoje, ainda persiste uma doce ilusão em relação àquele acordo, mas o padrão de reserva lastreado em dólares, que o mundo aceitou cegamente durante mais de três décadas, está morrendo e a estrutura financeira está se desintegrando. O que decidirmos fazer agora afetará o bem-estar dos cidadãos americanos pelas décadas seguintes. Não há como retornar ao padrão do dólar fiduciário que evoluiu após 15 de agosto de 1971.

Os anos de 1970 foram agitados e os economistas do sistema foram iludidos por uma economia estagnada e uma inflação galopante de preços que culminaram na criação de um novo termo para descrever as condições: *estagflação*.

Estando no Congresso no final da década de 1970 e início dos anos de 1980, e trabalhando na Comissão Bancária da Câmara, eu encontrei e questionei muitos dos presidentes do Fed: Arthur Burns, William G. Miller e Paul Volcker.

Dos três, eu tive mais interação com Volcker. Ele era mais bem-apessoado e inteligente do que os outros, incluindo os mais recentes Alan Greenspan e Ben Bernanke. Eu tive a oportunidade de questioná-los no meu segundo mandato no Congresso, iniciado em 1997.

Em 1980, a parte principal da legislação bancária, a Monetary Control Act, foi aprovada. Muitos a consideraram um prelúdio para a crise da poupança e de empréstimos daquela década. Eu manifestei em audiência minha preocupação ao presidente Volcker sobre se as exigências de reserva poderiam ser reduzidas

a zero e se o Fed poderia comprar qualquer ativo, incluindo os da dívida externa.

Volcker me convidou para um café da manhã privado com o objetivo de me dissuadir da interpretação que fiz. Lew Rockwell, meu chefe de gabinete, foi comigo ao encontro. Curiosamente, chegamos mais cedo e estávamos conversando com o assessor de Volcker quando ele chegou. Antes de reconhecer Lew ou a mim, ele foi rapidamente até o assessor e perguntou: "Qual é o preço do ouro?".

Na época, o preço do ouro estava subindo e havia uma preocupação profunda a respeito da inflação e do valor do dólar nos mercados internacionais de câmbio. Eu acredito que os banqueiros estão sempre olhando o preço do ouro porque sabem o que muitos de nós sabemos: no longo prazo, o melhor indicador da solidez de uma moeda é justamente o preço do ouro.

A falácia é que eles acreditavam que se o preço do ouro pudesse ser mantido sob controle, mesmo que artificialmente, isso transmitiria confiança na moeda e no sistema bancário. Desafiar por meios artificiais as forças de mercado que querem um preço mais elevado para o ouro só pode funcionar temporariamente. O mercado, ou o *mercado negro*, se necessário, sempre irá definir os preços reais de tudo. Em algum momento, o tabelamento artificial do preço do ouro entra em colapso. Foi o que aconteceu em 1971. A decisão de despejar perto de 500 milhões de onças de ouro a US$ 35 na década de 1960 nunca conseguiu conter a depreciação do dólar. Ainda assim, os bancos centrais estavam determinados a manter uma restrição sobre o preço do ouro em dólar. Volcker foi chamado a presidir o Fed com o objetivo de interromper a inflação e estava obviamente interessado no preço do ouro, que era um teste crucial para ele, uma vez

que o Fed já havia desistido de fingir que poderia "corrigir" para sempre o preço do ouro. Esse esforço, é claro, foi abandonado em 1971 com o fechamento da janela de ouro.[11]

Volcker, como secretário-adjunto do Tesouro em 1971, expressou grande dúvida sobre a janela daquele movimento específico em relação ao ouro. Uma conversa informal recente com Volcker, em 2008, confirmou essas preocupações, mas ele me garantiu que um padrão-ouro não era a resposta para os problemas de hoje.

O café da manhã correu bem e ele foi muito cordial (um convite assim era algo que Greenspan jamais faria, nem eu esperava ser convidado tão cedo para um café da manhã privado e um debate com Bernanke). No fim do encontro, Volcker finalmente concordou que a minha interpretação da sua fala estava correta, mas me assegurou que nunca reduziria as exigências da reserva para aquele nível, nem compraria ativos sem valor. Seu argumento era de que o Fed queria essa autoridade para ter liberdade de aumentar à vontade as exigências de reservas, como ele de fato fez com as taxas de juros que detonaram a fúria da inflação nos anos de 1970. Quando estávamos saindo, eu disse que, embora não esperasse que ele fosse usar esses poderes extremos, não haveria garantia de que outra pessoa não o fizesse futuramente. Mas o futuro chegou.

O fato é que não apenas isso veio a acontecer com Bernanke, mas muito mais autoridade tem sido usurpada pelo Fed enquanto o Congresso diz muito pouco sobre isso. O Fed tem hoje um poder sinistro que o Congresso mal compreende. Não

[11] *Gold window* foi a expressão criada para batizar o fim da conversibilidade entre o dólar e o ouro determinado pelo presidente Richard Nixon em 1971. (N. T.)

há, essencialmente, nenhuma fiscalização, nenhuma auditoria e nenhum controle. E o Fed é protegido pelo Federal Reserve Act. É por isso que o presidente do Fed não tem obrigação de responder sobre as questões que relata nos encontros do Federal Open Market Committee e sobre as ações tomadas em conluio com outros bancos centrais. Trilhões de dólares podem ser criados e injetados na economia sem que o Fed seja obrigado a revelar quem são os beneficiários de suas decisões. Ações judiciais e demandas por liberdade de informação não compensarão o esforço para obter esse tipo de informações vagas.

Arrogância é uma palavra suave para descrever a atitude daqueles que controlam o nosso sistema monetário. Quando Bernanke foi pressionado para revelar mais informações sobre onde foram parar os trilhões de dólares usados pelo Fed, a resposta foi bastante clara: "Consideramos que isso", ou seja, revelar a informação, "é contraproducente".[12]

Meu primeiro contato com a Escola Austríaca de Economia foi mediante a leitura de *O Caminho da Servidão*, de F. A. Hayek, no início dos anos de 1960. Em meio ao caos financeiro que se seguiu à ruína de Bretton Woods, Hayek conquistou o Prêmio Nobel em 1974 pelo seu trabalho sobre a economia dos ciclos econômicos. Ele é muito conhecido hoje por seu trabalho sobre moedas concorrentes, desenvolvidas pelo mercado junto com o conceito de que uma cesta de moedas pode ser suficiente para ser utilizada como reservas. Nunca tive grande afinidade com a ideia da cesta de moedas, mas sempre aceitei que se a cesta fosse desenvolvida por uma entidade não governamental, sem nenhuma fraude, e funcionasse, eu não veria problema em

[12] Steve Matthews e Craig Torres. "Bernanke diz que o Fed não revelará detalhes sobre os empréstimos". Bloomberg.com em 18/11/2008.

aceitá-la. Seria um modelo certamente superior ao da moeda fiduciária do governo.^

Muitos anos depois de ter lido *O Caminho da Servidão*, eu tive o prazer de ouvir uma palestra de Hayek em Washington, por volta de 1980. A seguir ao encontro, tivemos um jantar privado e passamos juntos várias horas de sua visita. Esse jantar, de que me lembro bem, solidificou ainda mais meu interesse e convicção na Economia Austríaca.

Inicialmente, eu tinha participado de uma palestra de Ludwig von Mises na Universidade de Houston. Foi provavelmente em 1972, um ano antes de sua morte. Naquela época, eu estava bastante ocupado com minha atividade médica, mas vi uma curta notícia no jornal local sobre uma palestra de Mises na universidade durante a semana. Eu sabia que havia apenas um outro médico na cidade de Lake Jackson, dr. Henry May, que daria importância a esse acontecimento incomum. Liguei para ver se ele se importava de viajar oitenta quilômetros para ouvir Mises. Nós reorganizaríamos nossos horários na clínica e faríamos a viagem.

Mises, naquela época, era idoso, mas arguto. O assunto da palestra era socialismo, e ele explicou por que esse sistema sempre fracassa devido à ausência da estrutura de preços do livre mercado para os bens de capital. Era a última turnê pelos Estados Unidos, e Houston pode muito bem ter sido o seu último evento (Mises morreu em 19 de outubro de 1973, aos 92 anos).

Não nos surpreendeu o fato de a universidade não ter dado a Mises uma recepção de prestígio. A palestra foi realizada numa sala de tamanho modesto, mas o lugar estava lotado. A popularização da economia austríaca naquele tempo estava em seu estágio inicial, mas mesmo assim era óbvio que havia uma grande

fome de conhecimento e busca da verdade na economia. O início dos anos de 1970 foi verdadeiramente agitado, e uma vez que o preço do ouro estava subindo e o preço do dólar caindo mais e mais, as pessoas estavam em busca de soluções. Hoje, é claro, os problemas são muito mais graves e a necessidade de respostas é ainda mais urgente.

Para dizer o mínimo, minha viagem a Houston para ouvir Mises em pessoa foi uma inspiração. Creio que quando a história definitiva do século XX for escrita, Mises será considerado um dos maiores economistas, senão o maior, do século. O reconhecimento não virá tão cedo porque os responsáveis pela catástrofe econômica estão em estado de total negação sobre a forma como eles, que agora tentam salvar o sistema, causaram todos os problemas que enfrentamos. As universidades ainda estão confusas, a exemplo de Washington, com keynesianos e socialistas recusando-se a conferir o mínimo de credibilidade à ideia de extinção do banco central e do estabelecimento de uma moeda forte. Mas essa situação está mudando. Daqui a cinquenta anos, se não caminharmos para alguma idade das trevas pela nossa recusa em reafirmar os princípios da liberdade, da economia austríaca e, em particular, de Mises, teremos o devido respeito.

Meu interesse em economia austríaca e especialmente em política monetária direcionou naturalmente minha atenção para o esforço contínuo para legalizar o ouro nos Estados Unidos desde que o decreto de Roosevelt, de 5 de abril de 1933, proibiu aos americanos possuir ouro legalmente. Apenas três países na década de 1970 proibiram seus cidadãos de possuir o metal; um deles foi a União Soviética.

Roosevelt, através de uma ordem executiva (nº 6102) em 1933, confiscou todo o ouro em posse dos cidadãos, com

algumas poucas exceções, como as moedas de colecionadores, e impôs penas severas para aqueles que a desobedecessem. A pena era de US$ 10 mil e/ou dez anos de prisão. Em dinheiro de hoje, equivalia a mais de US$ 400 mil. Foi uma jogada bastante arrogante e ousada e que provocou muitos estragos.

Atualmente, como política padrão, o Congresso tolera as ordens executivas da Presidência, o *signing statement,*[13] a legislação judiciária e as agências reguladoras, como se todas fossem admissíveis. Embora fosse um grande evento de confisco do ouro, as queixas eram mínimas. A atmosfera de crise e a necessidade de o governo resolver a crise econômica associada à Grande Depressão contiveram qualquer reclamação sobre a usurpação do poder por Franklin Delano Roosevelt.

Uma vez que a nossa crise atual pode muito bem evoluir para algo ainda maior do que a que sofremos nos anos de 1930, só podemos imaginar, nessa atmosfera pós 11 de Setembro, o tamanho da autoridade que será exercida pelo Poder Executivo. A única questão é: o povo americano resistirá? E até quando?

Pelo menos a ordem executiva de Roosevelt acabou sendo revertida. Não por um presidente que poderia ter revogado a ordem, mas finalmente pelo Congresso em resposta à pressão exercida sobre os congressistas pelos movimentos de base. O sistema pode funcionar, como funcionou em janeiro de 1975, quando os americanos puderam mais uma vez possuir moedas de ouro.

Muito crédito foi dado ao falecido Jim Blanchard pelo seu National Committee to Legalize Gold, que publicava um boletim com o objetivo específico de fazer *lobby* pela legalização.

[13] O *signing statement* é o ato pelo qual o presidente dos Estados Unidos modifica o significado de um texto de lei. (N. T.)

Curiosamente (e nós fomos lembrados disso durante a minha campanha presidencial), ele tinha um avião biplano que sobrevoou o desfile inaugural do mandato de Nixon em 1973 rebocando uma faixa com os dizeres "Legalize o Ouro". Uma América mais livre! Hoje, aquele avião poderia ser derrubado. Mas foi o presidente Ford que permitiu uma vez mais a propriedade do ouro. As autoridades temiam essa mudança porque o "preço" do ouro é o teste definitivo do valor de uma moeda. Uma vez que o despejo de 500 milhões de onças de ouro na década de 1960 não impediu a corrida pelo ouro, as autoridades internacionais estavam determinadas a punir aqueles "especuladores" que estavam "ocultando" o ouro.

O preço do ouro subiu de US$ 35 a onça para US$ 195 entre 1971 e 1975, com a expectativa de que o preço subiria ainda mais com a entrada dos cidadãos americanos no mercado. Uma vez que o aumento de preço previsto já fora descontado, os comerciantes estavam dispostos a vender, o que fizeram, e o preço do ouro foi derrubado precipitadamente de US$ 195 para, afinal, US$ 102 em 30 de agosto de 1976. Mas isso foi mais do que um mero ajuste pelos comerciantes. Um esforço acertado entre o Tesouro e o FMI para derrubar o preço, com o despejo de toneladas de ouro no mercado, serviu para estimular ainda mais a queda de preços. Mas, obviamente, isso não durou muito tempo, e o preço do ouro retomou o seu movimento ascendente.

Ainda hoje, o governo e os bancos centrais têm um intenso interesse em não permitir que o preço do ouro envie ao mundo um sinal de desconfiança que mostre quão fraco é o dólar. Nos últimos anos, os bancos centrais têm vendido ouro constantemente, e estou muito desconfiado de que o Grupo de Trabalho

da Presidência para os Mercados Financeiros – o "Grupo de Proteção contra o Risco Bancário"[14] – atue no mercado de ouro para manter o preço suprimido.

Recentemente, em novembro de 2008, Bernanke admitiu para mim numa audiência do Financial Services Committee que a única vez em que o tema do ouro foi discutido com outros banqueiros centrais foi para fins de venda, nunca para considerar o seu valor em servir como reserva para o acordo de uma nova moeda.

Antes da legalização da posse do ouro em 1975, muitos *gold bugs*[15] já o estavam comprando. Eu adquiri meu primeiro ouro logo depois do colapso do Acordo de Bretton Woods. A lei foi contornada com a compra de moedas de colecionadores (qualquer moeda com data de 1947 ou anterior era considerada moeda de colecionador). O México entrou nesse mercado, cunhando a bela moeda de 50 pesos mexicanos, pesando 34 gramas, com data de 1947. Eu ainda tenho as moedas que comprei naquela época por segurança financeira, e agora elas estão perto de se tornarem legítimas moedas de colecionador.

Jim Blanchard quase sozinho conduziu a bem-sucedida campanha para legalizar a posse do ouro. Ele realizou a primeira conferência em Nova Orleans no ano de 1974, e eu estava lá. Era aguardada a participação de poucas centenas de pessoas, mas apareceu uma multidão de mais de setecentas.

---

[14] No original, "Plunge Protection Team". (N. T.)

[15] Como são chamadas de maneira depreciativa aquelas pessoas obcecadas pelo ouro; que têm certeza de que o preço do ouro sempre vai subir e que essa valorização permanente do metal, junto com a sua qualidade e natureza, convertem-no na solução contras as moedas fracas. (N. T.)

Foi lá que eu conheci Hans Sennholz, um dos palestrantes. Sennholz foi um dos seis indivíduos que fizeram o doutorado sob a orientação de Mises. Fui conhecendo Sennholz ao longo dos anos, participando de eventos na Faculdade de Grove City, onde ele era diretor do Departamento de Economia. Ele me ajudou, inclusive, num evento da minha campanha em 1974, quando eu me lembro de estar completamente desorientado com meu diretor de campanha, que não estava exatamente nadando em ouro ou sendo sustentada pelo Fed. Quando Sennholz assumiu a presidência da Foundation for Economic Education (FEE), depois de se aposentar da Faculdade de Grove City, ele me colocou na diretoria, o que me levou a fazer algumas visitas à sede da Fundação em Irvington-on-Hudson, em Nova York.

Em 1974, eu conheci e passei a ter muito respeito por Leonard Reed, fundador da FEE. Ele trabalhou por um grande propósito depois da Segunda Guerra Mundial ao manter vivo o movimento pela liberdade e incentivar muitos outros a participarem desse esforço crucial. Leonard estava muito mais interessado em educação do que em política. Mesmo assim, quando eu estava no Congresso, ele me convidou para visitar a FEE em algumas ocasiões. Estou certo de que ele ficou contente por eu estar no Congresso, mas ele entendia, como eu, que a educação é a chave para a mudança política. Não tenho problema com aqueles que dizem que a educação é a coisa mais importante, mas, eventualmente, uma filosofia teórica tem de ser traduzida em ações políticas – e foi exatamente isso o que os *Fundadores*[16] fizeram.

[16] Ron Paul refere-se aos *Founding Fathers*, como foram chamados os Pais Fundadores dos Estados Unidos, dentre os quais sete foram figuras-chave do processo: Thomas Jefferson, John Jay, James Madison, John Adams, Benjamin Franklin, George Washington e Alexander Hamilton. (N. T.)

Mises tinha algo a dizer sobre o assunto: "O florescimento da sociedade humana depende de dois fatores: da capacidade intelectual de homens notáveis para conceber teorias econômicas e sociais sólidas e da habilidade deles e de outros homens de tornar essas teorias compreensíveis para a maioria".[17]

Em minha opinião, os líderes políticos devem fazer com que a ideologia seja aceita pela população. É claro, as ideologias do socialismo e do Estado Assistencialista são muito fáceis de serem vendidas porque se baseiam na ideia de que a maioria pode ter tudo de graça. Mas quando as pessoas reconhecem que essa situação, na verdade, é temporária, e reconhecem a falência do estatismo, elas se tornam mais abertas à proposta de que a liberdade lhes oferece mais. Essa perspectiva está se tornando mais evidente a cada dia.

Tornar uma ideologia compreensível para a maioria significa que as pessoas devem perceber que a sua aceitação permite que seus melhores interesses sejam atendidos. No caso da liberdade, o consenso de que a população deve ser autossuficiente faz com que o livre mercado, a propriedade privada, a moeda forte e a obrigatoriedade dos contratos sejam indispensáveis à paz, à prosperidade e à felicidade.

Planejamento econômico centralizado e as falsas promessas devem ser rejeitados. Alguns, por princípio, sempre irão rejeitar a tentação de usar o poder do governo para engrandecer a sua

[17] Ludwig von Mises. *Human Action*. New Haven, Yale University Press, 1949, p. 863. A edição em português, intitulada *Ação Humana*, foi lançada pelo Instituto Liberal do Rio de Janeiro em 1990 com tradução de Donald Stewart Jr. Em 2011, o Instituto Ludwig von Mises Brasil republicou essa tradução com novo projeto gráfico. Pode ser encontrada em: http://www.mises.org.br/Product.aspx?product=41. (N. T.)

própria posição; outros irão rejeitá-lo quando estiver claro que a prometida prosperidade, baseada em mentiras, fraude e força, só pode ser temporariamente gerada. Transferência de riqueza mediante o uso da força pelo governo é um recurso autolimitante. A aparência de riqueza obtida através de empréstimo e da inflação conduz sempre à mágoa e ao sofrimento. Agora surgiu uma oportunidade para que as nossas "teorias econômicas e sociais sólidas" sejam apresentadas e aceitas pela maioria.

De todos os grandes economistas austríacos do século XX, aquele que eu conheci melhor foi Murray Rothbard. Durante o meu primeiro mandato no Congresso (1976-1984), quando Lew Rockwell, fundador do Mises Institute, trabalhava como meu chefe de gabinete, nós contatamos Murray e o convidamos em 1979 para uma visita a Washington. Em sua primeira viagem, enquanto ele via o trabalho no nosso gabinete, eu me lembro de ele dizer estar impressionado com o fato de que um membro do Congresso efetivamente empreendeu esforços para entender os detalhes de cada parte da legislação de acordo com o texto da Constituição. Eu me recordo de sua surpresa ao descobrir que eu tinha lido o ensaio "Gold versus Fluctuating Fiat Exchange Rates" (Ouro *versus* Taxas de Câmbio Fiduciário Flutuante).[18] A partir dessa parceria inicial, ele e Lew Rockwell depois desenvolveram muitos projetos juntos, o mais importante sendo a criação do Mises Institute.

Murray foi um bom professor, e eu digo sempre que o seu livro *America's Great Depression*[19] [A Grande Depressão Americana]

[18] Murray Rothbard, "Gold versus Fluctuating Fiat Exchange Rates". In: *Gold is Money*. Ed. Hans F. Sennholz. Westport, Greenwood Press, 1975, p. 24-40. Disponível em: http://mises.org/books/Gold_is_Money_Sennholz.pdf. (N. T.)

[19] Murray N. Rothbard, *America's Great Depression*. Auburn, Mises Institute, 1963; 2009.

foi um verdadeiro abrir de olhos para mim, assim como o seu clássico *What Has Government Done to Our Money?*[20] [O que o Governo Fez com o Nosso Dinheiro?]. Tendo crescido num lar republicano, fui ensinado a acreditar que o fracasso de Hoover foi o resultado da falta de cooperação dos democratas no Congresso. Murray refutou completamente essa ideia com a explicação de como Hoover e FDR aprovaram as mesmas políticas problemáticas de intervenção econômica e ambos foram responsáveis pelo prolongamento da Grande Depressão, que foi precipitada pelas falhas graves da política monetária do Fed na década de 1920.

Se há um livro que o *establishment* de Washington deveria ler imediatamente, esse livro é *America's Great Depression*, de Rothbard. Nesse livro, ele demonstra que o Fed criou o *boom* econômico do final dos anos de 1920 que levou à crise, e que as intervenções de Hoover prolongaram a Grande Depressão (Murray, curiosamente, estava na minha equipe do Congresso durante o período em que a Comissão sobre o Ouro se reuniu em 1981).

Murray, o empresário Burt Blumert e Lew Rockwell me influenciaram na decisão de lançar minha candidatura à presidência em 1988 pelo Partido Libertário. Aquele projeto, como todos os projetos políticos, foi um acúmulo de frustrações e deficiências. Porém, nós todos o consideramos um esforço que valeu a pena na construção da causa da liberdade. Evidentemente, a acolhida da mensagem em 1988 foi ínfima se comparada à recepção entusiasmada que tivemos na campanha de 2008. As circunstâncias mudaram imensamente. Mas o confronto entre republicanos e libertários também foi um fator importante, dado o controle monopolista do processo eleitoral. Hoje em

[20] Murray N. Rothbard, *What Has Government Done to Our Money?* Auburn, Mises Institute, 1963; 2005.

dia, o terreno está muito mais fértil para as nossas ideias. Muitas sementes têm sido plantadas ao longo dessas duas décadas, e o esforço está agora rendendo frutos.

Pouco antes da morte de Murray, em 7 de janeiro de 1995, eu o chamei para falar dos meus planos de concorrer novamente ao Congresso na eleição de 1996. Ele estava bastante empolgado e foi muito encorajador. Diferentemente de Leonard Read, Murray adorava a política, fosse republicana ou libertária, ou o que quer que lhe despertasse o interesse num dado momento. Ele entrava em minúcias sobre atividades que estavam além do meu interesse. Ele sempre sabia tudo sobre os agentes envolvidos e suas intenções perceptíveis e motivações filosóficas. Ele atuou politicamente nas primárias do Partido Republicano em 1992 em apoio a Pat Buchanan numa espécie de coligação, quando Pat se opôs à primeira guerra no Iraque e ao aumento de tributos promovido por George H. W. Bush.

De uma coisa estou certo: se Murray estivesse conosco na primária presidencial de 2008, ele teria muito a dizer sobre o assunto e se divertiria com isso. Ficaria bastante empolgado. Sua tendência natural a ser otimista teria sido realçada e ele adoraria cada minuto. Murray impulsionaria a "revolução", especialmente por ter contribuído para prepará-la. Eu só posso imaginar o quão encantado ele teria ficado ao ver os jovens universitários queimando as cédulas do Fed. Teria liderado o coro que ouvimos em tantos comícios: "Fim do Fed! Fim do Fed!".

Mesmo depois da campanha presidencial, seu ímpeto continuou a gerar interesse em um importante movimento de exposição do Fed, com o objetivo de extingui-lo. Murray ficaria satisfeito. Seu esforço intelectual teria sido justificado. As ideias foram sendo traduzidas dentro de um esforço sério

para produzir grandes mudanças políticas e econômicas. Seus livros, e especialmente seus livretos menores concebidos para uma ampla distribuição que explicavam por que o Fed deveria ser extinto e por que um sistema 100% padrão-ouro deveria ser exigido, nos serviram muito bem e continuam nos servindo. Suas obras *What Has Government Done to Our Money?, The Case for a 100 Percent Gold Dollar* e *The Case Against Fed* [O Argumento Contra o Fed] são bens de valor inestimável para a educação do público em geral.

Murray contou muitas histórias sobre o seu período no "culto" a Ayn Rand e sobre sua parceria com Greenspan. O ex-presidente do Fed reconheceu privadamente para mim sua proximidade com Murray. Mas pense nos diferentes desenlaces. Ambos começaram como seguidores de Ayn Rand. Nenhum deles se tornou objetivista. Greenspan foi pelo caminho errado. Rothbard foi pelo caminho certo, sempre aprimorando a verdade em relação à moeda e ao Fed.

Greenspan se tornou um tirano monetário que plantou as sementes da maior bolha financeira de toda a história.

Durante esse período de busca por respostas a respeito da moeda e da economia austríaca, também conheci Henry Hazlitt, que era amigo de Mises, membro do conselho da FEE e um colaborador próximo de Leonard Read. Assim como tantos outros que buscavam respostas, li o seu famoso livro *Economia numa Única Lição*.[21] Hazlitt, pouco depois de o Acordo de Bretton Woods ter sido assinado em 1944, vaticinou que este não funcionaria e ainda viveu

[21] Em 2010, o Instituto Ludwig von Mises Brasil publicou a tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho lançada anteriormente pelo Instituto Liberal do Rio de Janeiro, com novo projeto gráfico. Disponível em: http://www.mises.org.br/Product.aspx?product=32. (N. T.)

para ver o seu colapso em 1971. Assim como tantos outros economistas austríacos, ele teve uma vida longa e morreu em 1983, aos 98 anos. Todos os seus livros, que são muitos, merecem ser lidos.

Hazlitt foi fundamental para garantir uma posição para Mises na Universidade de Nova York. Ele ficou amigo de Mises logo que este chegou aos Estados Unidos ao fugir da Europa por causa da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Embora durante anos tenha ficado conhecido como jornalista da *Newsweek*, do *New York Times* e do *Wall Street Journal*, Hazlitt era, na verdade, filósofo e economista.

O maior elogio que recebi dele foi depois da morte de Leonard Read, em 1983. Ele me chamou e perguntou se eu pensaria em aceitar a presidência da FEE. Não sei se algum outro membro do conselho da Fundação partilhava desse pensamento, mas era algo que nunca considerei seriamente porque simplesmente escolhi um caminho educacional diferente. Outra interessante parte da história foi que Hazlitt apresentou Ayn Rand em Nova York a todos os *scholars* do livre mercado, um grupo que incluía Leonard Read e Mises.

O período compreendido entre a Grande Depressão e o fim do Acordo de Bretton Woods, em 1971, foi uma época de intensa atividade para muita gente inteligente, libertários, experientes constitucionalistas de direita e não intervencionistas. Eles lamentavam a destruição da República, e seus escritos lançaram as bases de fundação do emergente movimento pela liberdade, que veio a se tornar tão vigoroso em 2008 durante as eleições primárias do Partido Republicano.

Muitos outros autores que eu li mantiveram vivo o espírito da República. Alguns estavam mais interessados em política

monetária enquanto outros debatiam a liberdade individual e a política externa tanto quanto a liberdade econômica. Tendo lido os livros de John T. Flynn, Isabel Patterson, Rose Wilder Lane, Garet Garrett, Ayn Rand, Richard Weaver, Albert J. Knock, H. L. Mencken e Frank Chodorov, eu não apenas fui influenciado, mas estava convencido de que uma filosofia que abrangesse liberdade individual, propriedade privada e moeda forte era a única filosofia política digna de ser defendida.

Para compreender a necessidade de uma moeda forte e não de um banco central, deve-se entender plenamente os princípios da liberdade. Durante aquele período, vários membros do Congresso mantiveram suas posições e votaram em conformidade com a Constituição, como dr. Smith[22] de Ohio, Howard Buffett[23] e H. R. Gross.[24]

Nós todos devemos um grande agradecimento aos homens e mulheres que fizeram um excelente trabalho de apresentar o argumento moral da liberdade e refutar todas as mentiras monstruosas, ignorância e arrogância daqueles que dedicaram suas vidas a promover o autoritarismo, o estatismo e o uso universal da força agressiva.

Apesar de Ayn Rand nunca ter dito nada de gentil sobre os libertários, e eu nunca ter vislumbrado me tornar um adepto

[22] Frederick Cleveland Smith (1884-1956) era médico, membro do Partido Republicano e atuou como congressista, eleito pelo distrito de Ohio, de 1939 a 1951. (N. T.)

[23] Howard Homan Buffett (1903-1964) era membro do Partido Republicano e cumpriu quatro mandatos no Congresso. Era um libertário da antiga direita americana e foi amigo de Murray Rothbard. Seu filho Warren Buffett tornou-se internacionalmente conhecido por uma bem-sucedida carreira como investidor e industrial que o conduziu à seleta lista de um dos homens mais ricos do mundo. (N. T.)

[24] Harold Royce Gross (1899-1987) era do Partido Republicano e foi eleito treze vezes para o Congresso pelo distrito de Iowa. (N. T.)

do objetivismo em sua totalidade, li todos os seus romances e recebia o boletim informativo objetivista praticamente durante todo o período em que foi publicado. Ela desafiou muitas das convicções que eu tinha como estabelecidas e me forçou a entendê-las e a compreendê-las melhor. No entanto, ela nunca me convenceu sobre sua definição e aplicação de altruísmo. Não fazia sentido algum para mim ela igualar a caridade voluntária cristã com o comunismo! Mas ela também contribuiu para a formação do meu entusiasmo pela defesa da liberdade. Eu tenho em minha biblioteca uma cópia da edição de capa dura original de 1957 de seu enorme *A Revolta de Atlas*. O preço indicado na borda da capa é de US$ 6,95. Não há dúvida de que ela influenciou muitas pessoas ao longo das décadas e as compeliu a reverem suas premissas, e a maioria se tornou mais devotada à causa da liberdade.

OS BANCOS CENTRAIS E A GUERRA

Em seguida da criação do Fed, o governo descobriu outros usos para a oferta monetária elástica, além de impedir que o sistema bancário desse o calote em suas dívidas. Isso foi útil no financiamento da guerra. Não é coincidência que o século da guerra total coincida com o século do banco central. Quando os governos tinham que financiar suas próprias guerras sem depender de uma máquina de imprimir papel-moeda, eram obrigados a economizar recursos. Encontravam soluções diplomáticas para evitar a guerra e, depois de iniciada, tentavam encerrar o conflito tão logo fosse possível.

Mas, para os governos europeus do final do século XIX, os limites fiscais para promover a guerra foram eliminados. Hoje, com os bancos centrais, os governos podem simplesmente imprimir o dinheiro de que necessitam e, assim, ficam mais dispostos a puxar o gatilho e criar conflitos. Os diplomatas ficaram impotentes para refrear os governos ansiosos por experimentarem suas recém-descobertas máquinas de financiamento. Será que uma solução diplomática poderia ter sido encontrada para os conflitos que conduziram à Primeira Guerra Mundial se os alemães e os ingleses não tivessem como recorrer à impressão de moeda e a um emprestador de última instância? Uma suposição histórica

é sempre difícil de considerar, mas trata-se de uma questão interessante a se perguntar.

Mises assim escreveu em 1919: "Pode-se dizer, sem exagero, que a inflação é um recurso indispensável do militarismo. Sem ela, os reflexos da guerra no bem-estar se tornariam muito mais rápida e agudamente óbvios; o cansaço da guerra apareceria muito mais cedo".[1]

Protegidos pelos bancos centrais para cobrir os passivos, os governos europeus iniciaram uma guerra um ano depois da criação do Fed. O *New York Tribune* publicou um editorial que demonstrava seu pavor: "O mundo olha, incrédulo e atordoado, enquanto a Europa ruma em direção a uma estupenda catástrofe... Temos dito repetidas vezes que os financiadores do mundo, amplamente desnacionalizados em suas simpatias e interesses, nunca permitiriam que as grandes nações empobrecessem a si próprias com uma guerra generalizada. Um aperto do crédito, já foi dito, traria mais chancelarias ao seus juízos".[2]

A situação já foi assim, mas o banco central a alterou para sempre. Os governos não mais seriam limitados pelo medo da bancarrota e da ruína financeira. A mágica do financiamento inflacionário os supriria de algum jeito. Portanto, também, num período anterior, os Estados Unidos poderiam ter ficado de fora do conflito europeu. Mas tendo o Fed, o país entrou na guerra em 1917 e com isso veio o mais centralizado experimento de planejamento econômico nacional até aquela data. Havia controle

[1] Ludwig von Mises, *Nation, State, and Economy*. Nova York, New York University Press, 1983, p. 163.

[2] Citado em Groseclose, *America's Money Machine: The Story of the Federal Reserve*. Westport, Arlington House, 1966, p. 88.

de preços, novos impostos, nacionalização das ferrovias pelo governo, Conselho Industrial da Guerra, títulos de guerra *Liberty Loans* (*Empréstimos Liberdade*), novos títulos flutuantes e uma expansão maciça da dívida governamental apoiada no poder do Fed de criar moeda para pagar as dívidas.

Naqueles dias, o Fed não tinha o poder de criar moeda através da janela de redesconto, mas cumpriu a importante função de ser o avalista das dívidas do governo. Foi o emprestador de última instância e tinha grande capacidade de criar dinheiro novo do nada. A expansão monetária começou em dezembro de 1914 e os Estados Unidos passaram pelo primeiro de muitos falsos *booms* econômicos. Taxas de juros foram indexadas para baixo no exato momento em que deveriam ter aumentado por causa do grande risco.

Como dizem Friedman e Schwartz no relatório sobre a Primeira Guerra Mundial:

> O estoque de dinheiro, que havia sido aumentado a uma taxa moderada ao longo de 1914, começou a crescer a uma taxa ascendente no início de 1915, aumentou mais rapidamente, assim como os preços, do final de 1915 a meados de 1917, e em seguida retomou a rápida ascensão antes do fim de 1918, antecipando-se à subida de preços. No seu auge em junho de 1920, o estoque de dinheiro foi aproximadamente o dobro do seu nível registrado em setembro de 1915 e mais do que o dobro do nível registrado em novembro de 1914, quando o Fed começou a operar.[3]

[3] Milton Friedman e Anna J. Schwartz, *A Monetary History of the United States, 1857-1960*. Princeton, Princeton University Press, 1963, p. 198.

Os bancos iniciaram uma oferta pública de crédito para comprar títulos do governo. O nível de preços também se expandiu dramaticamente como uma resposta à inflação monetária. O falso *boom* econômico continuou ao longo de 1918 até o término da guerra. Imediatamente, o país entrou em recessão, à qual se seguiu uma outra versão muito reduzida de um ciclo de crescimento e crise entre 1920 e 1921. No total, os estudiosos estimam que apenas 21% da guerra foi financiada mediante tributação. O restante foi custeado por empréstimos contraídos pelo Fed (56%) e com a criação imediata de dinheiro (23%), num custo total de US$ 33 bilhões.

Assim vemos que o dano provocado pelo Fed veio muito rapidamente após a sua criação. Comparado com hoje, seu poder era limitado. Mas o objetivo de criar um emprestador de última instância teve um efeito devastador em nossa política pública. Ele faz o governo sonhar com um poder, planejamento e ambições cada vez maiores. Enquanto houvesse financiamento não haveria restrição ao Estado, até mesmo quando pessoas com impulso conservador na área fiscal assumissem funções de liderança.

Nunca esqueça o que a "Grande Guerra" significou para a Europa. O conflito levou ao fim das antigas monarquias, a uma relativa paz mundial, que foi centralizada só no nome e descentralizada na prática, e ao início dos Estados democráticos organizados e militarizados com um alinhamento tecnocrático. Para os Estados Unidos, significou o entrincheiramento da presidência imperial e uma missão globalizada na política externa. Para a Alemanha, criou as condições para a grande inflação que permitiu a Hitler conquistar o poder baseado na fomentação do ressentimento nacional. Para a Rússia, representou o início do comunismo.

Lew Rockwell explicou como isso aconteceu:

> A própria guerra na Rússia foi financiada mediante a criação de moeda, que também levou a um maciço aumento e controle de preços e à escassez durante o conflito. (...) a tentação que a máquina de dinheiro exercia sobre o regime provou-se forte demais. Converteu uma monarquia relativamente benigna numa máquina de guerra. Um país que tinha sido integrado na divisão mundial do trabalho e que operava sob o padrão-ouro tornou-se uma máquina mortífera. E tanto quanto as baixas de guerra foram terríveis e catastróficas para a moral russa, a inflação afetou até o último cidadão e estimulou uma agitação das massas que culminou no triunfo do comunismo.[4]

Nos Estados Unidos, a situação alterou fundamentalmente o equilíbrio de poder no nosso sistema democrático. Votos, promessas de campanha, pesquisas, opinião pública, leis, restrições ao Estado, todas essas forças ficaram como salvaguardas dos objetivos do governo de se expandir. Pense num adolescente irresponsável com uma linha de crédito ilimitada. Os pais, professores, clérigos e outras figuras de autoridade em sua vida são, no fim das contas, impotentes para mudar seus hábitos. Agora imagine esse adolescente armado até os dentes e até mesmo imune ao império da lei. É isso que temos com um governo apoiado por um banco central.

Um bom exemplo dessa situação ocorreu no fim da Primeira Guerra Mundial. A população estava perplexa pela perda de liberdade que tinha testemunhado; as pessoas exigiam mais

[4] Llewellyn H. Rockwell Jr., "War and Inflation". Discurso proferido na conferência Restauração da República realizada na Future of Freedom Foundation em Reston, na Virgínia, em 06/06/2008. Disponível em: http://mises.org/story/3010.

responsabilidade do governo e mais liberdade nos assuntos cívicos e econômicos. Os gastos do governo caíram significativamente e foram realizadas audiências no Congresso para investigar aqueles que lucraram com a guerra.

O estado de espírito foi captado pelo slogan de campanha de Warren Harding[5] em 1920: "Um retorno à normalidade". Um exemplo de livro de sucesso que refletia o espírito do período entreguerras e do pós-guerra era o *Merchants of Death - A Study of the International Armament Industry*[6] [Mercadores da Morte – Um Estudo sobre a Indústria Bélica Internacional].

Infelizmente, entretanto, nunca haveria uma volta à normalidade enquanto um banco central estivesse pronto a financiar um governo com poderes anormais. As regras antigas deixariam de ser aplicadas. A besta que prometeu tudo a toda a população fez com que os desejos dos políticos se realizassem, tornou mais fácil a vida dos fabricantes de dinheiro e prometeu financiar qualquer fantasia, sem restrições, já havia sido criada. O que quer que alguém exigisse do governo seria concedido. Além disso, a instituição bancária no país gozava de novas garantias contra falências, o que produzia um "risco moral". Suas atividades de concessão de crédito continuariam sem dar a devida importância ao risco.

Em seguida, para entender os loucos anos de 1920, também é importante observar o papel do Fed na política monetária.

---

[5] Warren Gamaliel Harding (1865-1923) era do Partido Republicano e foi eleito senador pelo distrito de Ohio (1915-1921) para em seguida se tornar o 29º presidente dos Estados Unidos (1921-1923). Harding faleceu subitamente em agosto de 1923 na Califórnia e foi sucedido pelo vice-presidente Calvin Coolidge. (N. T.)

[6] H. C. Engelbrecht e F. C. Hanighen, *Merchants of Death*. Nova York, Dodd, Mead & Co., 1934.

O crescimento médio anual do estoque da moeda variou de 7,3% a 8,1%, para um aumento total entre 55% e 61%.[7] Era inevitável que esse falso *boom* econômico conduzisse a uma crise, primeiro no mais moderno segmento da economia – o mercado de ações – e que depois se espalharia pelos demais setores.

Em 1930, o presidente Hoover poderia ter feito o que fez em 1920: basicamente, o governo não tentou resgatar o sistema. O Fed ainda não estava em pleno funcionamento e estava um pouco relutante em se expandir sem limites. Ao contrário do mito, contudo, Hoover, na verdade, empreendeu um enorme esforço para socorrer o sistema utilizando as ferramentas monetárias da época. Estava fora de questão o fato de esses instrumentos não serem eficazes em seu objetivo: Hoover tentou inflacionar com a finalidade de tirar os Estados Unidos da recessão (além disso, ele aumentou os tributos, impôs novas restrições comerciais e empreendeu mais intervenções como essas).

Franklin Roosevelt deu seguimento ao plano antirrecessão de Hoover e foi mais longe ao destruir o sistema monetário nacional. Ele fechou os bancos, tornou ilegal a propriedade do ouro e desferiu um grande golpe no que restava do padrão-ouro. O New Deal não acabou com a Grande Depressão. A taxa de desemprego era alta antes da Segunda Guerra Mundial; assim se manteve em 1932 e a renda e a produtividade realmente diminuíram. Mas o Fed estava mais poderoso do que nunca e pronto para financiar mais uma guerra.

Desde a Segunda Guerra Mundial, o governo dos Estados Unidos expandiu seu alcance dentro e fora do país com uma

[7] Para obter detalhes sobre o cálculo do valor agregado da moeda na década de 1920, consulte Murray N. Rothbard, *America's Great Depression*. Auburn, Mises Institute, 2009.

voracidade chocante. Tem sido uma guerra atrás da outra, a produção assassina de armas de destruição em massa, a construção de um enorme Estado Assistencialista que abrange todas as classes sociais. Houve a Guerra Fria, a Guerra da Coreia, a Baía dos Porcos, a invasão da República Dominicana, o Vietnã e um envolvimento interminável no Oriente Médio, além das guerras na Nicarágua, em El Salvador, na Bósnia e no Haiti, bem como todas as guerras promovidas em nome da Guerra ao Terror. E após cada grande crise, seja o 11 de Setembro, a bolha da internet em 1999 ou o colapso econômico de 2008, a resposta é mais expansão monetária.

Antigamente, pensava-se que o governo tinha de escolher entre fornecer armas ou manteiga. Agora, com o Fed, percebe-se que essa escolha, enfim, não era necessária. Políticos se reúnem e concordam com o *logroll*[8] de modo que cada interesse específico seja capaz de conseguir o que deseja. Armas, manteiga e todo o resto, incluindo intermináveis resgates financeiros de negócios falidos, bem como ajuda externa para vários cantos do mundo, tudo isso é providenciado por cortesia da máquina de dinheiro. Mesmo quando o Fed não está injetando diretamente dinheiro recém-produzido, está preparado para voltar a criar dívidas intermináveis, ano após ano, sendo que nenhuma delas teria qualquer valor no livre mercado de títulos se a instituição não estivesse lá para garanti-las.

Foi o Fed que tornou viável esse modelo de resposta à crise, pois nada disso seria possível sem a máquina de imprimir dinheiro pronta para fornecer todo o financiamento de que os poderosos precisam. Mas para isso o povo americano tem que ser

[8] Troca de favores com agentes políticos normalmente empreendida por grupos de pressão. (N. T.)

tributado, e eu duvido que as pessoas estejam dispostas a mais aumento de impostos. Disfarce o aumento de tributos na forma de expansão monetária e você pode oferecer financiamento ao governo e distribuir os custos para toda a sociedade.

O Fed não está sozinho na lista dos bancos centrais falidos do mundo. O período entreguerras também criou hiperinflações catastróficas na Alemanha, na Áustria, na Rússia, na Polônia e na Hungria.[9] As promessas feitas pelos bancos centrais de um mundo glorioso estavam em frangalhos. Mas até então, os governos estavam viciados na droga do crédito barato e não iriam restabelecer a moeda forte. Quanto mais adiarmos a conversão para a moeda forte e o abandono dos bancos centrais, maiores serão as nossas crises e mais os governos irão se expandir à custa de nossas liberdades.

[9] David Hackett Fischer, *The Great Wave: Price Revolutions and the Rythm of History*. Nova York, Oxford University Press, 1996, p. 163.

CAPÍTULO 5

A Comissão sobre o Ouro

Não há como negar que o ouro é o tema central para a restauração da moeda forte. Isso porque o ouro emergiu de dentro da estrutura da economia de mercado como o mais importante avalista do valor da moeda. O metal não foi escolhido pelos governos, mas pelo mercado. A razão é fácil de entender. O ouro tem todas as qualidades que mais associamos à boa moeda: divisibilidade, portabilidade, alto valor por unidade de peso, durabilidade e qualidade uniforme.

Toda vez que eu falo de um padrão-ouro, há sempre pessoas prontas para me acusar de ter algum tipo de obsessão ou de fixação. *Fetiche* é uma palavra sempre usada. Na verdade, eu apenas observo a realidade: a ideia de uma moeda forte está vinculada à moeda-ouro na maior parte da história da humanidade. Pode haver moeda forte sem um padrão-ouro? Em princípio, sim. E eu ficaria muito feliz com um sistema que permitisse aos mercados escolherem mais uma vez a moeda mais adequada, seja lá qual fosse. Não sou favorável a que o governo imponha qualquer padrão específico, nem um banco central, nem uma moeda corrente, nem um privilégio para qualquer *commodity* escolhida como lastro para a moeda.

Mas a realidade é que o dólar ainda é a moeda, ainda que o seu valor seja muito inferior. Sempre acreditei que o governo tem uma responsabilidade de restaurar aquilo que destruiu. No final dos anos de 1970 muitas pessoas começaram a concordar. Eu fui coautor, junto com Jesse Helms, da legislação aprovada no final do governo Carter[1] para formar a Comissão sobre o Ouro. A comissão não foi formada até o presidente Reagan assumir o cargo.[2] Dos seus dezessete membros, somente Lewis Lehrman e Arthur Costamagna eram simpáticos ao padrão-ouro. Os demais eram políticos antiouro, membros do Fed e representantes do Tesouro.

Donald Regan, o secretário do Tesouro, era o presidente da comissão e presidiu nossa primeira reunião em 16 de julho de 1981. Curiosamente, esse primeiro encontro não foi gravado, a mídia não estava presente e não houve restrição de tempo. O plano de manter todas as reuniões secretas e sem contagem de minutos foi revelado publicamente com a ajuda do colunista Bob Novak[3], dentre outros, e houve um pequeno escândalo. Por causa da pressão pública, uma votação feita entre os membros da comissão revelou um apoio esmagador pela realização de audiências públicas.

---

[1] Jimmy Carter foi presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1977 e 1981. Ao tentar a reeleição, perdeu para o candidato do Partido Republicano, Ronald Reagan. Em 2002, recebeu o Prêmio Nobel da Paz pela busca de soluções para resolver os conflitos internacionais e pela promoção mundial da democracia e dos direitos humanos. (N. T.)

[2] Ronald Reagan assumiu o posto de presidente dos Estados Unidos em 20 de janeiro de 1981 e governou o país durante dois mandatos, até deixar o governo, em 1989. (N. T.)

[3] Jornalista americano que ganhou projeção nacional como comentarista político em jornais, revistas e emissoras de televisão. (N. T.)

Henry Reuss, presidente da House Banking Committee (Comissão Bancária da Câmara), participou de uma reunião e saiu furioso. Ele não suportava ouvir um minuto sequer de considerações sérias sobre a importância do ouro. Antes de a propriedade do ouro ter sido legalizada novamente nos Estados Unidos, o que ocorreu em 1975, Reuss vaticinou que se isso acontecesse o preço do ouro cairia para US$ 5 a onça[4] e os *gold bugs* deveriam ficar felizes com o governo sustentando o preço acima dos US$ 35 a onça. Ele, é claro, errou; era o preço artificialmente baixo do ouro que sustentava o valor do dólar, pelo menos temporariamente.

Na época de nossa primeira audiência, o preço do ouro havia ultrapassado os US$ 800 a onça. Reuss não estava num bom estado de espírito. Ele recebeu de um participante um boletim de notícias pró-ouro que despertou a sua reação explosiva. Quando Reuss saiu, amassou o boletim, jogou-o no chão e soltou um discurso atacando o propósito da Comissão. Registro que embora houvesse pouca simpatia para com a Comissão sobre o Ouro, Reuss ganhou o prêmio de mais hostil à ideia de que o ouro pudesse substituir a "sabedoria" da diretoria do Fed e o "sábio" presidente da Comissão Bancária.

Na época, ninguém acreditava seriamente que estávamos à beira de restabelecer algum tipo de relação do dólar com o ouro, já que havia uma profunda preocupação em relação ao dólar, à inflação e quanto à própria fraqueza da economia. As preocupações eram grandes, mas não há comparação com o temor sentido hoje, e por uma boa razão.

---

[4] Aproximadamente 28,3 gramas. (N. E.)

Em 1981, estávamos operando havia apenas dez anos com o padrão de reserva lastreado em dólares. Hoje, temos os desequilíbrios construídos durante 38 anos. Em alguns aspectos, os dolorosos ajustes dos anos de 1970 foram úteis no curto prazo. A necessidade de desvalorizar o dólar foi reconhecida. As taxas de câmbio flutuante, perturbadoras como eram, forneciam um mecanismo de "mercado" que era mais bem tolerado do que a pretensão de fixar artificialmente as taxas de câmbio. Em outras palavras, um simbólico mecanismo de mercado foi útil para sustentar um sistema bastante frágil.

Lembro-me vivamente de um acontecimento após uma reunião da comissão na sede do Tesouro. A delegação republicana de Houston planejava participar de uma solenidade com o presidente Reagan. Encontraríamos Reagan na base da Força Aérea de Andrews e voaríamos até Houston na aeronave Air Force One. Devido à audiência da comissão no edifício do Tesouro, que fica do outro lado da rua da Casa Branca, minha equipe conseguiu que eu embarcasse de lá junto com o presidente no helicóptero Marine One até a base de Andrews. Assim, eu não perderia nenhuma parte da audiência e ainda poderia viajar para Houston e participar do encontro republicano.

No voo até Andrews, o assunto do padrão-ouro veio à tona naturalmente. "Ron", disse-me o presidente, "nenhuma grande nação que abandonou o padrão-ouro permaneceu como uma grande nação". Ele foi realmente simpático, como havia sido com muitas ideias libertárias constitucionais, mas também era influenciado pela pressão da equipe para ser pragmático na maiorias das questões.

Arthur Costamagna, amigo de Reagan e membro da comissão, assinou nosso parecer discordante com uma pequena ressalva.

Lew Lehrman, que mais tarde se candidataria ao governo de Nova York, fez o mesmo. Quando minha equipe e eu agendamos uma reunião com o presidente, o objetivo era apresentar-lhe um documento e tirar uma foto. A reunião foi agendada sem um objetivo específico e eu não queria surpreendê-lo com o meu plano. Nós, então, ligamos de volta para esclarecer nossa intenção. Não demorou muito para recebermos uma ligação da Casa Branca informando que a reunião havia sido cancelada. A apresentação do documento e a foto nunca aconteceriam.

Estou certo de que Jim Baker e especialmente Don Regan fizeram de tudo para que o encontro não se realizasse. Don Regan, enquanto presidente da Comissão sobre o Ouro, foi quem exigiu que toda a série de audiências fosse mantida em sigilo e sem a contagem de tempo. O primeiro relatório foi apresentado em 31 de março de 1982.

O sistema político funciona essencialmente dessa maneira. A equipe, se não for perfeitamente leal à filosofia do titular do cargo, pode bloquear o progresso, ainda que, em última análise, seja responsabilidade do titular escolher a equipe certa.

Sobreviver aos anos de 1970 concedeu ao dólar uma sobrevida e definiu o cenário para a formação de uma gigantesca bolha financeira nos 27 anos seguintes e que nos pegou agora. Se, como resultado da Comissão sobre o Ouro, tivéssemos recobrado nossos sentidos em 1981, os problemas e os graves perigos que enfrentamos agora poderiam ter sido evitados.

Murray Rothbard argumentou em seu depoimento à comissão que não foi o padrão-ouro que provocou a Grande Depressão dos anos de 1930; foi a sua má utilização que conduziu até ela. Na parte final do seu depoimento, ele afirmou que se

o ouro fosse retomado como padrão, deveria ser um padrão em que os cidadãos tivessem o direito de converter a moeda corrente de papel em moedas de ouro.

Alan Greenspan também testemunhou, e foi um testemunho honesto. Apesar de ele não ter clamado por um padrão-ouro, ele defendeu a emissão de títulos do Tesouro lastreados em ouro como uma medida intermediária rumo àquela direção. Em 1981, ele não era mais tão pró-ouro como foi nos anos de 1960, mas não tão hostil como veio a se tornar mais tarde.

Hans Sennholz também apresentou uma declaração à Comissão sobre o Ouro. Ele, obviamente, era um forte defensor da volta ao padrão-ouro, mas foi prudente em não ser muito otimista sobre a possibilidade de isso acontecer num futuro próximo. Sennholz disse que "eles estão se entregando ao sonho quando vislumbram um retorno precoce [ao padrão-ouro]. As forças que defendem a moeda fiduciária são muito fortes e o apoio público aos gastos deficitários ainda é muito poderoso para que possamos esperar uma reforma monetária num futuro próximo".

Certamente, se o apoio aos gastos deficitários era forte em 1981, tudo o que precisamos fazer é dar uma olhada nas pressões de hoje para gastar dinheiro que não temos. Ainda vai demorar um pouco para se pensar seriamente em uma reforma monetária aliada a uma reestruturação do sistema financeiro mundial. Mas está chegando rapidamente o dia em que não será por escolha, mas por necessidade, que teremos que enfrentar esse problema.

Na atual administração, não haverá uma nova Comissão sobre o Ouro nem discussões abertas referentes ao ouro como moeda. Haverá, nos bastidores, o Fed e outras elites planejando

um novo sistema internacional na abrangência e fiduciário na moeda. Não será uma navegação suave, considerando a tarefa que se tem nas mãos.

Os países com os maiores sistemas financeiros e militares serão os mais influentes, como têm sido os Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial. Nosso poderio militar continua superior. Nossa força econômica ainda é a principal do mundo, mas a tendência é de que isso não dure. Sem força econômica e superioridade da moeda, o poderio militar poderia muito bem diminuir de forma constante. Embora não vejamos no horizonte uma segunda Comissão sobre o Ouro, uma que fosse mais séria do que a primeira, a batalha intelectual entre a moeda fiduciária e a moeda-*commodity*[5] será violenta e a vencedora decidirá nosso destino econômico e em que tipo de sociedade iremos viver.

Paul Volcker foi chamado para conter a inflação e restabelecer a confiança no dólar nos anos de 1970, o que ele fez em larga medida. Isso aconteceu em 1982, quando o Fed ligou mais uma vez uma torneira monetária, provocando o retorno dos ciclos de crescimento e crise. Em alguns aspectos, a sofisticação do Fed em controlar as correções necessárias criou uma falsa sensação de segurança. Muitos acreditaram que Greenspan seria o grande maestro da economia. Sua reputação melhorou entre republicanos e democratas.

Muitos, incluindo Greenspan, acreditaram que pairava sobre nós um novo paradigma econômico. Havia uma crença de que uma grave recessão econômica poderia ser impedida por uma política monetária sensata. Mas a "política monetária sensata"

[5] Moeda cujo valor advém do material de que é feita, ou seja, tem valor em si mesma, assim como para ser usada como dinheiro. (N. T.)

nada tinha nada a ver com moeda forte ou com taxas de juros e de crédito sendo determinadas pelo mercado. Os planejadores econômicos literalmente acreditavam que nunca haveria um preço a pagar por inflacionar a moeda, por manipular a taxa de juros e por monetizar a dívida. Na realidade, essa "sofisticação" em gerir a economia estava apenas postergando as consequências inevitáveis e tornando-as ainda piores.

Um dos resultados maravilhosos da Comissão sobre o Ouro foi o nosso relatório divergente, que permanece impresso até hoje.[6] Apenas três membros da comissão o assinaram, mas todos recomendaram ao Congresso a cunhagem de moedas de ouro. Foi uma concessão aos defensores do padrão-ouro em todo o país, uma vez que a posse do metal pelos americanos foi novamente legalizada. Além disso, representava um desafio ao quase monopólio da sul-africana Krugerrand,[7] que estava sendo vendida nos Estados Unidos.

Argumentei a favor da moeda de ouro, sem a denominação de dólar, fixada como moeda corrente. Eu queria que as pessoas pensassem na moeda enquanto peso (unidade de medida das moedas de ouro). Meu objetivo final era revogar as leis de moeda de curso legal. Ainda bem que, entretanto, eu perdi aquele debate, uma vez que agora está sendo testado o seu status de moeda de curso legal, forçando-a a circular por seu valor nominal.

No momento em que o projeto de lei da moeda foi finalmente aprovado, em 1985, como resultado dos nossos esforços

[6] Ron Paul e Lewis Lehrman, *The Case for Gold*. Auburn, Mises Institute, 2007. Disponível para download em: http://www.mises.org/books/caseforgold.pdf. (N. T.)

[7] Moeda de ouro cunhada na África do Sul, criada em 1967 para ajudar o mercado de ouro do país. (N. T.)

na Comissão sobre o Ouro, eu não estava mais no Congresso. Eu apresentei o projeto original, mas deixei o Congresso no fim de 1984. Mais tarde, houve um projeto separado de cunhagem da *Silver Eagle*.[8]

O projeto de lei autorizava a cunhagem de moedas de ouro em quatro pesos: uma onça, ½ onça, ¼ de onça e 1/10 de onça.[9] A moeda de uma onça era a de curso legal para US$ 50, a de ½ onça para US$ 25, a de ¼ de onça para US$ 10 e a de 1/10 de onça para US$ 5. Fazendo um pouco de aritmética você percebia que ¼ de onça ou moedas de US$ 10 não faziam sentido. Aqueles que tomaram a decisão final sobre o projeto queriam mesmo que fosse algo confuso. Uma onça de prata transformada em moeda corrente de US$ 1 aumenta mais o problema de definição do dólar quando comparado à cédula do Fed, a um antigo dólar de prata ou a uma *Double Eagle*.[10]

Produzir moedas de curso legal era ridículo e absurdo, e foi feito para garantir que as pessoas não considerassem pagar uma dívida de US$ 50 com uma onça de ouro e nem com dólares de prata. Eu sempre achei que o IRS[11] nunca aceitaria um câmbio real para o valor nominal das novas moedas para fins tributários. Mas alguns empreendedores e corajosos constitucionalistas desafiaram a lei em Las Vegas e pagaram os empregados com moedas de ouro e de prata, e os tributos foram declarados num valor muito mais baixo. Muitos não pagaram os impostos devido ao

---

[8] Moeda de prata maciça oficial dos Estados Unidos, lançada em 1986. (N. T.)

[9] Aproximadamente 28,3 gramas, 14,1 gramas, 7 gramas e 0,28 grama, respectivamente. (N. E.)

[10] Moeda de ouro dos Estados Unidos com valor nominal de US$ 20. (N. T.)

[11] Internal Revenue Service (Serviço Interno de Receitas), órgão do governo que faz parte da Secretaria do Tesouro dos Estados Unidos e é o equivalente, no Brasil, à Receita Federal. (N. T.)

salário mínimo reduzido. Como esperado, isso foi contestado no tribunal e, milagrosamente, os litigantes "venceram" o caso num impasse do júri. A tolice das nossas leis de moeda corrente e a impossibilidade de definir o "dólar" convenceram o júri de que aqueles acusados não cometeram fraude e que o problema foi criado pela confusão da lei.

Ainda não tivemos uma palavra final sobre essa contestação. Estou muito contente por essa luta estar sendo travada, e qualquer precedente favorável pode ser útil se ocorrer um colapso econômico e muito mais gente fizer o mesmo. Mas os tribunais, como fizeram na Guerra Civil, na década de 1930 e nos momentos decisivos em que têm de lidar com a questão da moeda, sempre decidiram a favor dos tiranos. Minha aposta é que o governo não permitirá o uso das novas moedas de ouro e de prata maciça, ao menos até que a revolução para acabar com o Fed comece a dar frutos.

CAPÍTULO 6

Conversas com Greenspan

Ao longo dos anos, tive muitos embates com os presidentes do Fed. A maioria foi com Alan Greenspan. Ele me fascinou mais por causa do meu conhecimento prévio de que ele apoiava o padrão-ouro e desdenhava o Fed e o papel-moeda.

Fui assinante do jornal objetivista de Ayn Rand e estudei minuciosamente o artigo "Gold and Economic Freedom" ["Ouro e Liberdade Econômica"],[1] de autoria de Greenspan, publicado em 1966.[2] Eu disse-lhe que ele havia me causado uma boa impressão – uma vez. Ele sempre sabia exatamente de que pressupostos eu estava partindo e, naquela época, respondia dentro do contexto do padrão-ouro mesmo quando eu não mencionava de modo explícito o ouro em minhas perguntas. Apesar de estar frequentemente aborrecido, e mais ainda com o passar dos anos, ele nunca se mostrou tão irritado e receoso quanto Ben Bernanke diante das minhas indagações.

A alegação de Greenspan, em resposta a uma de minhas questões, era de que os banqueiros centrais haviam se tornado essencialmente espertos o suficiente para obter todos os benefícios do

[1] Existe tradução em português disponível em: http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=939. (N. T.)

[2] Ayn Rand, *Capitalism: The Unknown Ideal*. Nova York, New American Library, 1967.

padrão-ouro sem as suas limitações. Obviamente, são essas limitações que são valiosas e constituem a razão pela qual o padrão-ouro é tão importante para uma sociedade livre. Essas são as reflexões que Greenspan expôs de maneira brilhante no seu histórico artigo "Gold and Economic Freedom":

> Na ausência do padrão-ouro, não há maneira de proteger as poupanças do confisco realizado mediante a inflação. Não há reserva de valor que esteja em segurança. Se houvesse, o governo teria criado uma forma de torná-la ilegal, a exemplo do que fez com o ouro. Se todos decidirem, por exemplo, converter os seus depósitos bancários em prata ou cobre, ou em qualquer outro bem e, posteriormente, recusarem-se a aceitar cheques como meio de pagamento, os depósitos bancários perderiam seu poder de compra e o crédito bancário criado pelo governo não teria valor como crédito sobre as *commodities*. A política financeira do Estado Assistencialista exige que não haja uma forma de os proprietários de riqueza se protegerem.
>
> Esse é o motivo oculto das investidas dos estatistas contra o ouro. Gastos deficitários são simplesmente um esquema para confiscar a riqueza. O ouro fica no caminho desse processo insidioso. Permanece como um protetor dos direitos de propriedade. Se isso for compreendido, ninguém terá dificuldade em entender o antagonismo da visão dos estatistas relativamente ao padrão-ouro.

De acordo com a sua própria lógica, Greenspan se tornou simplesmente um estatista.

Eu perguntei uma vez a Greenspan sobre suas opiniões a respeito do trabalho de Mises e dos economistas austríacos. A resposta está nessa transcrição de 25 de junho de 2000:

Ron Paul: Basicamente, a forma como eu entendo a explicação austríaca de livre mercado para o ciclo econômico é que uma vez que embarcamos na inflação, na criação de dinheiro novo, distorcemos as taxas de juros e estimulamos as pessoas a fazerem coisas estúpidas. Elas investem excessivamente, realizam maus investimentos, há sobrecapacidade e tem que haver uma compensação. Muitos bons representantes, ou os representantes mais conhecidos, da Escola Austríaca, e estou certo de que você está bem informado sobre eles, ou seja, Mises, Hayek e Rothbard, assim como Henry Hazlitt, têm escrito sobre o assunto, e realmente fizeram um trabalho muito bom de previsão. Foi essa a razão pela qual fui atraído para seus escritos, porque certamente Mises compreendeu com clareza que o sistema soviético não funcionaria.

Nos anos de 1920, a política econômica austríaca explicou o que provavelmente aconteceria na década de 1930. Nenhum dos economistas austríacos foi surpreendido pelo estouro da bolha em 1989 no Japão, que, a propósito, tinha superávit. E, é claro, a melhor previsão dos economistas austríacos foi o colapso do Acordo Bretton Woods, o qual, certamente, nos disse algo sobre o que poderíamos esperar dos anos de 1970.

Mas as preocupações daquela escola de pensamento seriam o fato de que nós ainda continuamos a inflacionar. Entre 1995 e 1999, nossa oferta monetária M3[3] subiu 41%. Esse percentual aumentou duas vezes mais rápido do que o PIB nesse período, contribuindo para a condição a que chegamos. Tiramos proveito por termos a moeda de reserva mundial, que nos permite perpetuar a bolha financeira. Por causa do nosso enorme déficit em conta-corrente,

[3] A oferta monetária M3 é formada por moedas em circulação, incluindo as estrangeiras, ativos monetários e quase monetários, depósitos de poupança, títulos de dívida, acordos de recompra e ações de fundos de mercado monetário, entre outros. (N. T.)

estamos agora tomando empréstimos de mais de US$ 1 bilhão por dia para financiar, você sabe, nossa prosperidade, e a maioria dos economistas, sejam eles da Escola Austríaca ou não, aceitaria a ideia de que isso é insustentável e de que algo deveria mudar.

Ainda recentemente eu vi uma estatística mostrando que o crédito bancário total fora do âmbito da atividade diária sob controle do Fed está crescendo a taxas de 22%. Somos agora o maior devedor do mundo. Temos US$ 1,5 trilhão de dívida externa, que agora está em 20% do valor do PIB, e essas estatísticas preocupam muitos economistas como um presságio do que está por vir.

E a minha pergunta a respeito disso é: onde os economistas austríacos erraram? Pois quando você os critica, diz que não podemos aceitar nada do que eles dizem.

Minha segunda pergunta trata de produtividade. Há vários grupos que dizem que nossas estatísticas são improváveis. Estevão e Lach alegam, e isso foi redigido num folheto do Fed de St. Louis, que os trabalhadores temporários não são considerados nas contas e que isso distorce o cenário. Stephen Roach e Morgan Stanley disseram que não levamos em consideração as horas extras. Robert Gordon, da Universidade Northwestern, diz que 99% dos ganhos de produtividade estavam na indústria de informática e tinham muito pouco a ver com a economia geral, e, portanto, não devíamos estar ansiosos em nos reassegurar de que o crescimento da produtividade irá nos proteger das punições futuras, que poderiam ser muito graves.

Alan Greenspan: Bem, eu teria prazer em ter com você uma longa discussão acadêmica sobre a Escola Austríaca e suas implicações em relação à visão moderna de como a economia funciona por eu ter efetivamente participado de um seminário de Ludwig Mises quando ele estava com, provavelmente, noventa anos, e eu era bem mais novo do que ele. Portanto, eu estava ciente de

que grande parte daqueles ensinamentos estavam, e muitos deles ainda estão, corretos. Não há dúvida de que foram assimilados de muitas maneiras diferentes à opinião geral dos acadêmicos, e você pode ver uma parte considerável dos ensinamentos da Escola Austríaca em muitos materiais publicados em várias revistas acadêmicas hoje em dia, embora sejam raramente, ou nunca, discutidos nos termos propostos pelos austríacos.

Temos uma economia extraordinária com a qual temos de lidar tanto nos Estados Unidos quanto no resto do mundo. O que vemos ao longo de gerações é que as forças ocultas que geram a mudança econômica também sofrem mudanças o tempo todo, sendo o ser humano a única constante aparente durante todo o processo. Penso que é seguro dizer que, de modo geral, os economistas travam uma luta contínua para compreender que estrutura em particular essencialmente define o que dá à economia maior probabilidade de se mover numa direção ou noutra num período imediatamente seguinte, e eu arrisco dizer que seu entendimento muda continuamente de uma década para a outra. Tínhamos opiniões sobre a inflação nos anos de 1960, que consideravam um pouco de inflação algo desejável, que não temos mais – pelo menos a grande maioria não acredita mais que ela seja desejável.

Os elementos gerais que contribuem para a estabilidade numa economia de mercado mudam de período em período, como observamos, e certas hipóteses sobre como o sistema funciona não se enquadram com a realidade. Assim, tudo o que eu posso dizer é que os longos tentáculos da Escola Austríaca foram longe a partir de quando a maioria das ideias foi praticada, e tiveram um impacto profundo e, na minha opinião, provavelmente irreversível, sobre como pensa a maioria dos economistas ortodoxos deste país.

R. P.: Você não tem tempo para responder à questão sobre produtividade, mas, de certa forma, eu tinha certa esperança que você dissesse

para eu não me preocupar com esses economistas austríacos, porque se eu me preocupasse muito com eles e aquelas previsões que fizeram no passado se tornassem realidade, então, de alguma forma, deveríamos nos preocupar. Assim, eu gostaria que você me tranquilizasse dizendo que eles estão absolutamente equivocados.

A. G.: Deixe-me fazer a distinção entre as análises da forma como a economia funciona e os prognósticos que as pessoas fazem como consequência daquelas análises. O aspecto notável do comportamento das economias é raramente se enquadrar nas previsões tanto quanto se deveria esperar que acontecesse. Sei que há uma grande disputa sobre a questão dos dados da produtividade. Eu não quero entrar nisso. Ficaríamos aqui pelo resto do mês. Eu acho que as evidências, em minha opinião, são cada vez mais persuasivas de que houve realmente uma mudança estrutural de base na produtividade deste país.

Antes de um dos nossos encontros bianuais com Greenspan, tivemos a oportunidade de tirar uma foto. Uma vez que se tratava de um evento agendado, eu trouxe comigo minha cópia original verde e desbotada do jornal objetivista de 1966. Durante a curta visita e depois da foto, eu mostrei-lhe a cópia da carta e perguntei se ele se lembrava do boletim, que rapidamente reconheceu. Depois que Greenspan abriu o pequeno livreto com o seu artigo "Gold and Economic Freedom", perguntei se ele poderia autografá-lo para mim, o que fez prontamente. Enquanto ele assinava o texto, perguntei se gostaria de inserir alguma retratação. De forma espantosa, ele respondeu que apenas recentemente havia relido o artigo e que não mudaria uma única palavra.

Numa audiência em 21 de julho de 2004, o debate no qual eu discuti a bolha imobiliária aconteceu da forma como transcrevo a seguir:

R. P.: Como a economia desacelerou em 2000, 2001, é claro, houve um direcionamento agressivo no sentido de inflacionar e reduzir as taxas de juros para o patamar sem precedentes de 1%. Mas eis que, quando olhamos para trás, descobrimos que a produção, na verdade, não se recuperou, as poupanças não se recuperaram, a bolha imobiliária continua, o déficit em conta corrente está fora da linha e continua a crescer da mesma forma que a nossa dívida externa, e a dívida do consumidor está crescendo tanto quanto a dívida do governo.

Portanto, parece que esse 1% não fez muito bem exceto por impedir a deflação da bolha, o que significa que, sim, nós tivemos uma vitória temporária, mas adiamos o inevitável, ou seja, a dor e o sofrimento que deve sempre vir depois da distorção ocorrida num período de inflação.

Assim, minha pergunta é: quão único você considera o período em que vivemos e como analisa o seu trabalho? Para mim, não é surpresa que metade das pessoas pense que você está sendo prematuro e a outra metade considere que você está demorando muito para aumentar as taxas. Mas uma vez que a moeda fiduciária nunca sobreviveu por longos períodos em toda a nossa história, é possível que o afunilamento das incumbências que você hoje enfrenta seja um evento histórico, possivelmente o início do fim do sistema fiduciário que substituiu o Acordo de Bretton Woods trinta anos atrás? E uma vez que não há evidências de que a moeda fiduciária funcione no longo prazo, há qualquer possibilidade de você cogitar, como já disse e eu cito, "ter de abordar o tema da política monetária em todas as esferas, não só internamente, mas também internacionalmente, a fim de restaurar o crescimento real"?

A. G.: Bem, congressista, você está levantando a questão mais fundamental quanto a termos um padrão-*commodity* ou um outro

padrão. E essa questão tem sido debatida extensivamente, você sabe melhor do que eu, por um período significativo.

Uma vez que você decide que um padrão-*commodity* tal como o padrão-ouro, por qualquer razão, não é aceitável numa sociedade e você migra para uma moeda fiduciária, então a resposta é automática; e a menos que você tenha um governo que se esforce para determinar a oferta de moeda, é muito difícil criar o que efetivamente foi criado pelo padrão-ouro.

Penso que você verá, como eu indiquei antes, que os mais eficientes bancos centrais desse período da moeda fiduciária tendem a ser os mais amplamente bem-sucedidos porque temos uma tendência a repetir aquilo que provavelmente teria ocorrido sob um padrão-*commodity* em geral.

Afirmei no passado que sempre achei que as moedas fiduciárias são inflacionárias por natureza. Fiquei surpreso ao observar o fato de que, do início dos anos de 1990 em diante, o Japão demonstrou que esse não é um princípio universal. E o que eu tenho começado a perceber é que, porque tendemos a reproduzir em grande medida aquilo que um padrão-*commodity* realizaria, não estamos sofrendo as consequências inflacionárias de longo prazo da moeda fiduciária. Vou te dizer, estou surpreso com esse fato. Mas isso é, no meu entender, um fato.

Em 11 de fevereiro de 2004, eu desafiei Greenspan diretamente a respeito do seu poder:

R. P.: Friedrich Hayek gostava de dizer que a economia dirigida estava em perigo porque era baseada em uma pretensão de conhecimento, que há certas coisas que os planejadores econômicos não sabem e, por exemplo, ele concordaria comigo em que nós não sabemos, que você não sabe e que o Congresso também não

sabe quais devem ser as taxas de *overnight*[4] – e ainda assim rejeitamos o mercado. Mas isso é parte do sistema. E eu compreendo. Porém, nunca lhe ocorreu que talvez haja muito poder nas mãos daqueles que controlam a política monetária, o poder de criar bolhas financeiras, o poder de desencadear bolhas, o poder de alterar o valor do mercado de ações em poucos minutos? Para mim, isso é um poder sinistro e desafia todo o conceito de liberdade e de moeda forte.

A. G.: Congressista, como eu lhe disse antes, o problema a que você está se referindo é a conversão de um padrão-*commodity* para o da moeda fiduciária. Migramos legalmente para o padrão de moeda fiduciária e como consequência dessa mudança foi inevitável que a autoridade, que é o fabricante da oferta monetária, assumisse um poder desmedido. Essa é uma das razões pelas quais eu fiz aquela menção. E por causa do fato de que somos servidores não eleitos é obrigatório que sejamos tão transparentes quanto concebivelmente possível; e lembre-se que respondemos perante o eleitorado e perante o Congresso. O poder que temos é todo concedido por vocês. Não temos nenhuma capacidade de fazer o que quer que seja sem a autorização, e até o consentimento, do Congresso dos Estados Unidos. Reconhecemos isso, e uma das razões pelas quais estou aqui hoje é o empenho em transmitir por que estamos fazendo aquilo que estamos fazendo. E eu continuarei a fazê-lo e estou certo de que meus colegas estão plenamente cientes da responsabilidade que o Congresso nos confere. Tenho certeza de que respeitamos muito mais os princípios da Constituição dos Estados Unidos do que alguém normalmente faria.

---

[4] Taxas sobre as operações de troca de dinheiro por um dia para resgate no primeiro dia útil seguinte. (N. T.)

A última participação de Greenspan antes da criação do Financial Services Committee aconteceu em 20 de julho de 2005. Nessa ocasião, eu o pressionei severamente ao perguntar-lhe sobre quais tipos de condições o fariam reconsiderar o uso do ouro no sistema monetário. Introduzindo a pergunta, eu observei que os bancos centrais ainda mantinham ouro guardado, evidentemente na crença de que isso tinha um objetivo monetário. As instituições não guardam outras *commodities* e, embora tenham vendido ouro ao longo dos anos, ainda há muito ouro guardado nos cofres do Fundo Monetário Internacional (FMI) e dos bancos centrais.

R. P.: Até mesmo você, na década de 1960, descreveu o sistema de moeda sem lastro como um método de confisco de riqueza... Não é verdade que esse sistema de moeda sem lastro com que trabalhamos hoje é, na verdade, uma maquinação para dar um calote em nossa dívida? E não é verdade que, por essa razão, trata-se de um bom argumento para as pessoas – eventualmente algum dia – não quererem comprar letras de câmbio do Tesouro porque serão pagos com dólares mais baratos?

E, relacionada com essa questão, eu gostaria de perguntar algo especificamente sobre o ouro... E se o papel-moeda – que hoje parece estar funcionando muito bem – e o sistema de papel-moeda deixarem de funcionar, quando vai chegar a hora? Quais serão os sinais de que chegou a hora de pensar em voltar ao padrão-ouro?

A. G.: Bom, você diz que os bancos centrais possuem ouro ou que autoridades monetárias guardam ouro. Os Estados Unidos são grandes proprietários de ouro. E você deve se perguntar: por que guardamos ouro? E a resposta é essencialmente, implicitamente, a que você levantou sobre os anos de 1970, nomeadamente a

parte, onde eu penso que você corretamente identificou, que ao longo de gerações o surgimento de somas de dinheiro fiduciário criou, de fato, todo tipo de problemas, apesar da insinuação de que houve algum esquema ou conspiração, algo muito mais intencional do que realmente, que eu me lembre, aconteceu. Os problemas básicos foram criados mais por negligência.

Mas eu declarei aqui antes, respondendo a uma pergunta semelhante, que os banqueiros centrais começaram a perceber no final dos anos de 1970 o quanto era danoso o fator inflação. E, de fato, desde a década de 1970 os banqueiros centrais têm se comportado, geralmente, como se estivéssemos sob um padrão-ouro. Realmente, a amplitude da contração de liquidez, que ocorreu em consequência dos vários diferentes esforços por parte das autoridades monetárias, é uma clara indicação de que reconhecemos que o excesso de crédito de liquidez cria inflação, que, por sua vez, arruína o crescimento econômico. Então, a pergunta é: haveria alguma vantagem, nessa fase específica, em retornar ao padrão-ouro? E a resposta é: eu penso que não, porque estamos agindo como se estivéssemos sob esse padrão. Teria sido uma questão em aberto, pelo menos em 1971, como você colocou? E a resposta é sim. Lembre-se, o preço do ouro estava em US$ 800 a onça. Estávamos lidando com desequilíbrios extraordinários, as taxas de juros subiram acentuadamente, o sistema parecia ser altamente instável e precisávamos fazer alguma coisa, e fizemos. Paul Volcker, como você deve se recordar, veio para o Fed em 1979 e segurou com austeridade a expansão de crédito. E isso culminou numa longa sequência de acontecimentos que estão nos beneficiando até a presente data.

Dessa forma, eu acredito que os bancos centrais aprenderam sobre os perigos da moeda fiduciária e eu acho que, em decorrência disso, temos nos comportado como se houvesse, de fato, reservas reais sob esse sistema.

Portanto, parece que apenas uma alta inflação de preços ao consumidor e ao produtor levaria Greenspan a reconsiderar o padrão-ouro, mesmo que simbolicamente. Entretanto, creio, muitos bancos centrais do mundo, assim como o FMI, irão manter ouro guardado. O que estamos vendo é que os bancos do Ocidente, as nações que têm vivido acima de suas possibilidades, estão vendendo ouro ao mesmo tempo que os países do Oriente mais voltados ao crescimento estão comprando ouro. Quanto à afirmação de que os banqueiros centrais estavam se comportando como se existisse o padrão-ouro, os documentos dos anos de 1998 indicam o oposto, e o resultado foi a catástrofe iniciada em 2008.

A mensagem transmitida por Greenspan em 1966 era bem diferente dos argumentos e da política que ele adotava como presidente do Fed. Numa conversa privada, ele reconheceu sua parceria com Murray Rothbard, mas não emitiu qualquer juízo de valor. Talvez Rothbard tenha sido uma influência favorável para Greenspan, uma vez que foi naquela época que ele escreveu o excelente artigo sobre ouro e liberdade.

De certa forma, é bastante surpreendente. Depois de inflacionar a moeda indefinidamente durante o seu mandato, a cada ajuste e a cada crise política, ele afirmou que reconhecia o perigo de se gerar inflação mediante a excessiva liquidez de crédito. Agora, no meio do que é possivelmente o maior ajuste da criação de crédito de toda a nossa história, Greenspan ainda se recusa a reconhecer sua contribuição mais significativa para a crise. Eu diria que ele nunca chegou perto de demonstrar na prática aquilo em que acreditava, ou seja, que seria possível usar o papel-moeda em substituição ao ouro quando gerido por sábios banqueiros centrais. A história provará que o objetivo é inalcançável e que

qualquer sofisticação na administração da moeda fiduciária pode atrasar os ajustes e, ao fazê-lo, apenas permitirá a formação de uma grande bolha financeira. É disso que se trata a crise de hoje.

Muitos libertários chegaram a defender a teoria de que Greenspan ainda era um crente fiel e promoveria a causa da moeda forte e da liberdade quando fosse adequado. Nunca acreditei nisso, e, com o passar do tempo, me tornei cada vez mais firmemente convencido de que o pragmatismo, uma posição política que Ayn Rand odiava, havia arrebanhado Greenspan. Ele visitou a House Committee on Oversight and Reform (Comissão de Fiscalização e Reforma da Câmara) em 24 de outubro de 2008 e foi recepcionado como um "notável" ex-presidente do Conselho do Fed.

Essa foi a palavra final sobre Greenspan.

A maior parte de seu depoimento foi planejada como uma tentativa de proteger sua reputação e de acobertar suas deficiências como presidente do Fed. Seu depoimento foi patético. Ele frisou que os programas de computadores usados no Fed para prever os problemas não foram bem projetados. E que a única razão de ter havido uma expansão da dívida era uma excessiva demanda pela nossa dívida, e que ela não era uma consequência da política do Fed. O ponto alto de seus argumentos foi ele dizer que cometera um erro e que, na verdade, não havia regulamentação suficiente no mercado. Em outras palavras, ele defendeu a criação de condições para maus investimentos, e a criação de mais regulamentações governamentais para mitigá-las. Quando a audiência se aproximava do fim, eu só pude concluir: Greenspan não é John Galt.[5]

[5] John Galt é o célebre personagem do romance *A Revolta de Atlas*, de Ayn Rand. Um dos enigmas-chave da obra está contido na pergunta repetida por algumas vezes ao longo da história: "Quem é John Galt?". (N. T.)

A história mostrará que Greenspan, durante seus anos como presidente do Fed (1987-2006), plantou todas as sementes da calamidade financeira que estourou em 2007 e 2008. Assim como uma doença não pode ser curada com mais do germe que a originou, a inflação e a dívida acumuladas dos anos Obama não irão aumentar as nossas chances de sair da crise. Essa depressão provavelmente irá durar muito e muito tempo. Se levar uma década ou mais, sua duração não poderá ser atribuída unicamente a Greenspan. A culpa será atribuída ao atual Conselho do Fed, ao Congresso, ao presidente, ao Tesouro, mas, acima de tudo, às políticas econômicas keynesianas, a mesma filosofia que nos levou à Grande Depressão dos anos de 1930.

A desaceleração econômica é a compensação necessária pelo *boom* econômico artificial produzido pelo crédito fácil e pelas taxas de juros artificialmente baixas do banco central. A própria duração da crise é uma consequência da interferência que impede a liquidação da dívida e dos maus investimentos e os ajustes dos preços dos bens, serviços e mão de obra. É pedir demais aos políticos ou burocratas que não planejem centralmente a economia, especialmente quando o mercado está lutando para corrigir todos os erros que surgiram como resultado da política do Fed.

Conversas com Bernanke

Eu já tive vários desentendimentos com Ben Bernanke. Na verdade, eu o tenho interrogado continuamente a cada reunião do Financial Services Committee e, assim, eu pelo menos sei que ele está tendo acesso a uma opinião divergente. Ele se tornou presidente do Fed em 1º de fevereiro de 2006. Numa discussão em 20 de julho daquele ano, eu o questionei em detalhes sobre a atividade sigilosa do "grupo de proteção contra o risco bancário" – o Working Group on Financial Markets, formado pelo secretário do Tesouro, pelo presidente do conselho do Fed e por representantes da Exchange Commission e da *Commodity* Futures Trading Commission –, sobre algumas inclinações existentes contra o crescimento econômico e sobre o papel do Fed na crise financeira.

A discussão se deu da seguinte forma:

Ron Paul: Eu tenho uma pergunta a respeito do Working Group on Financial Markets. Eu quero aprender mais sobre o grupo e saber efetivamente qual a sua autoridade e o que faz. Poderia me dizer, como membro do grupo, quantas vezes vocês se reúnem, com qual regularidade tomam medidas e o que fizeram recentemente? Há relatórios encaminhados por esse grupo em particular?

Ben Bernanke: Sim, congressista. O presidente do Working Group foi convocado pelo presidente dos Estados Unidos, creio, depois do *crash* do mercado de ações de 1987. As reuniões são irregulares, suponho que cerca de quatro ou cinco vezes por ano, mas não estou exatamente certo. Sua função primária é consultiva, de elaborar relatórios. Mencionei mais cedo que temos sido solicitados a preparar relatórios sobre seguros contra o risco de terrorismo. É isso o que geralmente fazemos.

R. P.: Na mídia você encontrará artigos afirmando que se trata de muito mais do que um grupo consultivo, você sabe, e que caso haja um *crash* do mercado de ações, você, literalmente, tem muita autoridade para impor restrições no mercado. Estamos falando de muitos trilhões de dólares circulando nos mercados financeiros e isso envolve o Tesouro e, é claro, o Fed, tanto quanto o Securities and Exchange Commission e o *Commodity* Futures Trading Commission. Portanto, há um grande potencial aí.
E a razão disso ter despertado a minha atenção é que recentemente um texto acusou o grupo de interferir nos preços das ações da General Motors. Você leu o artigo ou sabe algo sobre o assunto?

B. B.: Não, senhor, não sei.

R. P.: Porque a acusação dizia ter havido um problema com a General Motors e, em seguida, os preços das ações da empresa aumentaram de valor. Mas voltando ao tema da reunião. Você me disse que os encontros são irregulares, mas há atas arquivadas ou relatórios feitos pelo grupo?

B. B.: Acredito que haja registros arquivados pela equipe, que é formada, sobretudo, por funcionários do Tesouro, mas também há pessoas de outras agências do governo.

R. P.: Esses documentos estão disponíveis para nós da comissão?

B. B.: Eu não sei. Perdoe-me, mas não sei.

R. P.: A outra questão se refere a um comentário feito recentemente por um dos membros do Conselho do Fed. Ele deu uma declaração bastante comum ao manifestar um alívio quanto ao fato de a economia estar enfraquecendo, partindo, principalmente, do pressuposto de que o enfraquecimento da economia ajudaria a conter a inflação. E eu ouço esse tipo de comentário várias vezes, de que a economia é muito forte e que, portanto, precisamos de uma economia mais fraca. Se essa suposição estiver correta, você concorda com ela, ou seja, com o fato de que uma economia mais fraca é útil quando se está preocupado com a inflação?

B. B.: Congressista, como eu já disse no meu depoimento, precisamos seguir num ritmo sustentável. Precisamos imprimir um ritmo que corresponda à capacidade produtiva básica, que provavelmente será um pouco menos robusta em comparação à dos últimos anos porque ao longo desse período nós também reempregamos recursos subutilizados, e daqui em diante não teremos mais esses recursos para utilizar produtivamente.

R. P.: Mas se você aceita o princípio, como dá a entender agora, de que se estiver preocupado com a inflação deve desacelerar a economia, o que faz a inflação cair, isso pressupõe que a inflação é gerada pelo crescimento econômico, e eu não aceito tal ideia, assim como a maioria das pessoas aceita o fato de que a inflação é realmente um fenômeno monetário. E esse fato também introduz a ideia de que o crescimento é ruim, e eu ainda vejo o crescimento como algo bom. Quer se trate de três, quatro, cinco ou seis, se não há inflação monetária, não precisamos nos preocupar. Porque se há um bom crescimento no mercado em vez de um crescimento artificial, é esse crescimento que gera o aumento da produtividade. Há um

crescimento de produtividade, e isso contribui para reduzir os preços, mas não lida com a inflação.

E eu penso que o que estou falando aqui poderia se relacionar às preocupações do cavalheiro de Massachusetts sobre os salários reais. Há uma série de preocupações sobre salários reais *versus* salários nominais, mas eu penso que se trata de uma característica de uma economia baseada numa moeda fiduciária que está perdendo o seu valor, e que é inevitável que o custo real do trabalho diminua. Na realidade, Keynes defendia essa posição. Ele percebeu que numa situação de colapso econômico os salários reais tinham que ser reduzidos. E acreditava que seria possível baixar os salários reais através da inflação. Assim, o salário nominal permaneceria em alta enquanto o salário real diminuiria, de forma a ludibriar o trabalhador. Mas isso efetivamente não funciona porque, no fim das contas, o trabalhador sabe que está perdendo e reclama do aumento do custo de vida.

Portanto, você poderia me ajudar na tentativa de compreender por que devemos sempre atacar o crescimento econômico? Por que não podemos simplesmente dizer que o crescimento econômico é bom e ajuda a reduzir os preços porque aumenta a produtividade?

B. B.: Congressista, eu concordo com você. O crescimento não gera inflação. O que gera inflação são as condições monetárias ou as condições financeiras que estimulam o gasto, que cresce mais rapidamente do que a capacidade básica da economia para produzir. Qualquer coisa que incremente a economia de produção, seja ela uma maior produtividade, maior força de trabalho e outros fatores de produção, é simplesmente positivo. Isso reduz a inflação.

R. P.: Você vê os déficits que produzimos – sobre os quais você tem o controle – como um ônus para o Fed na gestão das relações monetárias e na conservação das taxas de juros, bem como talvez até mesmo um menor crescimento na oferta monetária?

B. B.: Bem, em relação à nossa política monetária de curto prazo, estamos capacitados para realizar ajustes de acordo com as condições da política fiscal, sejam elas quais forem. Penso que as questões fiscais são mais importantes no longo prazo por causa dos compromissos de longo prazo que nós temos, por exemplo, com os programas de benefícios sociais. Para nós a situação fiscal não é um grande obstáculo para a nossa gestão da política monetária de curto prazo.

Suspeitei que Bernanke estivesse um pouco nervoso durante a discussão, pois ele ficou, desnecessariamente, de boca fechada a respeito de questões sobre as quais certamente estava bem informado. Ele também me pareceu surpreso em ter que discutir assuntos técnicos em público, e mal conseguiu ir além dos clichês a respeito de ritmos sustentáveis de crescimento e afins. Finalmente, Bernanke concluiu de uma maneira que esperamos de um devoto de longa data da expansão monetária: não importa quão ruim esteja a situação fiscal, pois nada servirá como um impedimento ao trabalho do Fed.

A seguir, uma discussão ocorrida em 18 de julho de 2007 na qual eu tento alertá-lo de que a política em curso não era sustentável e que a crise estava a caminho:

R. P.: Acho muito irônico que o Fed tenha o controle completo da oferta monetária, enquanto é o Tesouro que supostamente deve proteger o valor do dólar. Parece que o Fed tem também alguma responsabilidade pelo valor do dólar.

Eu tenho uma pergunta sobre o PIB. No primeiro trimestre, nosso PIB não esteve tão bem. Cresceu menos de 1% (anualizado). Nossa média de crescimento populacional é de cerca de 1,5%. Portanto, se pegarmos a riqueza total dividida pela população, teremos, na verdade, um crescimento negativo. Isso não

poderia ser parte da explicação de por que algumas pessoas sentem a desigualdade? De por que elas não estão indo tão bem na economia? Isso não explicaria algumas de nossas preocupações?

B. B.: Congressista, aquilo foi, obviamente, um único trimestre, e houve uma série de fatores temporários que pressionaram o crescimento do PIB no primeiro trimestre, incluindo a liquidação do excesso de estoque (que eu mencionei antes), uma oscilação na nossa balança comercial (uma oscilação temporária) e um declínio temporário nos gastos de defesa federal. Todas essas coisas têm sido revertidas agora e, portanto, eu acho que nós iremos ver no segundo trimestre um crescimento próximo dos 3%. Ainda na primeira metade do ano, sobretudo, veremos uma taxa de crescimento saudável.

R. P.: Temos taxas de poupança que estão negativas. Se tivéssemos um verdadeiro capitalismo, isso seria muito, muito sério porque não teríamos poupança nem capital para investir. Atualmente, com o nosso sistema monetário, temos que recorrer a outros meios. Podemos criar crédito e dinheiro do nada e ambos funcionam como capital roubando o valor da moeda existente. Temos feito isso durante muito tempo e, portanto, o processo pode continuar, mas se trata, literalmente, de inflação.

Nós também precisamos recorrer a empréstimos no exterior e estamos autorizados a fazê-lo porque temos a reserva da moeda mundial para exportar nossa inflação, o que também parece ser uma vantagem para nós. Mas por quanto tempo podemos enganar o mundo? Por quanto tempo continuaremos com um déficit em conta corrente de 6% se nossas ocupações do setor produtivo estão migrando para o exterior? E, como o senhor mencionou antes sobre mais empregos indo para outros países, isso eventualmente irá nos atingir. É concebível que possamos viver com uma formação de capital mediante a criação de dinheiro e de crédito do nada?

Se esse é o caso, se for verdade, nós jamais teríamos que trabalhar novamente. Mas parece que realmente temos que trabalhar; nós efetivamente precisamos economizar; nós verdadeiramente temos que investir; e temos que verdadeiramente recuperar esses empregos. Eu realmente vejo tantos dos nossos problemas como resultado de um sistema monetário que desencoraja a poupança e um sistema que incentiva a criação de benesses, porque ainda há muita confiança em relação ao dólar (apesar de a confiança estar diminuindo). Penso que devemos enfrentar as consequências do que isso pode significar para o nosso país.

B. B.: Em primeiro lugar, nossa poupança nacional inclui a poupança empresarial tanto quanto a poupança doméstica. Se você colocá-las juntas obtém um número positivo, portanto, há uma poupança líquida em curso nos Estados Unidos. Mas, congressista, você está absolutamente certo de que também dependemos muito fortemente de empréstimos do exterior, que geram o nosso déficit de conta corrente. Acredito que seja sustentável por enquanto porque os estrangeiros parecem estar muito interessados em adquirir ativos dos Estados Unidos. Nós temos mercados financeiros profundos e líquidos.

Contudo, eu também concordo com você que a situação não é, de modo algum, sustentável a longo prazo, e precisamos trabalhar para tentar baixar ao longo do tempo o déficit de conta corrente. Na resposta à questão anterior eu falei um pouco sobre a importância da mudança estrutural, ou seja, aumentar as poupanças aqui nos Estados Unidos e prestar mais atenção à demanda interna com os nossos parceiros comerciais.

R. P.: Você disse em sua fala que a preocupação política preponderante era a inflação, e é animador que haja essa preocupação. Obviamente, uma vez mais, a inflação é um fenômeno monetário e temos que lidar com ele.

A guerra, algumas vezes, não é saudável para uma moeda ou para manter os preços baixos, ou ao menos para controlar a inflação. É difícil encontrar, em toda a história, um momento em que a guerra não gerou inflação de preços porque, mesmo em épocas passadas, os países recorriam à raspagem das moedas, à diluição de seu valor ou a qualquer outra medida desse tipo. A moeda era inflacionada porque o povo, geralmente, não gosta de pagar pela guerra. Na década de 1970, sofremos as consequências de ter tanto armas quanto manteiga. Agora, temos novamente armas e manteiga (e estamos sofrendo as consequências), e parece que podemos muito bem voltar a sofrer os problemas ocorridos nos anos de 1970-80. Você antevê a possibilidade de enfrentarmos uma crise do dólar tal como a de 1979 e 1980?

B. B.: O Fed está comprometido a manter a inflação baixa e estável, e eu estou muito confiante de que seremos capazes de fazê-lo.

R. P.: Você não respondeu se antevê ou não o problema.

B. B.: Não antevejo nenhum problema como o dos anos de 1979-80.

R. P.: Com os dedos cruzados, suponho. Ok. Obrigado.

Aparentemente, os dedos cruzados não funcionaram. Várias vezes durante a discussão acima, Bernanke disse que esperava um futuro radiante de crescimento econômico sem problemas perceptíveis pelo caminho. O diálogo aconteceu duas semanas antes do colapso dos *hedge funds* do banco Bear Stearns e um ano antes da desintegração em massa do sistema financeiro americano. Todos os problemas serão resolvidos, ele disse, com o nosso mercado financeiro líquido. É um mistério porque ninguém hoje em dia leva a sério essa posição. Finalmente, ele confessou sua crença de que o gasto do governo é uma fonte de crescimento econômico, uma superstição da velha guarda

keynesiana de que é possível roubar de algumas pessoas e dar a outras e, assim, magicamente criar prosperidade.

Meses depois, em 8 de novembro de 2007, tivemos outro embate. Dessa vez, eu o questionei especificamente sobre a bolha financeira.

R. P.: A melhor forma de descrever os problemas que enfrentamos em nosso país, tanto quanto os problemas enfrentados pelo Fed, é que estamos, de fato, entre a cruz e a espada. Não falamos muito sobre como chegamos até aqui; falamos sobre como vamos resolver o problema. A bolha estourou. Vimos o que aconteceu depois do estouro da bolha da Nasdaq.[1] Não perguntamos como ela foi criada. Então tivemos uma bolha imobiliária e a deflação que depois foi se espalhando. E ainda assim ninguém pergunta de onde ela vem? E o conselho que você geralmente recebe é para inflacionar a moeda. Mas eles não dizem inflacionar a moeda, eles não dizem depreciar a moeda, eles não dizem desvalorizar a moeda, eles não dizem ludibriar o povo. Eles dizem reduzir as taxas de juros. Eles nunca perguntariam a você, e eu não ouço você dizer isso muitas vezes, que a única maneira de reduzir as taxas de juros é criando mais moeda. Sendo assim, eu tenho que reduzir as taxas de redesconto, e devo fazê-lo generosamente; tenho que aumentar as reservas; tenho que reduzir e ajustar as taxas de juros – taxas de *overnight*. A única forma de fazer isso é aumentando a oferta monetária. E eu vejo isso como o problema sobre o qual não queremos conversar. Atualmente, é claro, não podemos acompanhar a oferta monetária com o M3, mas podemos acompanhar uma de suas estatísticas, que é o MZM – dinheiro à mão disponível – e vemos que a

[1] National Association of Securities Dealers Automated Quotations (Associação Nacional Corretora de Valores e Cotações Automatizadas). Bolsa de valores eletrônica onde são negociadas ações de empresas de alta tecnologia. (N. T.)

inflação está viva e vai bem. Aquela cifra está aumentando cerca de 20%, anualizada.

Isso significa apenas que o dólar ficou mais fraco. E todo mundo diz, bem, o dólar ficou [mais fraco] – o que é ótimo. Com o dólar enfraquecido, vamos exportar mais. Mas isso é uma falácia, talvez dure um mês ou dois, mas somente vai gerar inflação.

Precisamos mergulhar fundo nessa questão e definir o que é inflação sem observar apenas os preços, algo que já havia sido dito pelos economistas defensores do livre mercado durante todo o século XX. O alerta que deram foi: tome cuidado! Eles irão aumentar a oferta monetária, mas farão você prestar atenção apenas nos preços. E irão te mostrar o Índice de Preço ao Consumidor[2] e o Índice de Preço ao Produtor[3] e, você sabe, falsificar aqueles índices, e falarão sobre salário e controle de preços como mecanismos para resolver os nossos problemas.

E ignoramos a falha fundamental, que não tínhamos apenas o mercado de *subprime* no setor imobiliário; todo o sistema econômico é *subprime* e dentro do qual temos taxas de juros artificialmente baixas. E essa situação não foi criada durante o seu mandato no cargo; vem acontecendo há dez anos ou mais, e agora estamos colhendo os frutos daquela política.

Quero dizer, 1% de taxa de juros, taxas de *overnight*, e não há distorção? Em vez de olhar para esses – preços ao consumidor, nos quais ninguém neste país realmente acredita –, precisamos conversar sobre essa distorção, sobre o mau investimento, a má orientação, a má informação, que são obtidas com base nas taxas de juros artificialmente reduzidas.

Sob muitos aspectos, algumas pessoas referem-se a você como um fixador de preços, você sabe, porque você estabelece as taxas de juros.

---

[2] No original, CPI (Consumer Price Index). (N. T.)

[3] No original, PPI (Producer Price Index). (N. T.)

O mercado é poderoso e, normalmente, subjuga e faz com que se entre no jogo, mas quando o Fed estabelece a taxa de juro a 1%, o que faz é fixar o preço.

No final de seu depoimento, você sugeriu que deveríamos combater essa crise imobiliária e que deveríamos ter regras que combatessem essas práticas enganosas de empréstimos. E eu apenas acho que essa não é, de qualquer modo, a resposta.

A fraude real é quando distorcemos o valor da moeda, quando criamos dinheiro do nada. Não temos poupança. No entanto, há o assim chamado capital. Há dinheiro disponível. Mas isso advém daquilo que você tem que fazer e das pressões que recebe. Assim, eu acho que devemos voltar aos mesmos fundamentos de onde origina esse problema. E as bolhas acontecem quando temos esse mau investimento e a criação de moeda nova.

Portanto, minha pergunta se resume a isso: como podemos esperar resolver os problemas da inflação no mundo, que é o aumento na oferta monetária, com mais inflação?

B. B.: Bem, congressista, antes gostaria de tocar num pormenor técnico. O aumento da moeda tem sido bastante moderado ao longo dos últimos anos. O aumento em MZM está provavelmente relacionado ao tumulto financeiro. As pessoas estão tirando suas poupanças, você sabe, dos ativos de risco, depositando-as no banco, o que faz com que os dados monetários mostrem um crescimento mais rápido.

Assim, não estou certo de que é, necessariamente, um indicativo da política. O que estamos tentando fazer é cumprir o mandato que o Congresso nos deu. E essa responsabilidade implica olhar para o emprego e para a inflação como medidas do crescimento dos preços no mercado interno.

E como eu falei hoje, acho que você concordaria que observamos os riscos da inflação, que levamos em consideração aqueles

elementos e queremos ter certeza de que os preços nos Estados Unidos continuarão tão estáveis quanto for possível.

R. P.: Como você pode fazer e perseguir tal meta – com a política que você desenvolve – sem enfraquecer ainda mais o dólar? Há uma crise do dólar lá fora e o dinheiro das pessoas está sendo roubado; pessoas que pouparam estão sendo roubadas. Quero dizer, se há uma desvalorização de 10% do dólar, as pessoas são roubadas em 10%. Mas como você pode perseguir essa política sem tocar no assunto de que alguém está perdendo riqueza por causa do dólar enfraquecido? Tal situação está levando a maiores taxas de juros e a uma economia mais fraca.

B. B.: Se alguém tem seus bens em dólares e está comprando bens de consumo em dólar – como a maioria dos americanos –, então o único efeito do declínio do dólar sobre o seu poder de compra é deixar mais caros os bens importados.

R. P.: Sim, mas não importa o que diz o seu Índice de Preço ao Consumidor se você for aposentado, um idoso, se tiver Certificado de Depósito[4] e seu custo de vida estiver aumentando. O custo de vida aumenta e as pessoas sofrem. E essa é a razão pela qual o povo deste país está tão desnorteado.

Essa foi a última vez que tivemos uma discussão antes do colapso financeiro. Bernanke estava mais evasivo do que jamais fora. Ele não abordou nenhuma questão específica. Além disso, não mostrou o menor interesse no problema iminente. Acho que o questionei durante o dia inteiro e só recebi banalidades em resposta. O que ele sabia realmente é outra história. Naquele dia, ele estava completamente voltado a propagandear as políticas do governo.

[4] No original, CD (Certificate of Deposit). (N. T.)

Numa troca de ideias em 24 de março de 2009, muito tempo depois do início da crise, a discussão correu assim:

R. P.: Você parte do pressuposto de que o capitalismo falhou e eles precisam mais de nós do que jamais precisaram para resolver esses problemas? Ou você diz: "Não, há alguma verdade nisso. De fato, a verdade é que nós nos colocamos nesse problema, pois temos governo demais, muita interferência nas taxas de juros, risco demasiado, risco moral, tudo embutido nesse sistema". Porque se você parte do ponto de vista que diz que o mercado não funciona, eu posso entender tudo o que você faz. Mas se eu vejo que você rejeitou completamente o mercado, e que temos que fazer algo sobre isso, eu posso compreender porque nós no Congresso e você no Tesouro e no Fed continuamos fazendo o que fazemos. Portanto, onde você joga a culpa: no mercado ou no capitalismo de compadres que temos vivenciado há, provavelmente, trinta anos?

B. B.: Congressista, eu certamente não rejeito o capitalismo. Eu não acho que se tratou de uma falha do capitalismo *per se* e também penso que os livres mercados deveriam ser os mecanismos primários de alocação de capital. Eles mostraram ao longo de muitas décadas que podem de forma muito efetiva alocar dinheiro para novos empreendimentos, para novas tecnologias e, por isso, queremos manter aquela estrutura de mercado de livre capital. No entanto, é o que temos visto ao longo de décadas, de séculos, os mercados financeiros podem ser propensos ao pânico, à fuga, aos *booms*, às crises, e, para o bem e para o mal, desenvolvemos mecanismos como o seguro de depósito e o emprestador em última instância para evitar esses problemas. Essas proteções, por sua vez, exigem alguma fiscalização para a evitar a acumulação de riscos.

R. P.: Por favor, eu posso interrompê-lo?

B. B.: Pois não.

R. P.: Entretanto, não é isso que cria o risco moral? Esse não é o problema em vez de ser a solução?

B. B.: Bem, o Fed foi criado em 1913 por causa dos grande pânicos financeiros em 1907, e depois em 1914, momento em que não existia regulação e as pessoas pensavam que havia um grande problema, assim como no século XIX.

Há algo suspeito com o chefe da mais poderosa burocracia estatal do mundo, alguém que está envolvido em tempo integral numa operação de falsificação para sustentar cartéis financeiros monopolísticos e é o mais poderoso planejador central do planeta, responsável por definir o preço da moeda em todo o mundo ao mesmo tempo que proclama as glórias do capitalismo. Mesmo quando confrontado com as consequências terríveis dos riscos criados por sua própria instituição, ele se recusa a encarar a realidade, ou pelo menos se recusa a admitir.

Lembro-me de ver Bernanke com um breve sorriso no rosto quando eu sugeri que minha solução não seria ouvida, visto que tornaria irrelevante todos os importantes agentes envolvidos nos gastos de trilhões de dólares. É isso que eles precisam evitar: a irrelevância. Os políticos precisam justificar sua existência na administração dos assuntos de Estado. Eles primeiro criam os problemas e em seguida se deliciam com todo o movimento de expansão do governo e com a resolução dos muitos problemas que foram criados.

O que nenhum deles irá admitir é que o mercado é mais poderoso do que os bancos centrais e do que todos os planejadores econômicos juntos. Embora isso possa levar tempo, o mercado sempre vence. Algumas vezes o mercado é forçado a ir para a

clandestinidade para realizar a atividade necessária à sobrevivência humana. Esse dia está se aproximando rapidamente.

Algumas pessoas ficaram surpresas com a conduta irresponsável de Bernanke na política monetária. Não há razão para ficar surpreso. Ele ficou conhecido por prometer quantidades ilimitadas de inflação em caso de necessidade. Se Greenspan estava convencido da genialidade dos banqueiros centrais, Bernanke estava ainda mais.

O comentário que dedicou a Milton Friedman no jantar em homenagem ao aniversário de noventa anos do professor, em 8 de novembro de 2002, revela tudo isso. Ele pediu desculpas ao professor Friedman e disse que ele estava absolutamente correto: a Grande Depressão foi criada por uma falha do Fed. Não se tratava de uma falha na gestão da moeda fiduciária pelo banco central ou na sua participação na expansão do crédito ou na monetização da dívida;[5] o problema residia somente na incapacidade ou relutância do Fed em inflacionar a moeda precoce e maciçamente a partir de 1929.

Bernanke fechou o seu discurso dirigindo-se diretamente a Friedman: "você está certo, nós criamos a Depressão. Lamentamos muito. Mas graças a você, nós não faremos novamente".

A culpa era, de fato, do Fed, mas, obviamente, por razões opostas. Foi a expansão do crédito dos anos de 1920 que criou a bolha do mercado de ações, a verdadeira causa do *crash*. E este foi agravado pelas intervenções de Hoover, de FDR e do Congresso, que dificultavam os ajustes necessários.

[5] Procedimento em que o banco central cria moeda para financiar a dívida do Tesouro. (N. T.)

Bernanke poderia estar sendo sincero e acreditar que pode impedir que soframos as consequências dos erros cometidos pelo Fed nas últimas décadas. Mas ele está errado. Ele pode refrear o entusiasmo do mercado pela deflação, mas a dor e o sofrimento oriundos da "expansão ilimitada de crédito", e sobre os quais nos advertiu o jovem Greenspan, estão por vir. Ele disse enfaticamente que "não havia nenhuma maneira" de proteger as poupanças do confisco através da inflação.

Portanto, mesmo que Bernanke consiga evitar a deflação atual, que ele vê como a nossa única ameaça, a estabilidade do sistema financeiro não pode ser restabelecida por uma expansão maciça de moeda e de crédito sob o sistema de padrão de reservas lastreado em dólares.

Aqui reside o cerne do problema. Se Bernanke e seus amigos argumentam que o Fed incorreu em erro – e todos os economistas da Escola Austríaca também afirmam que o Fed provocou a Grande Depressão –, para resolver a crise atual é preciso saber exatamente como ela foi gerada. Foi devido a uma excessiva expansão de crédito ou uma expansão insuficiente? Essa é a questão.

Aqueles que depositam sua fé num papel dizem "imprimam mais"; os perigos podem ser evitados e os problemas resolvidos. Aqueles que usam a razão podem rapidamente entender que uma moeda-*commodities* não inflacionária é a única resposta possível para os infindáveis ciclos de crescimento e crise.

Jogar dinheiro de helicópteros, como Bernanke aconselhou uma vez, se isso alguma vez for necessário, só irá garantir que o dólar seja destruído, assim como aconteceu com tantas outras moedas ao longo da história. Lembre-se de que jogar dinheiro de helicópteros só fará com que o dinheiro seja levado pelo vento.

O que Milton Friedman pensava sobre a moeda? Ele era um economista pró-livre mercado que se classificava como um libertário e que contribuiu extraordinariamente para uma compreensão pública sobre o funcionamento do livre mercado. Havia, no entanto, uma forte discordância entre Milton Friedman e a ala da Escola Austríaca defensora da moeda forte. Friedman acreditava que a oferta monetária precisava se expandir com a finalidade de sustentar o crescimento econômico. De tempos em tempos ele perdia a esperança de que o Fed, com os incentivos a que está submetido, pudesse fazer a coisa certa, mas acreditava no antigo princípio monetarista de que a oferta de moeda precisa sofrer alguma expansão. Eu debati essa questão com o dr. Friedman em algumas ocasiões no início dos anos de 1980. Ele sempre foi cortês e muitas vezes elogiou os meus esforços. Por algum tempo no início da década de 1980, eu fazia um programa de entrevistas para a TV no meu distrito eleitoral e ele foi um dos convidados. Em 1996, quando eu retornei à política e fazia campanha para voltar ao Congresso, perguntei-lhe durante uma conversa se ele escreveria uma carta de apoio à minha campanha, chamando a atenção para o ponto de que liberdade econômica e liberdade individual eram indissociáveis. Eu estava concorrendo num distrito muito conservador, o cinturão da Bíblia, e ainda adotava algumas posições civis libertárias que desafiavam muita gente. Friedman escreveu uma pequena e encantadora nota explicando que aquelas liberdades eram indissociáveis, deixando implícita a mensagem de que se você quer desfrutar de liberdade individual nos seus assuntos religiosos e nos seus assuntos de *homeschooling*,[6] deveria endossar, em todos os sentidos, a liberdade individual e a liberdade econômica.

[6] *Homeschooling* é o ensino doméstico ou domiciliar. Caracteriza-se pela educação dentro de casa por um familiar ou profissional contratado. (N. T.)

Eu usei o texto de Friedman em minha declaração de campanha:

> Precisamos ter mais representantes na Câmara[7] que compreendam de maneira fundamentada a importância dos direitos de propriedade e da liberdade religiosa para a preservação e ampliação da liberdade humana em geral... Desejo-lhe sucesso.

Eu às vezes me pergunto se Friedman, ao testemunhar o que Greenspan e Bernanke fizeram, teria mudado de ideia. Afinal, Anna Schwartz, a coautora de sua história da política monetária nos Estados Unidos, vem comentando livremente nas páginas do *Wall Street Journal*: "Nunca haveria uma crise da hipoteca *subprime* se o Fed estivesse em alerta. É algo que Alan Greenspan precisa explicar". Em seguida: "Em geral, é mais fácil para um banco central ficar acomodado, relaxado, e criar condições para fazer com que as pessoas sintam que tudo está indo bem".

[7] O nome completo da instituição política é Câmara dos Representantes dos Estados Unidos da América, ou Casa dos Representantes dos Estados Unidos da América. Junto com o Senado, compõe o Congresso dos Estados Unidos da América dentro do sistema bicameral. (N. T.)

CAPÍTULO 8

O INTERESSE DO CONGRESSO PELA POLÍTICA MONETÁRIA

Venho sentindo há anos um total desinteresse pela política monetária tanto por parte dos membros do Congresso como dos integrantes do Financial Services Committee. Um incidente confirmou meu ceticismo. Após eu levantar o tema do ouro numa audiência da comissão, um membro perguntou-me com toda a seriedade e reservadamente se o dólar era lastreado pelo ouro, o que ele até então presumia que fosse. Eu não acho que essa dúvida seja incomum. Muitas pessoas, que supostamente são responsáveis por monitorar o sistema, são surpreendentemente ignorantes a respeito dos aspectos mais básicos do seu funcionamento.

Em Washington, tem havido pouca compreensão a respeito de qualquer política econômica. A ideia de que o governo e o Fed deveriam estar completamente fora do planejamento econômico central não é vista como merecedora de discussão. No entanto, ao Congresso é atribuído o papel de supervisor, e os congressistas deveriam exercer efetivamente essa função. Mas isso exige que os congressistas se dediquem ao necessário trabalho de aprendizagem sobre o tema e não meramente o deleguem aos figurões encarregados das burocracias que o Congresso teoricamente supervisiona.

A maioria dos membros do Congresso não é automaticamente hostil ao ouro ou mesmo à extinção do Fed. A reação deles é mais de surpresa sobre aquilo que nenhum deles sequer havia considerado antes. Ao mesmo tempo, eu nunca ouvi um congressista manifestar apoio ao papel-moeda em razão de que isso facilitaria a expansão do Estado. A maioria não vê, de modo algum, qualquer conexão. Eles nem sequer têm curiosidade pelo assunto.

O que o Fed e o papel-moeda fizeram com o Congresso foi levar os legisladores a acreditar que não havia limites sobre o quanto se poderia gastar, sobre o que se poderia propor, sobre o que se poderia realizar. Eles efetivamente se comportam como estudantes universitários de férias, que usam sem limites os cartões de crédito dos pais. Eles não pensam no dinheiro. Eles não pensam em quem ou o que está pagando as contas. A capacidade de fazer aquilo que querem é tida como certa. Eles não estão nem mesmo interessados em verificar os livros de contabilidade. E só saberão que atingiram o limite de crédito quando o cartão for recusado.

O ponto é, a menos que se tenha um grande amor pela liberdade, a ignorância em relação à moeda não é algo que a maioria dos membros do Congresso lamente. Essa ignorância é o que permite, da mesma forma, que conservadores[1] e esquerdistas[2] gastem, tomem empréstimos, criem tributos e inflacionem a moeda com o objetivo de financiar seus vários programas dentro e fora do país.

---

[1] Os conservadores compõem a direita americana e podem ou não estar ligados ao Partido Republicano. (N. T.)

[2] No original, *liberal*. De acordo com o enquadramento político-ideológico nos Estados Unidos, um *liberal* é um indivíduo de esquerda geralmente vinculado ao, ou simpatizante do, Partido Democrata. A preferência pela tradução de *liberal* como esquerdista é evitar confusão com o liberal clássico e suas derivações, como o libertarianismo defendido pelo autor deste livro. (N. T.)

Há também um problema grave na maneira como o Fed intervém na política, não apenas de vez em quando, mas constantemente. Um exemplo famoso aconteceu quando Arthur Burns era presidente do Fed (1970-1978). Ele reforçou o sigilo durante o seu mandato e acabou com a prática de preservar a íntegra das minutas durante as reuniões do Federal Open Market Committee (Comissão Federal do Mercado Aberto). Sua intervenção na política era incontestável. A seguir à eleição de Jimmy Carter em 1976, Burns queria muito ser renomeado para o cargo. Ele cortou as taxas de redesconto e acelerou o aumento da moeda. De fato, ele era um republicano, mas quis entrar para a história como um bipartidário.

Um memorando de um assessor pessoal, relatado por William Greider, informava a Burns que: "Carter poderia ser seduzido... a renomeação faria Carter parecer um estadista de espírito elevado... Carter quer se assegurar de que, se você for renomeado, não irá mais continuar a criticar publicamente tudo o que está próximo a ou for estimado por ele".[3]

Infelizmente para Burns, a tentativa fracassou. Para o país foi pior, pois o dólar afundou ainda mais. A presidência de Carter também foi destruída quando ele teve que lidar com a pior alta da inflação de preços em mais de um século. Finalmente, a inflação trouxe efeitos negativos até mesmo contra os democratas e permitiu a Ronald Reagan ascender ao poder. Tal é o efeito retardado das tentativas míopes de manipular o ambiente político de forma a beneficiar os diretores do Fed e os interesses bancários. Apesar de sua simpatia pelo padrão-ouro, Reagan não fez nada sobre essa questão. Seus conselheiros foram

[3] William Greider, *Secrets of the Temple*. Nova York, Simon & Schuster, 1987.

bem-sucedidos em mantê-lo calado sobre o assunto, temendo que ele fosse visto como um louco ou excêntrico. Também no Congresso muitas pessoas eram reservadamente simpáticas à ideia, mas não conheciam o suficiente para dedicar-se à causa.

Entretanto, o envolvimento do Fed no "ciclo econômico político" é um fato bem documentado. O Fed tende a relaxar antes das eleições e muito provavelmente tolera recessões entre as eleições presidenciais e as nomeações para a presidência do Fed. Esse é um segredo público em Washington. Nós todos fingimos que o Fed não tem uma atuação política, porém todo mundo sabe que está entre as instituições mais políticas de todo o governo.

Conforme os anos passavam, essa situação tornou mais evidente para mim que a liderança que trabalhasse por um retorno à moeda forte jamais viria do Congresso dos Estados Unidos. Obviamente, o Congresso poderia extinguir o Fed amanhã se quisesse. O que impede é a ignorância econômica dos representantes,[4] tanto quanto os benefícios de que desfrutam devido aos gastos irresponsáveis. Nossos líderes só irão reagir quando o povo deste país se levantar e exigir honestidade com a moeda.

É claro que nem todo apoiador do Fed integra, de alguma maneira, uma conspiração para controlar o mundo. Todos os que querem controlar o mundo, porém, seja com o objetivo de obter riqueza ou poder, devem ter o controle do sistema monetário. Tem sido assim ao longo da história. Quanto maior o grau de liberdade que o povo desfruta, mais forte é a moeda. A tirania sempre anda de mãos dadas com a destruição do sistema monetário pelo governo.

[4] No Brasil, o equivalente aos deputados federais. (N. T.)

O problema não é somente a ânsia pelo poder; ironicamente, a caridade e o humanitarismo motivam muitos a ambicionar o poder sobre os outros. Eles acreditam, por razões humanitárias, que o forte e o sábio têm a obrigação de submeter o fraco e o ignorante aos caprichos do controle governamental. Na medida em que ganham mais influência e poder, se tornam mais convencidos de que são os salvadores da humanidade. E se surge qualquer resistência ou obstáculo que limite o seu poder, eles acreditam que a força bruta deve ser usada para impor sua "benevolência" sobre alguns poucos obstinados. O propósito da liberdade desaparece de suas mentes.

Os jacobinos franceses no século XVIII estavam tão convencidos de que a sua causa era correta que consideravam legítimo usar a guilhotina para impor a sua vontade sobre os outros, supostamente para seu próprio bem. Alguns dos que promoveram a Guerra do Iraque eram motivados de forma similar. Racionalizavam um pretexto humanitário para a guerra mesmo com mais de 5 mil americanos mortos e dezenas de milhares feridos. Um milhão de iraquianos morreram, centenas de milhares ficaram feridos e milhões se refugiaram; tudo justificado pela "bondade" trazida ao mundo pelos promotores da guerra.

A tributação e o sistema de empréstimos nunca são suficientes, não importa o verdadeiro motivo para querer controlar os outros. O controle da moeda pelo governo e pelo banco central é sempre necessário.

Enquanto houver riqueza disponível, as pessoas não irão se queixar sobre a tomada de controle do sistema monetário. O dia em que o Fed passou a existir em 1913 pode ter sido o início do fim, mas os poderes que obteve e o prejuízo que causou

levaram muito tempo para se tornar um problema grave e uma preocupação para o americano médio.

Mas agora a nossa riqueza está sendo exaurida. Nossa produtividade está diminuindo nitidamente. Nossas liberdades estão corroídas. Nosso império está frágil.

E o esquema que nos deu o Federal Reserve Act em 1913 está sendo contestado. A incapacidade do Fed de administrar esse sistema reconhecidamente inviável é mais evidente a cada dia. Resta saber se uma nova conspiração da moeda e do banco central pode substituir a que temos, ou se vamos escolher um sistema monetário compatível com uma sociedade livre.

A resposta virá de uma população informada e enfurecida. O Congresso irá então responder, mas só quando for impossível não fazê-lo.

Há outra força que não pode ser ignorada: o mercado, que pode se sobrepor até mesmo ao poder dos banqueiros centrais e das agências do governo. Na pior das hipóteses, uma vez que o sistema criado pelos bancos centrais se torna disfuncional, a economia clandestina (real) sempre cresce. Ela existiu também no sistema soviético.

Eu me lembro de uma viagem fascinante durante meus dias como cirurgião de voo da Força Aérea. Após visitar Portugal, Itália, Grécia e Etiópia, nós paramos na Turquia e no Irã e depois fomos para o Paquistão verificar os postos avançados do nosso império. Os oficiais superiores lotados na base próxima a Peshawar, no Paquistão, levaram nossa equipe a Khyber Pass para uma viagem de compras na fronteira com o Paquistão – uma área que agora está provavelmente servindo de casa para o

nosso atual inimigo, Osama bin Laden.[5] Eu me recordo de que, enquanto viajávamos pelas montanhas desoladas e acidentadas, o comandante me explicou que, apesar da aparente falta de atividade, a região estava repleta de tribos árabes.

Quando chegamos à fronteira, não pudemos entrar no Afeganistão, que, na época, era aliado dos soviéticos. Mas ali perto havia um lugar de grande importância onde o Oriente encontrava o Ocidente. Era uma enorme caverna estabelecida como um posto de troca com tantos produtos como os de uma loja de departamento. Eram vendidas mercadorias russas e orientais tanto quanto americanas e ocidentais num local pacífico e bastante calmo debaixo da terra. Lá era permitido às pessoas comercializar e conversar (as autoridades dos dois lados sabiam do mercado clandestino porque este servia aos interesses de ambos), enquanto na superfície se desenrolava a Guerra Fria.

Governos e bancos centrais fazem confusão, mas o mercado, se a sua operação for permitida, é capaz de organizar a bagunça mesmo sob pressão? Haverá sempre o mercado negro, a clandestinidade e os contrabandistas enquanto permitirmos que nossos governos nos roubem e nos controlem ao tornar ilegais as trocas voluntárias e as cooperações. São os próprios controles instituídos pelo governo que fazem surgir um mercado negro. Ao destruir a moeda e estimular o crescimento do Estado, a fundação de um banco central é a principal causa de atividades criminosas clandestinas.

Alguns dos nossos aliados políticos acusam as elites políticas, que controlam tudo e são repetidas vezes encontradas

[5] Osama bin Laden estava escondido não na região de fronteira, mas numa casa em Abbotabad, em Islamabad, no Paquistão, e foi morto por agentes especiais das Forças Armadas dos Estados Unidos no dia 1º de maio de 2011. (N. T.)

no Fed, no Tesouro e na Presidência, de planejar e de causar propositadamente certos eventos, como o 11 de Setembro e a nossa atual crise financeira. Eu não acredito nisso. Mas eu acredito que muitos membros da elite tiram proveito de certos acontecimentos que os ajudam a atingir seus objetivos. Rahm Emanuel, o chefe da equipe de Obama, já disse: "Nunca é bom desperdiçar uma crise grave". Obama concordou com a avaliação de Emanuel.

Enquanto eu vejo a crise de hoje como uma razão para desenvolver um argumento pela liberdade e pela moeda forte, outros usam-na para expandir mais o tamanho e o escopo do governo. Medos físicos ou econômicos levam muitas pessoas a sucumbir a propostas autoritárias que prometem protegê-las a qualquer preço. Muitas leis aprovadas após o 11 de Setembro já tinham sido propostas antes, mas foram rejeitadas. Planejadores econômicos têm muitos planos para socializar a nossa economia e globalizar a conquista, e precisam apenas conquistar a aceitação popular. E por quê? Socialização, sempre e em qualquer lugar, significa mais poder para o Estado, mais controle para os burocratas, mais segurança para as elites, e sempre à custa de todos nós. O caos econômico contribui para o resultado desse esforço.

Mas provocar intencionalmente eventos econômicos catastróficos, como a situação atual, seria uma má opção para qualquer um porque esse grau de calamidade pode representar um perigo até mesmo para quem está envolvido na sua criação.

Qualquer um pode ser afetado pela perda de riqueza mediante a deflação e a inflação. O caos político nem sempre é benéfico para aqueles no comando e pode representar, de fato, um perigo para eles. No entanto, eles não hesitarão por um minuto em fazer o que quer que julguem necessário para manter e expandir

o seu controle. Os *insiders* que trabalham duro para enfraquecer a moeda forte de forma a atender aos seus interesses são os mesmos capazes de acumular ouro como uma proteção máxima contra o caos econômico que eles criaram.

O efeito bumerangue, quer de uma política externa deteriorada, quer de uma política econômica e monetária ridiculamente fracassada, surge como uma surpresa para muitos dos planejadores dessa política devido às suas crenças ingênuas de que sabem tudo. Eles acreditam que sempre podem criar condições que irão pacificar o povo e proteger o seu próprio poder político e econômico. Mas eventos como o Vietnã, a Guerra do Iraque, o 11 de Setembro ou a atual crise financeira unificam muitos cidadãos comuns contra o poder das elites. Os *insiders* políticos preferem não encorajar uma rebelião. Isso não quer dizer que eles se oponham a guerras como a do Vietnã e a do Iraque, mas sim que preferem não ter de enfrentar o clamor popular quando se torna público que as guerras foram travadas sob falsos pretextos, e correram muito mal. Eles seriam capazes de realizar um pequeno 11 de Setembro, mas não um gigantesco, como o que aconteceu.

Em todo o caso, creio que concentrar as atenções numa "conspiração" do Fed, instituição que trabalha lado a lado com o Congresso, dá ao sistema mais crédito ou responsabilidade do que ele merece e desvia da questão mais importante dessa ideologia do mal. O autoritarismo, ao apoiar o estatismo por qualquer motivo e sobre bases morais, é a ameaça real.

Esses poderes secretos que o Fed e o Tesouro usurparam do Congresso são a fonte de muitos males. Deixe-me ser claro e realista: a extinção do Fed – e do Exchange Stabilization Fund e de todos os demais poderes vinculados ao banco central – provavelmente não ocorrerá antes de estourar a crise do dólar.

Entretanto, por causa da recessão econômica que estamos testemunhando, uma aliança de princípios em todo o espectro político pode muito bem ser capaz de forçar o Congresso a exercer maior vigilância. O povo americano merece saber o que se passa.

Melhores decisões políticas serão tomadas quando mais pessoas e os membros do Congresso compreenderem que todos esses acordos de bastidores conduzidos pelo Fed servem apenas aos interesses da elite e destroem a economia, da qual depende o americano médio. Livrar-se do Fed acabará com a capacidade de controlar as pessoas mediante o monopólio da moeda e do sistema bancário. Embora eu não endosse as opiniões das pessoas que escrevem sobre a conspiração para controlar o mundo através do Fed, eu entendo o que motiva essas preocupações. Os bancos centrais e as suas trapaças alimentam um tipo de paranoia pública que não é inteiramente baseada num mito. Livrar-se do Fed ajudaria a restabelecer a confiança no sistema.

A BAGUNÇA ATUAL

Em 2008, o povo americano sofreu um duro golpe. A economia já estava estagnada havia algum tempo, mas, no outono, o castelo de cartas começou a desmoronar de verdade. O governo entrou em pânico e o povo americano acordou para a realidade de que estava vivendo em uma bolha econômica que agora estourava completamente. O governo entrou rapidamente em ação, pensando que poderia impedir que o problema se agravasse e nos colocar no caminho da recuperação. Mas após trilhões de dólares gastos, e níveis de intervenção sem precedentes, os problemas só pioraram, ao contrário de tudo o que foi prometido pela classe política.

Houve muita controvérsia sobre quem é o responsável pela crise. Alguns acreditavam, e ainda acreditam, que a crise é uma consequência dos defeitos do capitalismo de livre mercado. Alguns dizem que a crise é apenas o resultado de regulamentação insuficiente do setor bancário, especialmente do mercado de derivativos. Outros sugerem que a culpa é da falta de vontade dos consumidores de gastar. Outros dizem que todos os problemas se resolveriam se os bancos emprestassem mais – como se dar mais veneno a um paciente envenenado fosse a cura.

O então secretário do Tesouro, Henry Paulson, simplificou as coisas dizendo que a retração do mercado imobiliário era a causa de todo o problema. Paulson e outros concluíram que o governo deveria estimular novas construções e fazer todo o possível para impedir a queda nos preços dos imóveis. Eles argumentavam que, uma vez que os valores dos imóveis estavam caindo, as hipotecas e os vários derivativos baseados em securitizações haviam perdido liquidez, e um resgate desse mercado reverteria o processo deflacionário.

Mas – e isso é crucial – o foco exclusivo no mercado imobiliário foi apenas a última de uma série de afirmações sobre a raiz do problema. Outros setores também sofreram, como o setor financeiro, a indústria automobilística, os serviços, o varejo e o mercado de ações. Esses segmentos, porém, são apenas sintomas de um problema mais profundo: o Fed e o seu papel na sustentação de um sistema de papel-moeda insustentável.

Achei fascinante ver que mesmo o secretário do Tesouro entende que, de alguma forma, a crise tem a ver com o banco central. O atual secretário do Tesouro, Timothy Geithner, disse ao jornalista Charlie Rose, da rede PBS: "Eu diria que houve três tipos de grandes erros nas políticas, tanto aqui quanto no resto do mundo. Um foi que a política monetária no mundo inteiro esteve frouxa demais, por tempo demais, e isso criou um enorme *boom* nos preços dos ativos, ou seja, o dinheiro corria atrás do risco. As pessoas tentavam obter retornos mais altos. Essa tendência foi esmagadoramente poderosa".

O sr. Rose perguntou especificamente: "Estava fácil demais?".

O sr. Geithner continuou: "Sim, estava fácil demais. Em alguns aspectos, menos fácil aqui nos Estados Unidos, mas estava

fácil demais no mundo inteiro. As taxas reais de juro estiveram muito baixas por um longo período".[1]

Em Washington, raramente se ouve a verdadeira causa da crise explicada com total conhecimento e sem as costumeiras evasões. A maioria das pessoas não entende os ciclos econômicos e a sua relação com as políticas do Fed. Além disso, muitos daqueles que entendem como funciona o sistema monetário não querem que o público em geral descubra como ele serve aos interesses dos grandes governos, das grandes corporações e dos grandes bancos.

E há ainda aqueles conhecedores da economia de livre mercado que estão bem informados e entendem perfeitamente como a crise evoluiu. Uma vez que as previsões feitas pelos economistas liberais da Escola Austríaca se mostraram corretas, e as demais completamente erradas, é junto a eles que devemos procurar as respostas para a origem da crise e de como solucioná-la.

Assim como Henry Hazlitt e outros economistas "austríacos" já sabiam em 1944, ano de sua criação, que o sistema de Bretton Woods não duraria, muitos outros também sabiam desde o início que o sistema atual, inaugurado em 15 de abril de 1971, também fracassaria. Embora a data da ruína fosse desconhecida, seu fim era previsível.

A crise atual, que começou em 2007 com a quebra do mercado de hipotecas, agora está no auge e significa o fim do dólar fiduciário como moeda de reserva. É impossível entender a crise atual sem entender o sistema monetário internacional, dominado pelo Fed.

---

[1] "Geithner's Revelation", *Wall Street Journal*, 12/05/2009.

O âmago do problema atual vem de 2001, quando o Fed tentou impedir uma recessão baixando as taxas de juros. As taxas de juros reais caíram muito abaixo das médias históricas e de qualquer regra monetária que o Fed dizia estar seguindo.[2] Greenspan baixou a meta da *federal funds rate*[3] de 6,5% em janeiro de 2001 até chegar a 1% em junho de 2003.[4] Ele manteve a meta nesse nível por um ano inteiro antes de gradualmente aumentá-la novamente até 5,25% em junho de 2006, uma decisão que estourou a bolha que o próprio Greenspan havia criado.

Mediante a revisão dos índices, o resultado da decisão do Fed em colocar a taxa de juros abaixo de seu nível natural no mercado é a expansão dos investimentos além de um nível sustentável. As empresas começam a investir como se os consumidores tivessem poupança suficiente para agir de acordo com os sinais transmitidos pela taxa de juros. Mas, na verdade, não há recursos reais disponíveis. Não há novas riquezas disponíveis para sustentar os investimentos. As taxas de juros mais baixas não criam mais capital, apenas distorcem os sinais que os tomadores de empréstimos usam para avaliar riscos.[4]

Devemos também levar em conta o contexto político da época. Haviam ocorrido ataques terroristas em solo americano, e o país estava entrando em clima de guerra. A ideia era não deixar que os terroristas nos derrotassem econômica ou politicamente – impulsos nobres, mas que levaram à tomada de más decisões a curto prazo.

---

[2] John B. Taylor, "The Financial Crisis and Policy Responses: An Empirical Analysis of What Went Wrong". Disponível em: http://www.stanford.edu/~johntayl/FCPR.pdf.

[3] Taxa de juros média para empréstimos entre bancos através do Fed. (N. T.)

[4] Para uma longa série de artigos explicando em detalhes o papel do Fed, argumentando contra aqueles que defendem que o papel do Fed foi limitado, ver o arquivo do economista Robert Murphy, disponível em: http://mises.org/articles.aspx?AuthorId=380.

Um dos objetivos do Fed, ao inflar a moeda no ano seguinte aos ataques, era criar a impressão de que a nação não havia sofrido abalo nenhum – que nossa economia estava mais forte do que nunca.

Infelizmente, Greenspan escolheu a forma errada de transmitir essa mensagem. Teria sido o momento ideal para colocar a economia sobre uma base sólida, chegando até ao ponto de arriscar uma recessão, em vez de criar estímulos artificiais que mais tarde se mostrariam ilusórios. Naqueles dias, todos estavam consumidos pelo desejo de não deixar os terroristas vencerem. Bem, o Fed ajudou a minar a estrutura da economia americana, e, a longo prazo, causou mais danos à prosperidade econômica americana do que os ataques de 11 de Setembro. Greenspan apontou a arma para os terroristas, mas atirou no pé da economia.

Quero ser bastante claro aqui. A política do Fed foi terrivelmente mal formulada. Greenspan tinha o poder para elaborar uma política melhor. Ele cometeu grandes erros. Mas isso não significa que a resposta teria sido apenas políticas melhores, apenas controles mais rígidos, ou que houvesse melhores administradores no Fed. Já vivemos quase cem anos de repetições do mesmo padrão, então é hora de cairmos na real e aprendermos a lição. Enquanto as impressoras de dinheiro estiverem à disposição do governo e do cartel bancário, eles vão usá-las em vez de fazerem a coisa certa.

O problema não está nas escolhas feitas pelos banqueiros centrais. O problema é que eles têm o poder de fazer qualquer escolha. E há o problema adicional de que os mercados precisam constantemente adivinhar o que o Fed vai fazer, criando aquilo que o historiador Robert Higgs chama de "regime de incerteza".[5] Ele usa

[5] Robert Higgs, "Regime Uncertainty: Why the Great Depression Lasted So Long and Why Prosperity Resumed After the War". *Independent Review*, v. 1, n. 4, primavera 1997, p. 561-90.

essa ideia até para explicar por que os mercados às vezes demoram tanto para se recuperar de erros da política monetária. As forças de mercado estão sempre trabalhando para corrigir os erros cometidos por indivíduos ou governos. Dado que a inflação da moeda pelo banco central sempre causa distorções, o mercado tenta freá-la o mais rápido possível. Isso não acontece em intervalos previsíveis.

O sistema pós-Bretton Woods foi muitas vezes contestado ao longo dos últimos trinta anos, mas as autoridades conseguiram continuar a imprimir dinheiro, distrair as massas, impedir a moeda de deflacionar e corrigir os erros inerentes ao planejamento econômico do banco central.

A instabilidade do sistema já ficou aparente em 1987, com uma súbita correção do mercado de ações conhecida como *crash*. O Fed reinflacionou e restaurou a confiança no sistema fracassado. Nenhum pagamento final foi extraído para a inflação, que já dura desde 1971. Os desequilíbrios do dólar na economia mundial eram constantemente mascarados. Em 1989, a queda da bolsa japonesa mostrou que os desequilíbrios internacionais permitiam que parte da nossa inflação do dólar fosse exportada para o Japão em vez de fazer estragos em casa. Mais recentemente, nossas compras excessivas têm vindo da China, mais uma vez exportando dólares inflacionados.

A crise de poupança e crédito dos anos de 1980 foi mais uma tentativa do mercado de corrigir os erros inerentes ao sistema. A dívida, até certo ponto, foi liquidada, mas, porque não ocorreram mudanças significativas nas políticas, o país e o Fed voltaram a seus antigos hábitos e houve ainda mais inflação do que antes.

O mercado japonês nunca se recuperou completamente da depressão dos anos de 1990 porque a liquidação das dívidas

irrecuperáveis em poder dos bancos foi impedida. Ao longo dos anos de 1990 nos Estados Unidos, o mercado pedia a liquidação das dívidas e a eliminação de maus investimentos flagrantes. Mas as nossas recessões, a crise asiática e a crise da Rússia foram encobertas com mais inflação. Mesmo a quebra da Long-Term Capital Management[6] em 1999 mal foi registrada na tela do radar econômico.

No ano 2000, os desequilíbrios eram grandes demais para serem contidos. Uma enorme injeção de crédito por conta do *bug* do milênio amorteceu o golpe da recessão de 2000, mas àquela altura já estava claro que a "grande crise" se aproximava. E eu suspeito que Greenspan soubesse disso. Ele contribuiu energicamente para a já enorme bolha imobiliária ao baixar as taxas de juros e mantê-las muito baixas por vários anos. Estava ganhando tempo para si mesmo e para a instituição que representava.

O colapso do mercado de ações em 2000, particularmente o estouro da bolha da Nasdaq, foi o início da crise atual, embora muitos afirmem que ela só começou em 2007, quando a crise das hipotecas tornou-se óbvia. A tendência à alta no mercado de ações havia acabado muito antes. A enorme inflação introduzida no mercado imobiliário tinha o objetivo de fazer as pessoas sentirem-se melhor, e os consumidores foram novamente estimulados a gastar, tomando empréstimos contra o valor de suas casas que crescia, pelo menos no que se refere ao valor nominal, devido às expectativas inflacionistas. A política monetária sempre foi hostil à poupança. Os poupadores foram enganados por taxas de juros mais baixas. A resposta de Greenspan à minha preocupação a esse respeito foi, basicamente: "É verdade, mas azar o deles".

[6] Empresa administradora de *hedge funds* que sofreu grandes perdas com as crises da Ásia e da Rússia. Foi resgatada por um conjunto de bancos, em operação organizada pelo Fed. (N. T.)

Só que a prosperidade nunca será alcançada através do crédito barato. Se isso fosse possível, ninguém precisaria trabalhar para se sustentar. Preços inflacionados apenas criam a ilusão de que a riqueza real foi criada. Mas o que vem fácil, vai fácil. É divertido quando as bolhas estão se formando e muitos podem viver além de suas condições financeiras; mas a coisa muda quando essas pessoas são forçadas a viver aquém de suas condições financeiras para pagar por sua extravagância. Assim como acontece com os indivíduos, a nação inteira precisa aceitar uma queda em seu padrão de vida se o sistema baseado em crédito e inflação financia uma ilusão de riqueza.

Embora o Fed tenha sido o principal responsável pelas bolhas financeiras, pelos maus investimentos e pelo endividamento excessivo, outras políticas contribuíram significativamente para criar as distorções que precisavam ser corrigidas.[7] As taxas de juros artificialmente baixas criadas pelo Fed induziram investidores, poupadores, tomadores de empréstimos e consumidores a julgarem incorretamente o que estava acontecendo. Muitos erros foram cometidos. A aparente prosperidade baseada na ilusão de riqueza e poupança levou ao uso mal direcionado e excessivo de capital. A falsa informação gerada pela política do Fed criou uma falsa sensação de confiança de que tudo ficaria bem. Essa ilusão é chamada de risco moral.

Tudo o que é visto como uma proteção contra o risco leva as pessoas a agirem com menos cuidado. Mesmo que suas ações pareçam arriscadas, outra pessoa sofre as consequências, e o risco moral encoraja o mau comportamento econômico.

---

[7] Para uma explicação mais detalhada, ver Thomas Woods, *Meltdown*. Washington, Regnery, 2009.

Sabendo que a poupança não era mais um requisito para conseguir empréstimo de um banco, já que o crédito fácil vinha do Fed, muitos banqueiros e tomadores de empréstimos foram incentivados a "apostar" em negócios de risco. É fácil aceitar esse risco, especialmente durante o *boom* do ciclo econômico, quando os valores nominais de ações, de terreno e de imóveis estão subindo. O que não era possível ver é que esses agentes estavam negociando dentro de um risco moral, ou seja, estavam sendo remunerados a curto prazo por atividades que, a longo prazo, se revelariam prejudiciais a todos. De fato, a pressão competitiva no setor bancário tornou impossível para a maioria dos bancos resistir à chance de obter um lucro rápido.

O risco moral, seja qual for a sua origem, é prejudicial porque remove de cada agente o sentimento de responsabilidade por suas próprias ações. Quanto mais socializada a sociedade, menor o sentimento de responsabilidade pessoal de cada um por seu próprio comportamento; a responsabilidade se torna coletiva. O intervencionismo condiciona os empresários a acreditarem que podem desfrutar das recompensas do mercado e transferir as perdas para os outros. É o que está acontecendo hoje.

Embora eu esteja discutindo risco moral no sentido financeiro, a ideia de uma rede de proteção social permeia o Estado socialista ou o Estado Assistencialista, incentivando a negligência e a dependência do governo para resolver quaisquer problemas que surjam em decorrência de comportamentos pessoais ou econômicos imprudentes. A única forma de o governo assumir o papel de protetor em última instância é sacrificando a liberdade individual.

O erro mais sério cometido por alguns dos "progressistas" que se aliam a nós na restrição ao Fed, se opondo ao corporativismo, ao militarismo e ao maquiavelismo social, é abrir uma

exceção para decisões econômicas pessoais. Eles reconhecem o direito de decidirmos por conta própria quais serão nossos valores sociais e religiosos, mas não compreendem que esse direito é igual ao direito de decidir como gastar nosso dinheiro, de celebrar voluntariamente qualquer contrato econômico e de rejeitar qualquer associação econômica, se assim desejarmos.

É desconcertante ver algumas pessoas querendo, firme e corretamente, manter o governo de fora de todas as decisões sociais, religiosas e intelectuais, mas também acreditando que o cidadão médio não é capaz de existir sem um planejamento econômico centralizado regulando todos os seus movimentos. É essa inconsistência que permite que instituições como o Fed ganhem poder sobre a moeda e o crédito e, infelizmente, sobre a economia como um todo.

Uma vez que se admite, como já vem acontecendo há décadas, que o governo tem a obrigação de proteger todos os cidadãos contra as suas próprias ações e compensá-los por quaisquer prejuízos sofridos, abre-se a porta para todo tipo de regulamentação preventiva e de censura prévia. Embora ninguém proponha que atividades religiosas ou intelectuais sejam avaliadas por engenheiros morais de Washington – apesar de alguns chegarem a tentar –, nós alegremente (ou de forma complacente) permitimos que os planejadores econômicos avaliem nossas ações econômicas e esperamos que o governo tome conta de nós, caso cometamos algum erro ou soframos as consequências imprevistas de nossas ações.

Muito já foi dito sobre os empréstimos *subprime* estimulados pelas regulamentações do governo e que foram realizados décadas antes do estouro da bolha imobiliária, mas seria possível argumentar que todos os empréstimos provenientes de crédito criado do

nada têm um componente de *subprime*, o que faz da sua contratação uma utilização pouco racional do capital. É por isso que a euforia durante o *boom* é excessiva, mas somente durante a crise é que se descobre que a euforia é excessiva e também devastadora. Empréstimos de alto risco eram muito comuns, enquanto a estrutura financeira que estava sendo construída não tinha alicerces. Não era preciso ser um profeta para prever o colapso; lógica e compreensão permitiam ver que esse colapso ocorreria com certeza.

Aqueles que não previram o colapso, e ainda não entenderam por que ele aconteceu, não entendem como o mercado funciona. Recusam-se a ver as fraquezas da política monetária do Fed. A economia mundial não pode ser salva pelas mesmas pessoas, e pela mesma filosofia, que causaram o desastre que nos abateu.

O risco moral cria dependência, negligência e sacrifício da liberdade, tolerância diante de falsas doutrinas monetárias e promessas de riqueza sem trabalho. Os desejos utópicos são sonhos destinados a se tornarem pesadelos. Defensores do papel-moeda fazem promessas às massas para apaziguá-las, convencidos por sua própria superioridade de que podem adquirir riqueza para si, controlar o governo para o bem do povo e instalar o paraíso na Terra.

Taxas de juros artificialmente baixas são criadas através da inflação da oferta de moeda. Essas taxas penalizam quem economiza e roubam quem poupa. Promovem o consumo e a tomada de empréstimos em detrimento da poupança e do investimento. Manipular as taxas de juros é um ato imoral. É economicamente destrutivo.

A taxa de juros definida pelo mercado transmite informações essenciais para o funcionamento suave da economia.

A definição das taxas de juros por um banco central é tabelamento de preços e uma forma de planejamento econômico centralizado. O tabelamento de preços é uma ferramenta do socialismo, e destrói a produção. Banqueiros centrais, políticos e burocratas não sabem qual é a taxa de juros apropriada. Eles não têm esse conhecimento e são enganados por sua própria posição de autoridade.

Manipular a oferta de moeda e a taxa de juros contraria todos os princípios do livre mercado, e, portanto, não se pode dizer que um mercado livre demais provocou essa crise. De livre, o mercado não tinha nada. Era manipulado e distorcido. Ironicamente, mercados livres e moeda forte geram taxas baixas, mas, ao contrário do que acontece com as taxas artificialmente baixas criadas pelo Fed, a informação que elas carregam é útil para investidores e poupadores. Apenas o Fed pode inflacionar a moeda, criando mais dinheiro e crédito do nada, em segredo, sem vigilância ou supervisão. A inflação facilita os déficits, as guerras desnecessárias e os gastos excessivos com assistência social.

Se pensarmos bem, depreciar uma moeda é falsificação. A desvalorização rouba valor de cada dólar ganho ou economizado. Rouba das pessoas e as deixa mais pobres. É o inimigo absoluto do trabalhador. A inflação é a mais perniciosa e regressiva forma de taxação. Ela transfere riqueza da classe média para os ricos privilegiados. O caos econômico que advém de uma política inflacionista do banco central inevitavelmente leva à instabilidade política e à violência. É uma ferramenta antiga de todos os regimes autoritários.

A inflação nunca beneficia os amantes da liberdade. Destrói a prosperidade e alimenta as chamas da guerra. A inflação é responsável por recessões e depressões. Engana, causa dependência

e gera delírios de grandeza em relação à riqueza e ao conhecimento. Riquezas não podem ser conquistadas pela criação de dinheiro por decreto, que, na verdade, arruína a riqueza e beneficia interesses específicos, e, mais importante, simplesmente não é dinheiro de verdade.

Depender de fraude monetária para garantir a prosperidade da nação ou para reverter a nossa espiral de declínio é mais arriscado do que depender da loteria.

A inflação tem sido usada desde a Roma antiga para financiar todas as guerras e impérios. E sempre acabou mal. Inflacionismo e corporativismo geram protecionismo e guerras comerciais. Também criam bodes expiatórios: culpam-se os estrangeiros, os imigrantes ilegais, as minorias étnicas e, muitas vezes, a própria liberdade pelos acontecimentos previsíveis e pelo sofrimento que causam.

O Congresso, os burocratas e os tribunais pegaram um sistema monetário instável, destinado a destruir a economia, e o tornaram muito pior. Diversos programas, muitos criados nos anos de 1930, incentivavam, e às vezes forçavam, o emprestador a fazer empréstimos *subprime*. O mercado, embora imperfeito, minimiza a prática de empréstimos inseguros. Tanto emprestadores quanto tomadores de empréstimos tomam muito mais cuidado quando o risco recai sobre as duas partes envolvidas, e não sobre a proverbial rede de proteção social.

Em um Estado Assistencialista ou intervencionista, ninguém é exclusivamente responsável por suas próprias ações. A punição é diluída e escondida das vítimas. Os benefícios são visíveis, os custos são retardados e difíceis de identificar. Políticos prosperam nesse tipo de sistema, ao menos até que a verdade se revele através de um doloroso período de correção.

Se os indivíduos não são responsáveis por suas ações enquanto uma bolha se forma, a responsabilidade recai sobre os outros e sobre as gerações futuras. Os contribuintes, em algum momento, têm de pagar a conta. Preços altos, uma consequência da política inflacionista, agem como um imposto cobrado de todos, mas prejudicam principalmente os pobres e a classe média. Todos os resgates dependem da criação de crédito do nada pelo Fed, e é justamente essa a política que causou a crise.

O Community Reinvestment Act de 1977, assim como o Equal Credit Opportunity Act de 1974, contribuíram em grande medida para os excessos do mercado de crédito *subprime*, pois forçaram as agências emprestadoras justamente a fazer empréstimos que elas normalmente teriam recusado. O conceito falho de igualdade econômica através da força, uma ideia socialista, levou à criação de leis como o Community Reinvestment Act, que, na realidade, foi uma forma de institucionalizar a ação afirmativa no setor financeiro, uma vez que os tomadores de empréstimos que temporariamente se beneficiaram (ou foram explorados) eram desproporcionalmente membros de minorias. A coisa mais positiva que se pode dizer a respeito disso é que a ação afirmativa na concessão de empréstimos se baseia nas boas intenções dos muitos defensores desses programas. Mas, como ocorre com todas as ações do governo, os resultados foram consequências não intencionais e novos problemas.

O problema é que, no início, o planejamento econômico governamental e a concessão de empréstimos de ação afirmativa parecem atraentes. Mais casas são construídas e mais pessoas compram casas que, sob outras condições, não conseguiriam. O preço dos imóveis sobe rapidamente, e o governo e as regulamentações incentivam a prática de tomar empréstimos garantidos por seu

valor inflacionado. Os proprietários dos imóveis vivem acima de suas condições financeiras com o dinheiro emprestado. Nada disso teria acontecido em um mercado livre com moeda forte. Mas o dramático fim dessa ilusão de riqueza e de casa própria para todos é logicamente previsível. Os pobres estão tendo suas hipotecas executadas e perdendo suas casas. Muitos vão acabar na rua. Mais inflação e esmolas do governo não vão resolver o problema. O governo está quebrado e resgates financeiros para todos apenas impedem o retorno às políticas econômicas sensatas. A agonia se agrava conforme o sistema degringola, assim como a euforia aumenta durante o *boom*. Mas agora a realidade está clara. Acabou a enganação. Uma análise correta dos acontecimentos é crucial, pois sem ela podemos perder muito mais.

Os pobres foram enganados, levados a crer que o governo, por meio da força, poderia dar-lhes uma casa mesmo que não tivessem economizado nem um centavo. Isso não deu certo. Só que muitos enriqueceram durante o desenvolvimento da bolha imobiliária. Os executivos da Fannie Mae e da Freddie Mac[8] lucraram muito e "escaparam" com milhões. Mesmo após o colapso, muitos deles ainda conseguiram se aposentar com benefícios subsidiados pelo contribuinte. Os construtores acumularam enormes lucros, aproveitando o aumento constante dos preços dos imóveis. Os preços de venda frequentemente excediam o preço previsto quando do início da construção.

Corretores hipotecários, bancos, seguradoras, especuladores, proprietários de terrenos e construtores, todos aproveitaram o *boom*, e muitos puderam se proteger da crise. Os pobres

[8] Fannie Mae (Federal National Mortgage Association) e Freddie Mac (Federal Home Loan Mortgage Corporation), empresas de financiamento imobiliário garantidas pelo governo americano. (N. T.)

não tiveram a mesma sorte. Quando os desequilíbrios criados pelo sonho da riqueza fácil entraram em colapso, os pobres, que foram levados a acreditar que os políticos poderiam dar-lhes até a Lua, acabaram desempregados e sem suas casas. A pior ideia para ajudá-los é um programa de obras públicas. Se o governo errou completamente ao transferir um enorme excesso de capital ao setor imobiliário, causando a maior bolha financeira da história, com certeza ele não será capaz de decidir corretamente para onde o capital deve ser dirigido ao longo da próxima década.

Existem muitos programas parecidos com o Community Reinvestment Act que alimentam ainda mais o desperdício, a fraude, o endividamento e os maus investimentos. O Federal Deposit Insurance Corporation,[9] a Securities and Exchange Commission, a Fannie Mae, a Freddie Mac, as regras do Department of Housing and Urban Development [Departamento de Habitação e Desenvolvimento Urbano], decisões judiciais, a Receita Federal e uma mentalidade de cartão de crédito, todos contribuíram para a criação do risco moral – ou seja, para as más decisões.

Empresas garantidas pelo governo, como a Fannie Mae e a Freddie Mac, transmitiram aos investidores e aos tomadores de empréstimos a mensagem de que o Tesouro e o Fed sempre interviriam caso houvesse algum problema. Investidores estrangeiros certamente sentiram-se mais inclinados a investir em hipotecas securitizadas sabendo que a Fannie Mae e a Freddie Mac tinham linhas de crédito abertas com o Tesouro americano. As taxas de juros já estavam abaixo do mercado devido

[9] No Brasil, equivalente ao Fundo Garantidor de Crédito (FGC). (N. T.)

às políticas do Fed, mas essa linha de crédito baixou os juros ainda mais, incentivando a tomada de mais riscos. Subsídios aos seguros de hipotecas foram um grande incentivo à realização de empréstimos *subprime* que, em outras condições, teriam sido recusados. Se não houvesse o Fed, todos os agentes teriam pensado muito mais sobre as consequências de suas ações no momento de assumir riscos.

A lei Sarbanes-Oxley,[10] criada em resposta às quebras da Enron[11] e da Long-Term Capital Management, impôs enormes custos extras às empresas americanas mas não ajudou em nada a prevenir a crise presente. Nosso problema atual não foi causado por falta de regulamentação das empresas e do setor bancário. Muitos, incluindo Greenspan, agora dizem que a principal falha do sistema foi a falta de legislação adequada para controlar o "capitalismo desenfreado". Dizem que se tivéssemos monitorado o mercado de "derivativos", a crise poderia ter sido evitada. Não é verdade! Regulamentações burocráticas não podem compensar os efeitos de programas governamentais e da política inflacionista do Fed, que criam flagrantes desequilíbrios na economia e garantem uma rede de proteção permanente que protege os culpados dos grandes prejuízos.

As únicas regulamentações que fizeram falta foram as que deveriam ter sido criadas para controlar as autoridades que não demonstraram a menor consideração pelo povo ou pela Constituição.

O Fed, se não abolido, deveria ao menos ter sido proibido de criar dinheiro e crédito a partir do nada e de exercer controle

[10] Lei antifraude promulgada em 2002. Estabelece obrigações referentes a auditoria, transparência e governança corporativa para empresas de capital aberto. (N. T.)

[11] Empresa do setor energético e de comunicações que pediu concordata em 2001 após a revelação de fraudes contábeis que escondiam prejuízos. (N. T.)

total sobre o sistema através do poder de estabelecer a taxa de juros. Esses poderes, se desregulados, são incompatíveis com a liberdade e com políticas econômicas estáveis.

O Tesouro deveria ser regulamentado com muito mais cuidado. A forma como o Tesouro usa seus poderes raramente é monitorada ou compreendida pelo Congresso. Os bilhões de dólares do Exchange Stabilization Fund [Fundo de Estabilização Cambial], disponíveis desde 1934, não aparecem no orçamento, e o Tesouro pode gastar bilhões da forma que bem entender. Ele também tem o poder "legal" de se envolver no mercado do ouro. Embora o Tesouro não admita, eu sempre tive certeza de que o Exchange Stabilization Fund está envolvido em transações de ações, *commodities* e moedas, manipulando os preços.

Como parte do ignorado Working Group on Financial Markets (conhecido como Grupo de Proteção Contra o Risco Bancário), o Tesouro, junto com o Fed, com a Securities and Exchange Commission e com a *Commodity* Futures Trading Commission, vai continuar a resgatar o mercado de qualquer maneira. Infelizmente, o mais provável é que esses poderes sejam usados para resgatar os amigos à nossa custa.

Wall Street não vai reclamar. Ela quer proteção contra as crises e pouco se importa com a verdadeira liberdade de mercado. Wall Street espera e agradece a ajuda por baixo do pano e os resgates financeiros mais explícitos, que hoje são uma epidemia. Há planos ousados para controlar os mercados em benefício do sistema, mas são fortes as evidências de que os mercados têm mais força do que as elites armadas com falsas ideologias.

A economia dos resgates financeiros que surgiu após a crise foi uma das coisas mais assustadoras que eu vi em todos os meus

anos em Washington. O presidente Bush, não querendo ser visto como um novo Hoover[12] (que, na verdade, foi um horrível intervencionista, ao contrário do que dizem os livros de história), embarcou em um programa temerário e comprometeu cerca de US$ 700 bilhões com resgates financeiros. O Fed comprometeu trilhões de dólares. O presidente Obama continuou na mesma direção, com um pacote de estímulo ainda maior.

Todos esses gastos vão estimular apenas os setores da economia que estão fracassando. Isso é como tentar livrar o mundo da gravidade jogando coisas para o alto. Eles combatem os sintomas, não as causas. E roubam do setor privado riquezas que poderiam ser usadas para a recuperação econômica. A acumulação de dívida pelo governo suga o crédito disponível ao setor privado. Perpetua más ideias a respeito de propriedade imobiliária. Subsidia o passado e ignora o futuro.

O déficit já se aproxima de US$ 2 trilhões para 2009. O orçamento proposto pelo governo promete criar quase US$ 10 trilhões em novos riscos. O economista Michael Boskin estima que tudo isso resultará em US$ 163 mil em novos impostos para a família americana média – quer dizer, se o prejuízo não for coberto por meio de mais inflação.[13] Mesmo economistas ortodoxos como Joseph Stiglitz dizem que o povo americano está sendo roubado. E quanto mais resgates financeiros ocorrem, mais o governo se envolve na administração de empresas como a General Motors, demitindo e contratando CEOs. Será que alguém realmente acredita que o governo federal deve se meter na contratação e demissão de CEOs de empresas?

---

[12] Herbert Hoover, presidente dos Estados Unidos entre 1929 e 1933. (N. T.)

[13] Gostei muito do projeto do Competitive Enterprise Institute, BailoutWatch: http://openmarket.org/category/bailout/.

A dívida dos Estados Unidos é inimaginável, aproximando-se dos US$ 12 trilhões. Pode-se dizer que no momento o governo federal inteiro é um gigante ativo tóxico. Ele certamente não tem nada que dizer ao setor privado como administrar seus negócios. O governo está em pior forma financeira do que todas as empresas privadas juntas.

E mesmo assim, alguém está recebendo o dinheiro do governo. Em geral são agentes poderosos do mercado, instituições consideradas essenciais para o bem-estar nacional, como o banco Goldman Sachs e a seguradora AIG. Na verdade, o governo poderia ter deixado essas empresas falirem sem desvantagens para a população em geral, assim como deixaram o banco Lehman Brothers morrer. Sim, haveria sofrimento, mas ao menos ele seria temporário. O caminho atual está prolongando e agravando o sofrimento – e causando uma morte lenta vestida em roupas suntuosas.

POR QUE ACABAR COM O FED?

O Fed deve ser abolido por ser imoral, inconstitucional e antiprático, por promover más políticas econômicas e corroer a liberdade. Sua natureza destrutiva torna-o uma ferramenta de governos tirânicos.

Nada de bom pode vir do Fed. O Fed é o maior de todos os criadores de impostos. A diluição do valor do dólar através do aumento da oferta de dólares é um imposto maléfico sobre os pobres e a classe média.

A política monetária do Fed nos trouxe à nossa situação atual – uma trágica crise econômica. Embora o dólar, até o momento, sobreviva, o sistema financeiro internacional construído ao longo dos últimos 38 anos foi derrubado pelas forças de mercado. O padrão de reservas lastreado em dólares que evoluiu a partir do fracasso do sistema de Bretton Woods em 1971 chegou ao fim. Esse é o significado da crise econômica em que nos encontramos.

A continuação das mesmas políticas inflacionistas que causaram o desastre não pode ressuscitar o sistema atual nem trazer de volta o sistema de Bretton Woods de 1944. Esses sistemas acabaram. O que as políticas inflacionistas podem fazer é destruir o dólar. Infelizmente, desde o estouro da bolha imobiliária, que sinalizou o

fim de uma era de políticas monetárias, todos os atos do Congresso e do Fed nos aproximaram cada vez mais de uma crise do dólar. São péssimas notícias, pois a rejeição do dólar vai gerar, principalmente por causa do medo e da falta de novas ideias, uma crise ainda maior do que o colapso do sistema financeiro internacional.

Há abundantes evidências de que a culpa é do Fed e que ele deveria ser abolido. Até agora, no entanto, tudo o que o Congresso fez foi dar-lhe ainda mais poder para agir como planejador central da economia.

A quinta das dez medidas propostas por Marx no *Manifesto Comunista* é clara: "Centralização do crédito nas mãos do Estado, através de um banco nacional com capital de Estado e monopólio exclusivo".[1] Isso não quer dizer que qualquer pessoa que defenda a existência de um banco central poderoso seja comunista. Mas mostra que um banco central é extremamente benéfico para aqueles que preferem um governo autoritário.

Um banco central é por natureza oposto ao padrão-*commodity* de moeda. O padrão-ouro não exige uma autoridade que o administre. Se um banco central é criado durante a vigência do padrão-ouro, seu propósito é contornar ou eliminar as restrições que o padrão-ouro impõe àqueles que querem aumentar o governo apesar da oposição do povo. A única ação do governo necessária para o funcionamento do padrão-ouro é fazer cumprir as leis antifraude e os contratos.

A inflação e a depreciação do valor da moeda são praticadas há muito tempo. Antes dos bancos centrais modernos, um governo, um rei ou um tirano com poder monopolístico sobre o sistema

[1] Friedrich Engels e Karl Marx, *Manifesto Comunista*. Trad. José Barata Moura. Lisboa, Avante!, 1997, p. 28.

monetário podia decidir depreciar a moeda como meio para atingir algum outro objetivo, muitas vezes para financiar guerras e expansões imperiais.

A ironia é que, uma vez que o Estado usa seu poder sobre o dinheiro para se expandir, com o passar do tempo, o próprio processo de depreciação da moeda muitas vezes destrói o império através de uma crise econômica criada pelo próprio Estado.

A partir da época do imperador Constantino I, e pelos seis séculos seguintes, o Império Bizantino enriqueceu com o comércio internacional, usando o padrão-ouro. Bizâncio não só acreditava em dinheiro honesto, mas também apoiava o livre comércio e rejeitava os princípios do mercantilismo. Sua moeda de ouro, o besante, era usada por todo o Mediterrâneo e conhecida em todo o mundo.

Durante seiscentos anos, o besante reteve seu valor, mantendo a inflação sob controle, e a economia prosperou. Em 1071, o imperador Nicéfaro III Botaniates reduziu a proporção de ouro na moeda que, na época, era a mais usada no mundo. O pretexto da desvalorização foi uma guerra contra os turcos. Bizâncio foi derrotada pelos turcos e perdeu sua moeda. Seguiu-se um caos financeiro que precipitou o fim do Império Bizantino. Historiadores dizem que o fim de Bizâncio foi o resultado de "uma tragédia financeira".

Embora as elites globais de nossos dias sejam muito ricas e poderosas e controlem os bancos centrais, elas também encontrarão limites, como aconteceu com Bizâncio quase mil anos atrás. A elite bancária pode estar planejando estender ainda mais seu poder através da globalização de controles comerciais e financeiros em um banco central mundial que administre uma nova moeda fiduciária, mas as leis da economia se provarão difíceis de contrariar.

A durabilidade do ouro como moeda foi confirmada outra vez em dezembro de 2008. Arqueólogos descobriram quase trezentas moedas de ouro do ano 600 d.C., cunhadas pelo imperador bizantino. As moedas ainda eram tão ou mais valiosas do que haviam sido 1.400 anos antes.

Imagine só quanto vão valer notas do Fed encontradas daqui a cem anos, cinquenta anos, ou mesmo apenas um ano. É impossível uma sociedade construir um sistema econômico próspero e duradouro sem dinheiro de valor real e duradouro.

Para entender exatamente por que o Fed precisa ser extinto, é preciso entender que para uma sociedade ser livre, sua moeda precisa ser lastreada em alguma *commodity*. Isso é tanto um argumento a favor do padrão-ouro quanto um argumento contra a existência de um banco central.

Não é necessário especificar qual *commodity* precisamente deve servir como dinheiro em uma sociedade livre, mas historicamente o ouro e a prata foram escolhidos para fazerem o papel de moeda na esmagadora maioria dos casos.

O ouro foi uma escolha natural de meio de troca e de comércio por mais de 6 mil anos. No ano 400 a.C., os egípcios usavam como dinheiro barras de ouro marcadas com o nome do faraó. A cunhagem propriamente dita foi criada pelos lídios, por volta do ano 150 a.C.

Certas características do ouro tornaram-no uma escolha natural para a função de dinheiro. O ouro não se tornou dinheiro só porque algum governo decidiu usá-lo para essa função. Para servir como moeda, uma substância precisa ser fácil de reconhecer e de transportar, e ter valor intrínseco. Alguns dizem que o dinheiro deve servir como reserva de valor e ser facilmente divisível, escasso e desejável. Sua função mais importante é

servir como meio de troca, para facilitar o comércio. A maioria das pessoas entende que os preços dos bens flutuam, e que o mercado livre se ajusta a essas mudanças com grande eficiência. Alguns equivocadamente acreditam que o valor do ouro é rígido e leva a preços "estáveis" de bens e serviços. Uma vez que a oferta de ouro é limitada se comparada à capacidade do governo de imprimir papel-moeda, o padrão-ouro leva, de fato, a preços muito mais estáveis. Mas o valor do ouro, da prata ou das notas do Fed depende de sua oferta em relação à de outros bens. É por isso que o bimetalismo, que fixa o valor da prata em relação ao ouro, não foi um sistema satisfatório no início de nossa história.

O dinheiro se desenvolveu no início de nossa história para facilitar o comércio e evitar as trabalhosas transações exigidas por uma economia de permutas. O complexo comércio internacional que temos hoje não poderia existir sem o dinheiro; permutas funcionam apenas em economias primitivas. Às vezes, no entanto, economias modernas se tornam primitivas e as permutas voltam, por exemplo, após guerras ou durante crises financeiras. Se não tomarmos cuidado, isso pode acontecer de novo.

A importância da moeda é óbvia, e embora o valor do ouro não seja rígido, ele é um lastro prático por conta de sua escassez e eficiência em trocas.

A unidade monetária em circulação constitui metade de toda transação econômica. A outra metade, obviamente, são os bens ou serviços. Pode-se dizer que compreender a natureza do dinheiro é crucial, uma vez que toda transação depende da percepção de seu valor atual e do valor previsto do dinheiro no futuro. Resolver problemas econômicos é uma tarefa quase impossível para uma sociedade forçada a usar uma indefinível moeda de papel, cujo valor pode se depreciar rapidamente por

um mero capricho das autoridades monetárias que detêm controle monopolístico sobre sua oferta.

Quanto mais tempo uma moeda fiduciária imprevisível, e não uma entidade independente do governo como o ouro, servir como lastro, mais frágil será uma economia moderna, por mais sofisticada que ela pareça e por mais antiga que seja. Uma vez que as autoridades podem praticar fraude impunemente por décadas, os desequilíbrios continuarão a crescer, até o momento em que forçarão o sistema a parar completamente. Quanto mais bem definida for a unidade contábil, mais tranquilo e constante será o funcionamento da economia. Papel-moeda, políticos e bancos centrais sempre falham a logo prazo.

Quando o Fed foi fundado, suas atribuições, segundo o Federal Reserve Act de 1913, eram "fornecer uma moeda elástica para permitir o redesconto de *commercial papers*, estabelecer supervisão mais efetiva do setor bancário nos Estados Unidos e outras funções". É uma descrição muito abrangente, e veja o resultado após 95 anos: nenhuma estabilidade e diversas crises de proporções históricas.

Uma *moeda elástica*! Sempre fui fascinado por essa expressão. Penso nela mais como um método que permite ao governo e às autoridades do banco central esticarem seus poderes de inflacionar a moeda para atingir qualquer objetivo que escolham. A justificativa oficial para a elasticidade da moeda é que ela permite que o banco central aja como emprestador de última instância, protegendo os trabalhadores e depositantes, mas esse não é seu principal propósito.

De uma forma interessante e positiva, o ouro é elástico. Pode-se dizer que ele é flexível, eficiente para se adaptar a todos os fatores que afetam os preços de bens e serviços e o valor do dinheiro. Ele obedece às forças de mercado. Sua oferta, sem regulamentação, é sempre

adequada. Ele permite que os desequilíbrios em conta corrente se ajustem com muito menos instabilidade do que a moeda fiduciária.

Bernanke e Greenspan sempre admitiram para mim que os desequilíbrios em conta corrente e os déficits que acumulamos são um problema sério, mas jamais reconheceriam que são também consequências do padrão de reservas lastreado em dólares. Jamais reconheceriam que esses problemas não teriam surgido sob o padrão-ouro.

Mas o ouro se adapta monetariamente, pode ser "esticado" para servir como dinheiro quando os preços caem como consequência de um aumento na produtividade. O poder de compra do ouro aumenta e se estica para acomodar mais transações. Há preocupação demais com uma quantidade incorreta de ouro. Essa preocupação é desnecessária. O papel pode ser elástico no sentido de permitir inflação e resgates financeiros de dívidas podres, mas também volta como um bumerangue, e se contrai novamente com consequências tanto inflacionárias como deflacionárias.

É crucial entender corretamente o que é o dinheiro. Dinheiro não é a mesma coisa que riqueza; ouro por si só não é riqueza. Alguns acreditam que um aumento na quantidade de papel-moeda traz riqueza, quando na verdade isso apenas dilui o valor do dinheiro que já está em circulação. Simplesmente dobrar a quantidade de ouro em circulação pode ser bem mais divertido do que dobrar a quantidade de moeda de papel, mas não substitui a produtividade, nem melhora o comércio. Sem um aumento de produtividade, mesmo uma duplicação da oferta de ouro causa apenas aumentos de preços na moeda de padrão-ouro.

Greenspan e eu tivemos uma discussão a respeito da definição de poupança em uma de nossas audiências. Para mim, o fato de

que não estávamos mais poupando, mas apenas tomando empréstimos e consumindo (e que muito frequentemente a tomada de empréstimos era possível apenas por causa do aumento no preço dos imóveis devido à inflação), era um mau sinal. Para ele, uma vez que o valor das casas da maioria das pessoas estava aumentando, essa apreciação representava "poupança". Eu discordei veementemente, e argumentei que Greenspan estava confundindo dívidas com verdadeira poupança. Ele não via nada de errado com as pessoas tomarem empréstimos contra os valores apreciados de suas casas e usarem o dinheiro para financiar o consumo.

Se o valor dessas casas viesse de poupança e não de uma inflação artificial dos preços, não haveria uma bolha imobiliária. Se o comprador paga 20% ou 30% do valor do imóvel de entrada, o valor da casa pode flutuar de acordo com a economia por diversos motivos, mas essas flutuações não poderiam criar uma bolha imobiliária fadada a explodir.

Riqueza não pode surgir da apreciação do valor de um imóvel durante a fase do *boom* de um ciclo econômico. Se um especulador tem a sorte de vender na hora certa, ele pode ficar mais rico, mas não há aumento nenhum na riqueza nacional. Esse processo nem mesmo cria novas riquezas; ele apenas permite que o vendedor lucre com uma transação rápida. Alguns conseguem se beneficiar da subida dos preços, mas, quando o *boom* econômico acaba, muitos mais sofrem as consequências da queda dos preços. Nenhum desses processos pode substituir a verdadeira poupança. Poupar exige que os indivíduos vivam dentro de seus meios financeiros e não consumam toda a sua renda. Nossos problemas, é claro, vêm do fato de que nós, como nação, consumimos toda a nossa renda mais os empréstimos de que precisamos para satisfazer nosso voraz apetite por bens de consumo.

O ARGUMENTO FILOSÓFICO

O argumento moral contra o Fed deveria ser simples – e, numa sociedade moral, o seria. Eu uma vez disse que os dois argumentos mais fracos em qualquer discussão na Câmara são o argumento moral e o argumento constitucional. E isso é verdade ainda hoje. Em uma sociedade verdadeiramente moral, uma constituição escrita não seria necessária. Os princípios morais que garantiriam a existência de uma moeda forte, que não precisasse ser administrada por um banco central, são a honestidade, que rejeitaria a fraude, e o princípio do cumprimento de promessas. Os contratos deveriam ser protegidos, e não sabotados, pelo governo.

Pensando na questão monetária, é fácil concluir que aqueles que causam a inflação e dela se beneficiam não são melhores do que falsificadores. Mas o processo faz parecer que os culpados pela inflação estão servindo o interesse público, e puramente administrando a moeda.

Hoje, no dia a dia, dizemos que o Fed imprime dinheiro. Mas na verdade as coisas são mais complexas. O grande esquema de falsificação, hoje, é feito com computadores, e não com impressoras. Nós permitimos que o Fed exerça controle monopolístico

sobre a moeda, o crédito e as taxas de juros. A lei permite que esse banco privado e altamente sigiloso crie crédito à vontade e o distribua como bem entender.

O presidente do Fed pode simplesmente se recusar a revelar, em uma audiência pública, para onde vai o novo crédito criado e quem se beneficia dele. Quando perguntado, ele simplesmente respondeu "Não é da sua conta", dizendo que seria "contraproducente" divulgar tais informações.

Todo o funcionamento do Fed se baseia em um princípio imoral. O Congresso contribui com a imoralidade ao permitir que o processo continue efetivamente sem supervisão alguma. As imoralidades associadas ao dinheiro são cometidas tanto por omissão quanto por comissão.

Os membros do Congresso, quando conscientemente apoiam esse sistema fraudulento por causa dos benefícios que recebem dele, cometem atos imorais. Financiar gastos de forma irresponsável, seja através das ações do Fed ou através de dívidas a ser pagas no futuro, traz benefícios imediatos aos políticos.

No entanto, o Congresso é um reflexo do povo. Se o problema fosse entendido como um problema moral, e se o povo exigisse de seus representantes no governo uma conduta moral em relação ao dinheiro, o processo terminaria. Mas o povo apoia o sistema porque pede e espera que o governo lhe forneça benefícios que não podem ser fornecidos de nenhuma outra forma. A quantidade de renda que pode ser transferida é limitada quando os políticos só podem obtê-la através de cobrança de impostos e de empréstimos. É necessário imprimir dinheiro. A cooperação entre o povo, os políticos e os falsificadores do Fed se baseia na imoralidade da fraude, da mentira e da ignorância. Como disse Nicole Oresme,

bispo francês do século XIV, "sou da opinião de que o principal e último motivo pelo qual o príncipe se arroga o poder de alterar a cunhagem da moeda é o lucro ou ganho que ele pode assim obter; se não fosse o caso, as tantas e tão grandes mudanças que ocorrem seriam em vão... Ademais, a quantia que o príncipe lucra é necessariamente a quantia que a comunidade perde".[1]

Dependendo de muitas variáveis, o processo se estende por mais ou menos tempo, mas sempre chega ao fim. E, como todos os atos imorais, termina em muita dor e sofrimento. O grande problema é que muitos atos imorais, incluindo o processo inflacionário comandado pelo banco central, podem satisfazer muita gente por períodos muito longos.

Quando os tempos estão bons e os benefícios estão sendo aproveitados, ninguém está muito interessado em estragar a festa, ou em se preocupar com a moralidade do dinheiro. O Fed encoraja o endividamento pessoal irresponsável. As pessoas vivem além de suas condições financeiras, com a ajuda da política monetária expansionista. Elas trocam seus futuros pelo presente. Negligenciam a necessidade de poupar para consumir mais e mais. Nesse sentido, o Fed é o principal promotor do consumismo e de um estilo de vida que pensa apenas no presente. Isso resulta numa enorme distorção cultural na qual o pensamento a curto prazo ofusca o planejamento a longo prazo.

Mas a festa sempre acaba, e o tempo vivido em função do prazer imediato traz sofrimento e um período em que é preciso pagar a conta. A vida familiar se arruína e casamentos desmoronam. As pessoas perdem a liberdade de se mudar e de mudar de

[1] Jörg Guido Hülsman, *The Ethics of Money Production*. Auburn, Mises Institute, 2008, p. 104.

emprego. Tornam-se escravas de suas altas dívidas com cartões de crédito, empréstimos estudantis, financiamentos de carros e casas. Essas instituições e esse tipo de escravidão financeira pessoal não existiam antes do Fed. Simplesmente não seriam possíveis em uma sociedade que tivesse moeda forte. Nós viveríamos de acordo com nossas condições financeiras porque nossa moeda e nosso sistema bancário nos incentivariam a fazê-lo.

A moralidade do dinheiro se relaciona à moralidade na política. Governos grandes geram corrupção. Se o governo não tem nada para vender, subornos são inúteis. Mas mesmo sob as circunstâncias atuais, se homens e mulheres de caráter preenchessem os postos eletivos e não eletivos da administração pública, os subornadores estariam perdendo seu tempo. Os políticos convenientemente justificam um ganho fácil dizendo que "é assim que as coisas são feitas", enquanto ao mesmo tempo alegam que, ao participar do processo, estão servindo seus eleitores.

A troca de votos por benefícios para a base eleitoral é rotineira. Saber "trabalhar em equipe" é necessário para conseguir entrar em uma comissão influente, e a participação na comissão é um veículo para angariar fundos, já que os votos em comissões são ainda mais valiosos do que os votos no plenário que acontecem depois que as negociações já foram feitas. Participar em conferências para reconciliar as versões de uma lei aprovadas pelo Senado e pela Câmara é uma ótima forma de chamar a atenção daqueles que fazem contribuições ou compram influência durante o processo.

Os negócios são feitos através de doações para campanhas, especialmente para chefes de comissões que nem mesmo enfrentam disputas eleitorais de importância. É um *quid pro quo* rápido, uma piscadela e um aceno de cabeça, e é tudo legal. A moralidade não é levada em conta.

Em sua campanha presidencial, Barack Obama arrecadou mais de US$ 750 milhões, batendo todos os recordes. Ele era um candidato visto como um homem do povo, preocupado com os pobres e os excluídos. Em um dado momento ele prometeu que limitaria seus gastos porque aceitaria fundos públicos para sua campanha.[2] Ao final, Wall Street, os bancos, a indústria militar e a indústria médica, todos fizeram suas contribuições.

Uma vez que ficou claro – ainda muito no início da campanha – que a mídia havia escolhido seu candidato, o resultado da eleição era certo e o dinheiro começou a fluir. A crise econômica não inibiu a compra de influência. Na verdade, os recordes de doações para campanhas foram quebrados *porque* a proporção do PIB sob o controle do governo está se expandido rapidamente, e deve continuar a aumentar durante os próximos anos. Há mais "coisas" indo a leilão.

Com todos os regates financeiros e nacionalizações que estão ocorrendo, é mais importante do que nunca ter acesso a quem está no poder. O processo se autoalimenta. Assim como as bolhas inflacionárias se expandem, as estruturas de poder político crescem progressivamente conforme o poder do governo se expande.

Em termos simples, o sistema é moralmente corrupto. Mesmo assim, os políticos deveriam resistir à tentação de participar. Usar como desculpa o fato de que os outros participam – de que é assim que o sistema funciona – é inaceitável. Infelizmente, o político bem-sucedido é aquele que consegue evitar ser apreendido.

Poucos compreendem ou protestam contra a imoralidade da redistribuição de renda através da força do governo. O fato de

[2] A lei eleitoral americana impõe um limite de gastos a candidatos que aceitem fundos públicos para sua campanha. (N. T.)

que muitos desejam apenas ajudar os indefesos e criar uma sociedade economicamente "justa e igualitária" deveria ser irrelevante.

Quando políticos distribuem benefícios ou ameaçam parar de distribuí-los a não ser que algo lhes seja dado em troca, é comum que as pessoas expressem indignação quando os fatos vêm à tona. Mas há menos indignação a respeito do fato de que os benefícios sendo distribuídos foram roubados de membros produtivos da sociedade. A transferência de riquezas protegida por lei é o escândalo maior, mas isso raramente é discutido.

A grande imoralidade é o sistema de governo que sanciona a transferência de riquezas através da força. Tais transferências só são consideradas imorais se alguém é surpreendido distribuindo o butim. É relativamente fácil ver as transferências de riquezas de um grupo para outro através do sistema tributário. Mas fomos condicionados a acreditar que a moralidade está do lado dos redistribuicionistas, que afirmam sua superioridade moral dizendo que só eles cuidam dos desafortunados, e que suas ações apenas tornam o sistema justo. Dizem que, sem esse sistema, o sofrimento econômico seria esmagador e injusto. Obviamente, a compreensão de como a liberdade atende às necessidades do maior número de pessoas refuta completamente essas ideias.

O processo da desvalorização monetária através da inflação da oferta de moeda redistribui riquezas injustamente e perigosamente da classe média para os ricos. Esse processo se baseia nos princípios da fraude, e é equivalente à falsificação. Seus objetivos são atingidos de forma dissimulada, e as massas dificilmente conseguem discerni-los. Em vez disso, as pessoas são condicionadas a acreditar que o crédito fácil, a dívida monetizada e empréstimos de ação afirmativa são sinais de boas políticas econômicas e têm motivações morais.

A tragédia só é reconhecida quando a fraude de uma inflação monetária imoral e insustentável chega ao fim. É disso que estamos sofrendo hoje.

Quando defendo a moeda forte, o principal contra-argumento oferecido pelos keynesianos é a perda dos "benefícios" da inflação. O povo e grupos de interesse dizem que precisamos de mais do mesmo. Não se preocupam com a moralidade do dinheiro, e nem querem ouvir falar a respeito. Aqueles que fingem ser favoráveis ao mercado e ao governo limitado anunciam em alto e bom som que agora não é o momento para ideólogos obcecados com os princípios do livre mercado, da moeda forte e do equilíbrio orçamentário colocarem suas ideias em prática. Agora, dizem, é o momento de agir para resgatar nossa economia cambaleante.

O que eles não percebem é que aqueles que condenam as ideologias são prisioneiros de uma ideologia profundamente equivocada.

O pragmatismo, a urgência, a benevolência, a equidade, a transigência, o medo do futuro e a necessidade de segurança dão um verniz moral a uma forma autoritária de resgatar e proteger o povo. Os partidários desse autoritarismo não têm vergonha de declarar que é moralmente justificável e necessário sacrificar algumas liberdades para atingir esses objetivos.

Os defensores do planejamento econômico centralizado raramente levam em consideração o fato de que as políticas intervencionistas fracassadas foram a verdadeira causa da crise, e não admitem que continuar no mesmo rumo apenas aprofundaria o buraco em que estamos. Alguns até veem o caos como uma oportunidade para pôr em prática suas antigas crenças de que o governo autoritário é o ideal. Por medo do futuro e pela falta de

compreensão do processo que nos trouxe à crise em que estamos, outros deixam para depois seus objetivos de promover o governo limitado e o livre mercado.

Aqueles que querem se beneficiar de resgates financeiros descrevem seus oponentes como ideólogos teimosos e egoístas. Mas, é claro, quando estavam tendo lucros, aqueles que agora querem ser resgatados com o dinheiro do contribuinte se contentavam em defender o princípio de que seus lucros lhes pertenciam, e que mereciam ficar com a maior parte possível desses lucros, segundo a filosofia do livre mercado.

A questão não é ser ou não ideólogo, a questão é a qual ideologia aderir. É quase impossível não apoiar ideologia nenhuma. A pecha de ideólogo é usada para fazer uma ideologia baseada em princípios morais parecer agressiva e impiedosa. Isso, então, faz a filosofia imoral, baseada na força exercida pelo governo, parecer moralmente superior. Essa filosofia é sempre retratada como compaixão pelos menos favorecidos, e não como um resgate daqueles que injustamente se beneficiaram de um sistema econômico artificialmente estimulado por uma moeda inflacionada que favorecia os salários e benefícios dos CEOs e trabalhadores de certas indústrias.

Em termos simples, não pode haver um sistema monetário mais imoral do que um sistema baseado num monopólio bancário que pode falsificar dinheiro em segredo, sem nenhuma supervisão e nenhuma proteção para o povo. O argumento moral contra o Fed deveria bastar para fazer qualquer pessoa decentemente bem informada prescindir dele imediatamente.

Até a Bíblia diz claramente que alterar a qualidade do dinheiro é um ato imoral, e nos instrui a seguir as regras dos "justos pesos e medidas". "Não cometereis injustiça no julgamento, quer se trate de medidas de comprimento, quer de peso ou de capacidade.

Tereis balanças justas, pesos justos, medida justa e quartilho justo" (Levítrico 19,35-36). "Abominação para Iahweh: dois pesos; e balança falsa não é boa" (Provérbios 20,23). O princípio geral pode ser resumido em: "Não roubarás" (Êxodo 20,15).[3]

A Bíblia pressupunha que o dinheiro era um metal precioso e que pesos e medidas honestos deveriam ser praticados. As palavras de Jesus até contêm um gérmen da teoria austríaca sobre os ciclos econômicos, que diz respeito ao problema dos investimentos insustentáveis: "Quem de vós, com efeito, querendo construir uma torre, primeiro não se senta para calcular as despesas e ponderar se tem com que terminar? Não aconteça que, tendo colocado o alicerce e não sendo capaz de acabar, todos os que virem comecem a caçoar dele" (Lucas 14,28-29).

Embora alguns digam que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males, outros dizem que foi a desonestidade em relação ao dinheiro que gerou grandes males ao longo da história.

Para Ayn Rand, defender a moeda forte significava rejeitar totalmente o papel-moeda. Ao falar de "padrões objetivos" para o dinheiro, ela usava um tom quase bíblico. Para ela, dinheiro honesto era pré-condição para uma sociedade próspera. No discurso de Francisco, do romance *A Revolta de Atlas*, ela nos avisou que um dia o sistema de papel-moeda desabaria. Rand disse que para saber quando uma "sociedade se dissolve... observe o dinheiro". A cada vez que "destruidores surgem entre os homens, eles começam por destruir o dinheiro, pois o dinheiro é a proteção dos homens e a base de uma existência moral. Os destruidores tomam o ouro e deixam seu proprietário com

[3] Gary North, *Honest Money: Biblical Principles of Money and Banking*. Fort Worth, Dominion Press, 1986.

uma pilha de papéis falsificados". O papel-moeda, para ela, era "um empréstimo de riquezas que não existem".[4]

Nenhuma das grandes religiões defende que o governo cometa fraude com a moeda. Todas falam no cumprimento de promessas e obrigações, e respeito pelas pessoas e pela propriedade alheia. Bancos centrais, e especialmente o nosso Fed, deliberadamente ignoram esses princípios que são defendidos há milhares de anos por quase todos os líderes religiosos e éticos. O "amor" que os poderosos têm pelo controle sobre o dinheiro é de fato a causa de grandes males do mundo.

A falta de clareza sobre moralidade na política, na economia e no dinheiro incita muitos que dizem acreditar, ou que um dia acreditaram, no livre mercado a aceitar um acordo de parceria com o governo.

Lembro-me de uma eleição especial em 1976, em que fui candidato ao Congresso, a primeira em que tinha chances de me eleger. Eu era novato e muito ingênuo. Mas o momento e as circunstâncias me puseram em uma posição tal que o setor empresarial de Houston realmente acreditava que eu poderia ganhar. Isso, por si só, já era extraordinário, porque naquela época havia apenas três republicanos entre os 24 representantes do Texas no Congresso. O assento que eu disputava, do 22º Distrito, nunca havia sido ocupado por um republicano. Além disso, estávamos na época imediatamente posterior ao escândalo de Watergate,[5] o que dificultava as coisas ainda mais para os republicanos.

---

[4] Ayn Rand, "Francisco's Money Speech", *Atlas Shrugged*, reimpresso em *Capitalism Magazine*: http://capmag.com/article.asp?ID=1826.

[5] Escândalo político que levou à renuncia do presidente republicano Richard Nixon, em 1974, por cumplicidade com atos ilegais de espionagem contra a oposição democrata durante a campanha eleitoral de 1972. (N. T.)

Assim que percebemos que eu poderia ganhar a eleição, convocamos uma reunião com a comunidade empresarial de Houston. Na época, 70% do distrito pertenciam ao condado de Harris, onde fica a cidade de Houston, e uma porcentagem muito pequena pertencia ao condado de Brazoria, onde eu morava.

Uma conversa de que me lembro muito bem foi com George R. Brown, da Brown & Root, que mais tarde se tornou a KBR (Halliburton). Ele era democrata e um notório aliado político de Lyndon Johnson. Os dois haviam modernizado a política arrecadando fundos e apoiando candidatos que, uma vez eleitos para o Congresso, eles pudessem controlar. Ele se opunha aos sindicatos com quem meu adversário senador de esquerda, Bob Gammage, se identificava. A Brown & Root tinha uma forte presença no distrito. Minha credibilidade com ele aumentou muito porque eu inesperadamente fui para o segundo turno da eleição especial.

Fui recebido cordialmente e arrecadei algum dinheiro – não foi uma quantia grande. Meu breve discurso foi uma defesa do livre mercado, e fui tão claro naquela ocasião como sou hoje. Em minha conversa de despedida com o sr. Brown, ele admoestou-me: "Lembre-se, para que o sistema econômico funcione, os empresários e o governo precisam ser parceiros". Ele enfatizou a parceria. Recuei, desconfortável, e rapidamente me retirei.

Após as eleições, que venci, meu gerente de campanha insistiu em marcar outro evento para arrecadar fundos, com os mesmos patronos da cidade. O pretexto foi "pagar dívidas de campanha", além de agradecê-los pelo apoio e reconhecer sua importância. Na verdade, não havia dívidas de campanha, pois desde aquele tempo minhas regras eram rígidas – nunca terminar uma campanha com dívidas. Se você perde a eleição, a

dívida se torna sua, e não da campanha. O sr. Brown compareceu novamente, e quando estávamos indo embora ele perguntou: "Quanto é a minha parte; quanto eu devo?". A pergunta soou para mim, e provavelmente também para ele, como se ele tivesse um investimento em mim, e, como qualquer bom "capitalista", quisesse pagar sua parte.

Quando tomei posse, e meus votos e posições se tornaram conhecidos, a mensagem ficou clara, e eu nunca mais tive notícias dele.

A ideia de parceria entre empresários e governo não tem nada de nova, e, mesmo quando o sr. Brown a expressou, não soava nem um pouco sinistra. Estou certo de que ele acreditava que esse era um sistema bastante bom, e justificava o enriquecimento da Brown & Root como uma consequência de sua filosofia, e não o propósito da parceria. Sua empresa foi contratada pelo governo americano para atuar por todo o mundo *por acaso*, e não porque ele e Lyndon Johnson eram amigos do peito.

Essa postura é muito comum. Ao longo dos anos, ouvi muitos empresários exaltarem os governos fortes, dizendo que prefeituras e empresas precisam trabalhar juntas. É uma parceria que se desenvolve em todos os níveis – municipal, estadual, federal e internacional (ONU, Banco Mundial, FMI e os bancos internacionais de desenvolvimento). Tudo isso é feito em nome do capitalismo e financiado pela corrupta e complacente máquina de fazer dinheiro do Fed. Construtores de imóveis, de estradas, de pontes, e assim por diante, todos são a favor dos grandes projetos governamentais.

Quando tudo isso resulta em subornos, corrupção e crise financeira, o mais triste é ver quem leva a culpa. Em geral, culpa-se

o livre mercado, e os problemas se tornam uma desculpa para continuar a inflacionar a moeda e aumentar o governo, e a corroer o livre mercado, sempre favorecendo os grupos de interesse. A falta de compasso moral e o vago entendimento de economia de nossa classe empresarial abriram o caminho para a iminente nacionalização do sistema de livre iniciativa dos Estados Unidos.

A cada ano que passa, especialmente desde a década de 1930, a economia de mercado encolhe e a economia administrada e subsidiada pelo Estado aumenta. Poucos se importam, porque nosso crédito sempre foi bom e o dólar era percebido como uma moeda forte; nossa prosperidade permaneceu enquanto o déficit explodia.

As coisas mudaram. A perda do princípio moral que defende o mercado livre e a moeda forte erodiu completamente as bases de nosso sistema econômico. A crise da economia e a perda de suas bases morais abriram o caminho para nacionalizações. Quando os executivos da indústria automotiva vêm a Washington, eles exigem liberdade – liberdade para contratar trabalhadores, liberdade para se reequipar como bem entenderem, liberdade para escolher quais carros construir, liberdade de planos econômicos que regulam cada um de seus movimentos, liberdade para lucrar e ficar com seus lucros, liberdade para falir? Exigem uma moeda forte que retifique os desequilíbrios comerciais internacionais?

Não, os executivos vêm a Washington para exigir que americanos inocentes paguem para resgatá-los e para proteger um sistema que não merece proteção. Nunca vêm para exigir que o governo proteja os contratos ao invés de insistir para que o governo os reescreva. Imploram para ser incorporados, nacionalizados, transformados em parceiros, obrigados a obedecer

a um czar e sacrificar qualquer restinho de autorrespeito que ainda lhes reste.

Há muitos culpados pela situação em que nos encontramos: o Fed, o Congresso, os tribunais, os aproveitadores. Mas o mais detestável é a omissão dos gigantes da indústria na defesa do livre mercado. Eles estão dispostos a ser sócios minoritários do governo, acreditando que não traíram nenhum princípio e que dias melhores virão. Acreditam que algum dia terão novamente sua riqueza segura, e poderão aproveitar os frutos de seu trabalho e os benefícios da liberdade – e que para isso precisam apenas obter um plano de resgate financeiro. Fascismo não lhes passa pela cabeça. Sua racionalização é que às vezes os mercados falham, e é válido aceitar uma ajudinha do governo, que eles eufemisticamente chamam de um empréstimo-ponte para resolver um problema imediato. Mas sua ganância egoísta e tacanha e seu entendimento distorcido da relação entre governo e empresas em uma sociedade livre abriram o caminho para uma mudança radical na estrutura política americana.

Em plenário da Câmara, chamei a nova estrutura de "nacionalismo sem choramingo", e a comunidade empresarial implora por ele. Para mim, a nacionalização da indústria, que a mantém como propriedade privada apenas no papel, é o mesmo que fascismo. Flagrantes desonestidades são cometidas, e quem não as comete se recusa a reconhecer que elas estejam acontecendo.

Harry Truman,[6] que usou uma ordem executiva para tomar conta da indústria do aço durante a Guerra da Coreia, foi muito mais honesto quanto a seus planos de nacionalização. Hoje, não há oposição por princípio aos resgates financeiros

[6] Presidente dos Estados Unidos entre 1945 e 1953. (N. T.)

das corporações, à criação de trilhões de dólares em novo crédito pelo Fed e à nacionalização de seguros, de hipotecas, do setor de saúde, de bancos e da indústria imobiliária. Só houve discussão a respeito das quantias e dos veículos financeiros envolvidos, e sobre qual grupo político exerceria o poder econômico. Se não há argumento moral contra a tomada da economia americana, não haverá resistência contra um ditador que controle cada aspecto de nossas vidas com pulso de ferro. Já vejo o serviço nacional obrigatório para todos os jovens de dezoito anos como um programa que os americanos serão pressionados a aceitar por motivos patrióticos.

Ao longo dos anos, eu frequentemente me perguntei como os líderes empresarias da Alemanha e da Itália foram capazes de colaborar com ditadores fascistas. Será que eles não sabiam como tudo acabaria? Tenho certeza de que muitos tinham esperanças de bons resultados, e que ganhar dinheiro em uma parceria com o governo era para eles uma opção filosoficamente aceitável. Totalmente ingênuos, acreditavam que seriam capazes de manter o controle sobre o próprio destino.

Uma vez que se aceita o princípio de que o governo pode usar a força para administrar a economia, automaticamente se aceita a ideia de que o governo também pode administrar a vida de todas as pessoas. Não demorou muito para o nazismo evoluir da parceria comercial que se tornou nacionalização para um militarismo incontrolável. E mesmo assim a ideia de um czar *da indústria automotiva* só é assustadora para alguns poucos.

Desde a primeira parceria entre empresas e governo, no século XIX, essas instituições antimercado se espalharam. As sementes do fascismo nos Estados Unidos foram semeadas há muito tempo, começando com o planejamento estatal da

Primeira Guerra Mundial. Elas estão rapidamente crescendo e transformando-se em uma perigosa crise econômica e política. Se não ficarmos atentos, veremos o fascismo se desenvolver e a liberdade ser sacrificada.

Louis Brandeis, juiz da Suprema Corte Norte-Americana, nos lembra de que o crime é contagioso, especialmente se for o governo a cometê-lo. Ao violar a lei e desrespeitar a Constituição, o governo estabelece um padrão que torna muito mais fácil para a sociedade fazer o mesmo. Quando o governo e os políticos demonstram desprezo pela lei, é um sinal de que todos os demais podem fazer o mesmo. A verdadeira ironia é que quando um indivíduo respeita a Constituição e tenta responsabilizar os ocupantes dos cargos governamentais, é ele que se torna um criminoso. Se tal situação não for retificada, ela está fadada a levar à violência. Os dizeres em uma placa (que, na verdade, é um adesivo) que fica na minha mesa no Senado fazem todos os meus visitantes se lembrarem da crise moral que enfrentamos: "Não Roube, o Governo Odeia Concorrência".

CAPÍTULO 12

O ARGUMENTO CONSTITUCIONAL

A Convenção Constitucional de 1787 deveria ter tido um escopo limitado. Os estados estavam autorizados a emendar os Artigos da Confederação.[1] A necessidade de comércio livre entre os estados e de uma moeda nacional forte eram algumas das prioridades. Embora alguns não o admitissem, o objetivo original era descartar os artigos da Confederação e escrever uma constituição inteiramente nova.

Os federalistas queriam um governo mais centralizado e poderoso, e reclamavam de que o Congresso não tinha poderes para regular questões internas nem para cobrar impostos para propósitos internos. Os antifederalistas, entre eles Patrick Henry, se preocupavam com o perigo de erosão da liberdade se um governo centralizado fosse aprovado.

Uma vez reunidos na Filadélfia, os delegados logo começaram a debater propostas para mudanças sem relação com o comércio entre estados e a moeda nacional. Àqueles que se preocupavam com a perda de liberdade, a Declaração de Direitos [*Bill of Rights*]

[1] Primeiro documento estabelecendo um governo comum entre os estados americanos, com atribuições limitadas à guerra e à política externa. Aprovado em 1777, ainda durante a Guerra de Independência. (N. T.)

foi oferecida como proteção contra intrusões do governo federal nas esferas dos estados.

Se a intenção original da Constituição tivesse sido obedecida, não estaríamos na situação em que estamos hoje. A proteção contra o governo central falhou por causa de um excesso de brechas na Constituição – mas também, e mais importante, porque ao longo dos anos pessoas demais, tanto de dentro quanto de fora do governo, exigiram que o governo garantisse a segurança em vez da liberdade.

Os autores da Constituição estavam muito cientes dos perigos da inflação e da necessidade de um padrão-*commodity*. A destruição do dólar continental[2] ainda estava fresca em suas mentes. Os diários do Congresso Continental notavam que: "O papel-moeda (...) foi multiplicado além dos limites das boas políticas. Nenhuma verdade é mais evidente do que o fato de que, quando a quantidade de dinheiro em circulação excede a quantidade de dinheiro que é útil como meio de comércio, seu valor comparativo precisa ser proporcionalmente reduzido". Além disso, a inflação "favorece a depravação da moral, a decadência das virtudes públicas, a precariedade dos suprimentos para a guerra, a corrupção da confiança do público, as injustiças contra indivíduos e a destruição da honra, segurança e independência dos Estados Unidos".[3]

A Constituição claramente proíbe o papel-moeda. Apenas ouro e prata poderiam ser moedas de curso legal. Uma vez que os estados prejudicavam a si mesmos quando produziam seu

[2] Moeda criada pelo Congresso Continental em 1776. Sofreu extrema desvalorização durante a Guerra de Independência e saiu de circulação em 1781. (N. T.)

[3] Edwin Vieira Jr., *Pieces of Eight: The Monetary Powers and Disabilities of the United States Constitution.* Old Greenwich, CT, 1983, p. 12-13.

próprio papel-moeda, a Constituição também os proibia de ter papel-moeda. Artigo I, Seção 10: "Nenhum estado poderá (...) autorizar, para pagamento de dívidas, o uso de qualquer coisa que não seja ouro e prata".[4] Aí está, curto e grosso: o papel-moeda é inconstitucional, e ponto final.

A Constituição não diz nada a respeito de um banco central, mas para qualquer um que se importe com suas intenções, a Décima Emenda é bastante clara: quaisquer poderes que não sejam "delegados aos Estados Unidos pela Constituição" não existem. Não há absolutamente nada na Constituição que autorize um banco central. Mesmo que um banco central fosse permissível, ele não poderia abolir a exigência de ouro e prata para a moeda de curso legal.

Teoricamente, um banco central poderia existir com o padrão-ouro, mas o padrão-ouro não precisa de um banco central que o administre. Sem essa necessidade, os motivos para a existência de um banco central têm de ser questionados. Não é difícil chegar à conclusão de que o propósito de um banco central, quando o padrão-ouro vigora, é se livrar do padrão-ouro.

Durante a convenção, a proposta de emitir cédulas de crédito (ou seja, papel-moeda conversível) foi longamente debatida e derrotada. Nem o governo dos Estados Unidos nem os estados teriam permissão para emitir papel-moeda, e apenas o ouro e a prata seriam moedas de curso legal. Por causa da inflação descontrolada do dólar continental na década de 1780, e do desprezo dos Fundadores pelo papel, nenhum papel-moeda foi oficialmente emitido pelo governo americano até a Guerra Civil.

---

[4] *A Constituição dos Estados Unidos da América*. Trad. J Henry Phillips. Disponível em: http://www.braziliantranslated.com/euacon01.html. (N. T.)

A proibição do papel-moeda valia também para certificados conversíveis. Mesmo isso era uma tentação grande demais para ser colocada ao alcance do governo. A moeda fiduciária era uma ideia tão absurda que os Fundadores nem a discutiram. Que pensariam eles de nossa prática de criar bilhões de dólares do nada, e nem nos dar ao trabalho de *imprimir* o dinheiro? Hoje em dia tudo é feito pelo computador, sem nem traço de supervisão do Congresso.

A discussão a respeito de um banco central começou cedo; os Federalistas eram a favor e os antifederalistas eram contra. Foi um dos muitos debates entre Hamilton e Jefferson. No início, Hamilton saiu vencedor, e o First Bank of the United States foi criado em 1791. Jefferson, que defendia a moeda forte, deixou o banco expirar em 1811. A guerra de 1812, com seus gastos extravagantes e altas dívidas, causou problemas financeiros e déficits tão graves que mais uma vez tivemos de escolher entre a centralização e a liquidação. Para os políticos, a escolha é fácil: a solução de curto prazo é melhor do que a saúde a longo prazo. Em 1816, Madison criou o Second Bank of the United States. A discussão a respeito da constitucionalidade desse banco em 1819 foi muito significativa. A primeira decisão favorável ao banco central, no caso *McCulloch contra Maryland*, não foi apenas um grande revés para a causa da moeda forte; o raciocínio usado pela Suprema Corte para chegar a sua decisão causou danos irreparáveis à Constituição.

Um lado argumentou, como Jefferson, que a Constituição não concedia ao Congresso autoridade específica para estabelecer um banco central. O outro lado, majoritário nesse caso, inacreditavelmente alegou que o Congresso tinha todos os poderes que quisesse, exceto aqueles especificamente negados

pela Constituição. As ideias da Seção 8 do Artigo I e da Décima Emenda foram inteiramente ignoradas. Se essa interpretação estivesse correta, não teria havido propósito nenhum na inclusão dessas estipulações na Constituição.

Um dos argumentos apresentados foi que a cláusula sobre leis "necessárias e apropriadas" do Artigo I, Seção 8, permitia a criação de quaisquer leis que o Congresso considerasse "necessárias e apropriadas". O fato de que a cláusula sobre leis "necessárias e apropriadas" se aplica apenas ao exercício dos poderes enumerados – apenas aqueles poderes explicitamente conferidos ao Congresso pela Constituição, e, nesse caso, os poderes incluídos no Artigo I, Seção 8 – foi ignorado.

A flagrante distorção da Constituição causada pelo veredicto de *McCulloch contra Maryland* causou grandes danos durante toda a nossa história, e explica como acabamos com um governo do tamanho do que temos atualmente. O caso não apenas abriu as portas para o Second Bank of the United States, mas também possibilitou a criação do Fed, em 1913.

Assim, a Suprema Corte estabeleceu o princípio dos "poderes implícitos", uma ideia completamente subjetiva. Não poderíamos mais obedecer à advertência de Jefferson: "Que não se fale mais em confiança nos homens, mas que sejam impedidos de agir mal pelas correntes da Constituição".

Na realidade, a Constituição por si só, por mais bem escrita que seja, não é capaz de atingir nossos objetivos quanto à limitação dos poderes do governo. A moralidade do povo e o caráter dos ocupantes dos cargos eletivos são as únicas coisas que importam. Não obstante, mesmo com essas limitações, devemos fazer todo o possível para impedi-los de agir mal através

do estado de direito, ou correr o risco de que as "correntes" sejam usadas para amarrar aqueles entre nós que se opõem ao mau uso dos poderes do governo.

O princípio dos poderes implícitos, tão claramente estabelecido em 1819, abriu uma caixa de Pandora, e iniciou a constante erosão de nossas liberdades, especialmente no último século.

Perdemos duas vezes no caso *McCulloch contra Maryland*, e continuamos a sofrer com ambas as derrotas. Essa decisão abriu o caminho para a criação do Fed em 1913 e redefiniu a ideia de leis "necessárias e apropriadas". A Suprema Corte nunca foi amiga da moeda forte, e raramente protegeu a Constituição.

A Suprema Corte apoiou a transformação do papel-moeda em moeda de curso legal durante a Guerra Civil, usando os mesmos argumentos apresentados pelo juiz-chefe John Marshall em *McCulloch contra Maryland*. Os tribunais quase sempre definem a moeda de curso legal como o que quer que seja que o Congresso queira – sem jamais aderir às claras ordens constitucionais de que apenas moedas de ouro e prata sejam usadas como moeda de curso legal, e ignorando a proibição da emissão de notas de crédito. Duvido que os tribunais algum dia venham a nos ser úteis para restituir o dinheiro constitucional e extinguir o Fed.

No caso de *Hepburn contra Griswold*, de 1869, a Suprema Corte decidiu sabiamente e julgou as leis de curso legal inconstitucionais. "Nem foi defendido, nem ninguém com mínimos conhecimentos de direito constitucional jamais imaginaria defender, que existe na Constituição qualquer concessão expressa de poder legislativo para tornar qualquer tipo de instrumento de crédito moeda de curso legal no pagamento de dívidas", decidiu a Corte. "Uma lei que torne meras promessas de pagar dólares

moeda de curso legal como pagamento de dívidas previamente contratadas não é um meio apropriado, bem adaptado, verdadeiramente calculado para exercer qualquer poder explícito investido no Congresso, de forma que tal lei é inconsistente com o espírito da Constituição, e é proibida pela Constituição."

Mas essa decisão não vigorou muito tempo, sendo revertida um ano mais tarde por outra decisão da Suprema Corte, no caso *Knox contra Lee* (1870), em cujo veredicto a Corte escreveu, com claro desprezo pela Constituição: "Seria, de fato, triste se esta grande nação fosse agora privada de um poder tão necessário para capacitá-la a proteger sua própria existência".

Aqui, William Graham Sumner tem total razão: "A decisão a respeito do curso legal foi um erro tão grande quanto a decisão do caso de Dredd Scott,[5] e esse segundo caso nos mostra que não é inútil discutir questões constitucionais, mesmo após a decisão da Corte. Uma guerra provavelmente não será necessária para derrubar a lei do curso legal, mas uma falência nacional talvez o seja".[6]

A Suprema Corte foi igualmente destrutiva ao lidar com o confisco do ouro em 1933 e ao apoiar o cancelamento de todos os contratos envolvendo ouro. O governo e os emissários privados de obrigações lastreadas em ouro ficaram desobrigados de pagá-las em ouro. A ideia de que o governo obedece e faz cumprir os contratos foi enterrada, especialmente no que se refere a dinheiro.

---

[5] Dredd Scott, escravo americano, abriu processo pedindo sua liberdade por ter sido mantido sob escravidão em estados americanos em que ela era ilegal. Em 1857, a Suprema Corte decidiu contra Scott. (N. T.)

[6] William G. Sumner, *A History of American Currency.* Nova York, Henry Holt and Co., 1874, p. 58-59.

A falta de respeito pela Constituição desde o século XIX possibilitou o Federal Reserve Act de 1913, a lei que criou o Fed. O medo, a desinformação e a ignorância permitiram ao governo impor más políticas ao povo americano. Isso não é muito diferente de dar ao presidente o poder de declarar guerra, ou de oferecer pacotes de resgate financeiro àqueles que menos merecem ajuda durante uma crise econômica. A racionalização de que o interesse do Estado se sobrepõe aos interesses e direitos dos indivíduos está embutida nos argumentos que justificam a obediência dos americanos àqueles que odeiam o padrão-*commodity* e amam os bancos centrais.

O Fed foi criado como resultado da exigência de moeda elástica pelo setor público e pelo setor bancário. Uma moeda elástica não é nada além de uma moeda cujo volume pode ser arbitrariamente aumentado, segundo a vontade dos administradores monetários. Às vezes há discussões a respeito de quem exatamente tem a autoridade de controlar a moeda – o banco central, o Congresso ou os próprios bancos privados. O aumento da oferta de moeda e de crédito é a própria definição de inflação, o que significa que quando surgiu a demanda por uma moeda elástica, tudo o que se buscava era uma forma legal de inflacionar a moeda em benefício de qualquer que seja o interesse especial com o qual estejam preocupados no momento.

Intenções nobres são sempre invocadas para justificar a inflação, mas suas verdadeiras motivações são mais sinistras. Aqueles que ganham o controle sobre a moeda se beneficiam, mas não o povo como um todo.

O economista John Maynard Keynes, antes de se tornar um grande defensor da inflação, escreveu muito corretamente sobre o grave perigo da inflação. Assim como Greenspan, ele mudou

seu discurso com o passar dos anos. Em seu livro *As Consequências Econômicas da Paz*, ele escreve:

> Atribuiu-se a Lênin a declaração de que a melhor maneira de destruir o sistema capitalista é destruindo a moeda. Com um processo contínuo de inflação os governos podem confiscar uma parte importante da riqueza de seus cidadãos, secreta e furtivamente... Não há meio mais seguro e mais sutil de subverter a base da sociedade do que corromper a sua moeda – processo que empenha todas as forças ocultas da economia na sua destruição, de modo tal que só uma pessoa em cada milhão consegue diagnosticar.[7]

Seu *A Tract on Monetary Reform* [Tratado sobre a Reforma Monetária], de 1923, também é claro:

> Um governo pode se sustentar por um bom tempo (...) imprimindo papel-moeda. Ou seja, o governo pode por esse expediente adquirir controle sobre recursos reais – recursos tão reais quanto os obtidos por meio de taxação... Um governo pode se sustentar por esse meio mesmo quando não pode se sustentar por nenhum outro. Essa é a forma de taxação que o público acha mais difícil de evadir e que mesmo o governo mais fraco pode executar, quando não pode executar mais nada.[8]

A quinta medida que Marx propõe no *Manifesto Comunista* é a instituição de um banco central monopolista forte. Para Marx,

---

[7] John Maynard Keynes, *As Consequências Econômicas da Paz.* Trad. Sérgio Bath. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2002, p. 163.

[8] John Maynard Keynes, *A Tract on Monetary Reform.* Londres, MacMillan, 1923, cap. II, seção I.

essa medida seria necessária para manter o poder sobre toda a economia e evitar intrusões capitalistas.

O Federal Reserve Act de 1913 criou o Fed, com a função de supervisionar a moeda, agora inteiramente elástica e fácil de corromper, usando os poderes inconstitucionais que lhe foram atribuídos. O Fed adquiriu o poder de criar dinheiro do nada, e os bancos ganharam a possibilidade de participar do processo e se beneficiar dele, através do sistema de reservas fracionais.

Infelizmente, e deliberadamente, uma muralha foi construída entre o Fed e o Congresso. O Congresso criou o sistema, e poderia encerrá-lo. Alguns dizem que o grande problema do Fed é que ele é um banco privado; essa é a raiz de todo o mal. Se esse fosse o único problema, bastaria aplicar contra o Fed as mesmas leis que se aplicam contra todas as outras empresas privadas. Para mim, o Fed está em uma posição muito mais vantajosa do que a de uma simples empresa privada. Ele é sancionado pelo governo, protegido pelo governo, e tem o privilégio de total sigilo.

O público tem o direito de acessar as audiências do Fed e seus relatórios ao Congresso. As informações reais não estão disponíveis para o público, nem para o Congresso, nem para a Financial Services Committee, nem para a Domestic Monetary Policy Subcommittee [Subcomissão sobre Política Monetária Nacional] e nem para mim como membro dos três. Eu jamais seria autorizado a comparecer a uma reunião da Federal Open Market Committee,[9] onde todas as grandes decisões são tomadas; ela está totalmente fora de alcance.

[9] No Brasil, equivalente ao Comitê de Política Monetária (Copom).

O privilégio do sigilo de que o Fed desfruta é protegido por lei. Se a criatura pode ser criada sem autoridade constitucional, ela pode escapar de toda a supervisão à qual as demais agências governamentais estão sujeitas. Até a CIA tem mais obrigações de relatar suas atividades a um grupo seleto de congressistas, embora possamos ter certeza de que o Congresso é mantido no escuro nesse aspecto também.

O Government Accounting Office [Secretaria Parlamentar de Auditoria do Poder Executivo] é responsável por auditar todas as agências governamentais. O título 31, capítulo 7 da seção de moeda e finanças do código do Government Accounting Office descreve seus deveres e poderes de auditar todas as instituições financeiras, incluindo "o Federal Reserve Brand [Conselho dos Governadores da Reserva Federal], os Federal Reserve Banks [Bancos da Reserva Federal], o Federal Deposit Insurance Corporation [Agência Federal de Garantia de Depósitos Bancários] e o Office of the Comptroller of the Currency [Secretaria de Controle da Moeda]".

A descrição parece bem clara e inclusiva. Mas há uma ressalva na lei. Ela diz, a seguir:

> Auditorias do Conselho dos Governadores da Reserva Federal e dos Bancos da Reserva Federal não podem incluir: transações para ou com bancos centrais estrangeiros, governos de países estrangeiros ou organizações financeiras internacionais não privadas;
>
> Deliberações, decisões ou ações sobre questões monetárias, incluindo operações utilizando a janela de desconto, reservas de bancos-membros, títulos de crédito, juros sobre depósitos e operações de mercado aberto;

> Transações realizadas sob a direção da Federal Open Market Committee; ou parte de uma discussão ou comunicação entre membros do Conselho dos Governadores e empregados do Sistema da Reserva Central associada às cláusulas (1)-(3) dessa subseção.

Ou seja, quando Bernanke rapidamente se recusa a divulgar informações sobre os trilhões de dólares em crédito que ele distribuiu durante os planos de resgate financeiro porque tal divulgação seria "contraproducente", o que ele realmente quer dizer é "não é da sua conta".

Bernanke pode muito bem estar protegido pela lei, mas também está violando a Constituição. Os tribunais, nas circunstâncias atuais, não vão jamais decidir que o presidente do banco central tem o dever de revelar as informações que o Congresso ou o povo querem.

Em Washington, os apelos por mais transparência em relação a toda essa bagunça estão mais veementes a cada dia. As pessoas já estão cheias de ver centenas de bilhões de dólares, ou seja, os fundos do Troubled Asset Relief Program,[10] serem dados ao Secretário do Tesouro sem o Congresso saber como esse dinheiro será gasto.

Há muitas décadas, vário membros do Congresso, entre eles Louis McFadden, Wright Patman e Henry Gonzales, exigem que a contabilidade do Fed seja inspecionada pelo Congresso, por meio de uma auditoria feita pelo Government Accounting Office. Embora algumas concessões tenham sido feitas, como a divulgação de minutas três semanas após uma reunião do Federal

[10] Programa de compra de ativos sem liquidez de instituições financeiras pelo Tesouro norte-americano. (N. T.)

Open Market Committee e de algumas estatísticas, o núcleo das atividades do Fed continua protegido da vigilância do Congresso.

Uma coisa que notei ao estudar o assunto é que quanto mais poder o Fed ganha, maior o sigilo que ele exige. Mesmo hoje, o Fed não divulga nenhum relatório que contenha um agregado monetário simples como o M3. Para calcular esse número, bastaria o Fed contar a quantidade de dinheiro que imprime, que pode ser medida de muitas formas diferentes. O pretexto bobo que o Fed dá para não fazer isso é fazer economia – não contar dinheiro para economizá-lo? Talvez eles imaginem que se recusarem a divulgar os números, ninguém vá perceber quanto dinheiro eles criam.

Hoje, enquanto o Fed opera secretamente com trilhões de dólares em empréstimos e garantias e aumenta de maneira vertiginosa seu caixa, nós não recebemos praticamente informação nenhuma sobre os acordos feitos com outros bancos centrais, que países e moedas se beneficiam de resgates financeiros ou que empresas e bancos "amigos" são tratados com "mais igualdade" que os outros.

A transparência é atualmente um assunto muito discutido no Congresso porque o povo acordou e mandou sua mensagem. Essa é a função dos movimentos espontâneos, como os *Tea Parties* que surgiram por todo o país. Essa não é uma causa conservadora ou esquerdista, não é uma bandeira dos republicanos ou dos democratas. A preocupação é dominante, espalhada por todo o espectro político.

Eu propus uma lei para auditar o Fed, o Federal Reserve Transparency Act, HR 1207, que o senador progressista/socialista (e meu amigo) Bernie Sanders, do estado de Vermont, propôs ao

Senado. Estou convencido de que, se tivéssemos de votar contra essa lei ou a favor dela, muito poucos votariam contra. Isso é um reflexo das preocupações dos americanos, e de que essas preocupações estão começando a ser transmitidas aos membros do Congresso. Embora às vezes pareça que o Congresso ignora o povo, quando o povo fala suficientemente alto e claro, os animais políticos em Washington reagem.

Desde o estabelecimento do Fed em 1913, sempre houve ao menos alguns congressistas lutando para expor o Fed e os problemas que ele causa. De modo geral, o argumento contra uma auditoria do Fed sempre foi que certos elementos merecem ser mantidos em sigilo, e também que não é necessário que as pessoas saibam tanto a respeito do Fed. Antes de 1978, o Government Accounting Office não tinha a autoridade específica para examinar os registros financeiros do Fed, e esse era o pretexto usado para não haver auditoria. Em 1978, quando o Congresso recebeu um pedido e finalmente aprovou a legislação que dava à Government Accounting Office a autoridade para auditar o Fed, tal autoridade tinha limites estritos, e todas as questões importantes foram explicitamente excluídas do processo de auditoria.

O Fed nega, mas, porque ele tem o enorme poder que advém do controle da oferta de moeda e da taxa de juros, tem também todos os motivos do mundo para manter todas as suas atividades sigilosas. Isso é sabido desde a criação do banco central em 1913, o que sempre levou pelo menos alguns membros do Congresso a exigir mais abertura.

O congressista Wright Patman, em 1964, quando presidia o House Banking Committee, conversou com Alfred Hayes, o poderosíssimo presidente do Federal Reserve Bank de Nova York, em sua comissão. Irritado com a discussão sobre

transparência, Patman disse a Hayes: "O senhor tem poder absoluto de vetar tudo que o presidente faz. O senhor tem o poder de vetar o que o Congresso faz, e o fato é que já o fez. O senhor está indo longe demais".

Eu, na verdade, considero essa descrição moderada demais, porque durante os últimos doze meses, durante os planos de resgate financeiro, o Fed acumulou uma quantidade incrível de poder e se tornou muito mais influente mundialmente do que o Congresso ou o presidente americanos jamais foram.

Patman acusou o Fed de ser sigiloso demais, independente demais, e uma ferramenta nas mãos dos banqueiros de Wall Street. Embora Patman tivesse razão nas acusações que fez, as soluções que propunha não exigiam o padrão-ouro. Ele queria que o Congresso assumisse o poder de criar dinheiro e controlar a taxa de juros, e seu objetivo era beneficiar os pobres, pequenos empresários e produtores rurais. Os populistas da época, como os de hoje e os de sempre, queriam devolver a responsabilidade pelo dinheiro e pelo crédito ao Congresso. Embora o objetivo seja louvável, ele não é suficiente para solucionar o problema da constante depreciação da moeda – apenas o ouro pode fazer isso.

Não obstante, ao longo de toda sua carreira (1929-1976), Patman continuou a nos advertir a respeito dos perigos do excessivo poder do Fed e a exigir persistentemente uma auditoria de todas as suas atividades. Embora meu primeiro mandato no Congresso tenha começado em abril de 1976, nossos caminhos nunca se cruzaram, pois a saúde de Patman estava frágil durante seu último ano no Congresso. Mas eu conheci Henry Gonzales e trabalhei com ele em diversas causas, particularmente o FMI e outras questões bancárias, entre 1979 e 1984.

Ele era o presidente da Comissão Bancária [Banking Committee] (1989-1995) e o líder da facção populista por mais de trinta anos (1961-1999), exigindo uma auditoria e a limitação dos poderes do Fed. Muito antes de Patman presidir o Banking Committee, o congressista Louis McFadden, da Pensilvânia, fez as mesmas tentativas de alertar o povo americano quanto ao perigo do excesso de poder nas mãos dos poucos que controlam o Fed e o sistema bancário.

Embora os populistas do passado e do presente não sejam defensores da moeda forte, eles sempre partilharam de nossa convicção de que a transparência é crucial para qualquer reforma decente. E hoje, embora muitos políticos esquerdistas e conservadores tenham aderido à pressão dos populistas por dinheiro fácil e juros baixos, nós podemos todos nos unir para exigir o fim do sigilo em torno do Fed. As reformas virão, e aí poderemos apresentar os argumentos em favor de uma moeda forte e que siga os preceitos da Constituição.

Acredito que o momento atual apresenta condições mais propícias à obtenção de uma auditoria do Fed do que qualquer outro momento desde a sua fundação, em 1913. Quando isso acontecer, espero que os resultados sejam avaliados com seriedade à luz da Constituição.

CAPÍTULO 13

O ARGUMENTO ECONÔMICO

Seria de se imaginar que um argumento moral ou constitucional contra o Fed fosse suficiente, mas o Congresso e o povo raramente reagem a tais argumentos. O povo em geral é convencido a aceitar as panaceias prometidas pelos defensores dos bancos centrais e da moeda fiduciária através da criação e difusão de medo de problemas econômicos. É preciso usar muita dissimulação, ou mesmo mentiras, sobre economia para convencer tantas pessoas a aderir.

Eu fico maravilhado com o quanto a sociedade avançou tecnologicamente desde a revolução industrial e através dos grandes progressos da física, da química, dos computadores, da medicina, dos eletrônicos, da exploração aeroespacial. As nações, mesmo que tenham uma compreensão limitada do funcionamento do mercado livre, se beneficiaram tremendamente da abundância criada por ele. Mesmo assim, com todo esse conhecimento, poucos entendem algumas das mais simples verdades relativas ao dinheiro. Por gerações, sofremos uma lavagem cerebral que nos leva a acreditar na necessidade de ter um banco central para nos dar uma moeda que seja elástica. Nós aceitamos uma ideia um tanto bizarra sem questioná-la. Pense nisso com seriedade: se você precisa de mais dinheiro, *estique-o*; ou seja, simplesmente imprima mais dinheiro.

É como se ainda acreditássemos que dinheiro cresce em árvore, sem parar para pensar que, se dinheiro crescesse mesmo em árvore, ele teria tanto valor quanto as folhas no outono, e acabaria ou transformado em húmus ou colocado em sacos e jogado fora. Ou seja, não teria valor nenhum.

Acho difícil entender como pessoas inteligentes em sociedades avançadas são capazes de concluir que a quantidade de riqueza pode ser aumentada através de uma mera expansão da oferta de moeda. Suspeito que os verdadeiros defensores do banco central e da moeda fiduciária são motivados mais pelo poder e pela ganância do que por teorias econômicas válidas. Muitos outros são complacentes e crédulos, e provavelmente nunca pensaram muito no assunto.

Tenho certeza de que eu poderia fazer uma criança de doze anos entender a questão do dinheiro com muito mais facilidade do que uma pessoa muito mais velha. Os jovens são mais abertos a novas ideias; pessoas mais velhas muitas vezes são acomodadas e inflexíveis. O completo fracasso do sistema que herdamos em 1971 – que confirmou as teorias dos que acreditam em moeda forte e previram esse resultado – chamou a atenção de toda uma geração de jovens para a questão do dinheiro.

Os jovens percebem que a crise que estão herdando é grave, e compreendem facilmente sua relação com a moeda fiduciária e com o Fed. Apesar das trágicas consequências das políticas do Fed ao longo da última década, há motivos para acreditar que, por necessidade se não por outros motivos, o argumento em favor da moeda forte será ouvido com seriedade nos próximos anos.

Ludwig von Mises estava certo quando, muitos anos atrás, previu o colapso de todas as economias socialistas, incluindo o

sistema soviético, por uma razão precisa. Sem um sistema de preços baseado em um mercado livre, não há como tomar decisões econômicas corretas a respeito da oferta e da demanda de bens e serviços. O socialismo não permite que escolhas sejam feitas em um mercado livre, o governo determina os preços e planifica a produção. Os burocratas do governo não podem saber aquilo que apenas os mercados podem determinar. O mecanismo de lucros e prejuízos que recompensa as boas decisões e pune as más decisões é vital para o processo de decisão. A posse dos meios de produção pelo governo elimina a vantagem das más decisões, que é a punição dos administradores. Sob o socialismo e intervencionismo que temos hoje, os bem-sucedidos são punidos ao serem forçados a resgatar os fracassados.

Nós ainda não temos socialismo em nossos mercados. No passado, quando restrições sobre os preços e os salários foram impostas em nossa economia, a economia de mercado cambaleou ou desmoronou, mas quando os controles foram removidos a economia, de modo geral, se recuperou. As áreas da economia nas quais nós temos socialismo são a moeda, o crédito e o estabelecimento de taxas de juros. Isso é especialmente verdade desde 1971, quando o Acordo de Bretton Woods acabou e o dólar foi desvinculado do ouro.

Ao manipular a oferta de moeda e estabelecer as taxas de juros, o Fed pratica planejamento econômico de maneira clandestina. O Fed mantém os juros mais baixos do que eles seriam normalmente. Em um mercado livre, juros baixos indicariam um nível adequado de poupança, e dariam aos empresários o sinal de que é um momento oportuno para investir em um projeto de capital. Mas o sistema operado pelo Fed desincentiva a poupança, e o crédito criado do nada sinaliza aos investidores

para que gastem, invistam e tomem emprestado dinheiro demais, em comparação a um sistema no qual as taxas de juros são determinadas pelo mercado.

Isso causa um grande problema. Um *boom* é criado, e o superinvestimento e os excessos se tornam parte do sistema, levando ao surgimento de uma bolha. Recessões ou depressões não começam por motivos extrínsecos; são resultados previsíveis do crédito excessivo e das taxas de juros artificialmente baixas orquestrados pelo Fed.

Quanto mais os bons tempos duram, mais vai durar o período de ajuste. Nosso *boom* atual está acontecendo desde 1971, excetuando-se pequenas interrupções. Em minha opinião, o *boom* acabou em 2000. O Fed ainda conseguiu criar a bolha imobiliária depois disso, mas ela foi uma última extravagância. Hoje, estamos sofrendo as consequências dessa política insensata.

A maioria dos economistas e políticos insiste em definir inflação como um aumento no nível de preços. Aumentos de preços são uma consequência da inflação, e são perniciosos. Mises dizia que a confusão sobre a definição de inflação era proposital e mal-intencionada. Se o problema são apenas os preços, a culpa pode ser atribuída a aproveitadores, especuladores, sindicatos, companhias petrolíferas e aproveitadores.[1] Isso afasta nossa atenção da verdadeira causa do problema, o Fed e sua máquina de criar dinheiro. Os controles de preços e salários são introduzidos justamente porque tantos estão convencidos de que os aumentos de preços são causados por esses fatores externos, e enquanto isso o papel do Fed na inflação é ignorado.

[1] No original, *price gougers*.

A tolice dessa forma de entender o problema é que ela põe a culpa pelos preços desagradavelmente altos em uma economia robusta. Em um mercado livre, uma economia robusta causa diminuição dos preços. Em um mercado saudável de telefones celulares ou computadores, mesmo em uma era de inflação, os preços tendem a cair. Mas a solução do Fed é desacelerar a economia de modo deliberado, para reduzir a demanda e baixar os preços, o que funciona muito dolorosamente. Essa reação reflete as falhas do sistema de moeda fiduciária administrado pelo Fed.

O Fed é o responsável pelos ciclos de crescimento e crise. É o responsável pela inflação dos preços, pela recessão, pela depressão e pelo endividamento excessivo. Embora o banco central consiga ficar impune ao longo de extensos períodos de má administração da economia, suas políticas são sempre destrutivas. Se não encontrarem obstáculos, as políticas de um banco central levam ao caos financeiro, e o que estamos vivendo hoje é um exemplo disso.

A conveniência que o Fed oferece aos políticos é uma das principais razões pelas quais tão poucos políticos desafiam a autoridade do Fed. Altos gastos permitem que os membros do Congresso deem aos eleitores os benefícios dos quais eles se tornaram dependentes, e assim se reelejam. A carga tributária que o povo está disposto a tolerar é limitada, assim como a quantidade de dinheiro que o governo pode tomar emprestado sem forçar uma alta dos juros. A conveniência da monetização da dívida pelo Fed satisfaz a muitos – até chegar o dia de sofrer as consequências, com crise econômica e preços mais altos.

Preços mais altos representam uma depreciação do valor do dólar, e são uma forma de imposto. Esse imposto é pago pelas classes média e baixa. Os primeiros usuários de dinheiro são os beneficiários: o governo, os bancos e as grandes empresas.

Esse sistema é enganador, injusto e corrupto. Ele não apenas transfere riqueza da classe média para os ricos, mas também adia os pagamentos para as gerações futuras, assim como o endividamento. Está chegando a hora de pagar as contas das últimas duas ou três décadas. Quantias extraordinárias de dívidas agora precisam ser pagas ou liquidadas. É fácil entender a desvalorização de ações ou de imóveis, mas o *alto valor* atribuído a esses ativos representava um grande deslocamento do sistema, resultante das políticas do Fed.

Dívidas excessivas de um país ou um povo, quando atingem um certo ponto, tornam-se impagáveis e precisam ser liquidadas. É quase impossível prever corretamente qual é esse ponto, pois ele varia de situação para situação e de país para país. O certo é que nosso país, e provavelmente o mundo, já atingiu esse ponto.

Indivíduos e empresas podem se tornar inadimplentes, e a dívida é liquidada. A liquidação é benéfica, quando necessária. O mercado atual está exigindo a liquidação. Os políticos e o Fed estão tomando todas as providências concebíveis para evitá-la, mas estão apenas prolongando a agonia.

Governos não ficam inadimplentes do jeito convencional. Sua inadimplência acontece através da degradação da moeda, o que reduz o seu valor através da inflação. Se a moeda perde 50% de seu valor, a dívida real do governo é reduzida pela mesma proporção. O plano é o seguinte: endividamento enorme e inflação para resgatar os amigos, fingir apoiar a economia e liquidar a dívida. O plano nunca funciona. John Maynard Keynes sabia que durante a fase de ajuste é necessário baixar os salários. Por isso ele era a favor da inflação, para baixar os salários reais

sem entrar em confronto com o setor trabalhista devido à necessidade de baixar os salários nominais.[2]

O resultado são consequências econômicas que nem os planejadores centrais previam. A pior delas é a instabilidade econômica, que leva à instabilidade política e ameaça não apenas os pobres e a classe média, mas também a rica classe dominante. Os ricos empresários da Itália e da Alemanha fascistas não sobreviveram aos resultados trágicos das décadas de 1930 e 1940.

As ramificações econômicas das políticas inflacionistas do Fed são intermináveis. Devido ao crédito fácil, os preços dos imóveis subiram a um nível acima do razoável. A tomada de empréstimos contra esses valores inflacionados para financiar o consumo era precisamente o que as autoridades monetárias incentivaram. Naturalmente, formou-se uma bolha que em algum momento precisaria se desinflar. Então o Fed, o Tesouro e o Congresso gastaram trilhões de dólares tentando estimular o setor imobiliário e fazer os preços dos imóveis aumentarem novamente. Isso foi feito apesar do fato de que o mercado estava pedindo menos imóveis, devido a um excesso de construções.

Os planejadores centrais tornaram-se fixadores de preços. Isso é quase igual a impor controles de salários e preços em vários momentos para corrigir uma crescente inflação de preços. Uma tentativa é para impedir que os preços caiam; a outra é para impedir que os preços subam. Ao fazer qualquer uma das coisas, os planejadores eliminam o mais importante mecanismo necessário para ajustar oferta e demanda e rejuvenescer os mercados. Isso é um grande perigo. Quando os intervencionistas

[2] Para uma refutação completa de Keynes, ver Henry Hazlitt, *The Failure of the "New Economics"*. Auburn, Mises Institute, 2008; 1959.

mexem demais com o mecanismo de estabelecimento de preços do livre mercado, nos movemos em direção a um sistema socialista cuja inviabilidade foi provada no século XX.

O caso das fraudes de Bernie Madoff recebeu muita atenção, e merecidamente. Leis antifraude adequadas estão em vigor, e todos os estados são capazes de processar o crime da fraude. A fraude envolvida no escândalo da Enron foi processada sob as leis do estado do Texas. No entanto, emergiu um consenso de que não havia regulamentações da Securities and Exchange Commission suficientes para controlar esse tipo de coisa, embora tenham sido *traders* ativos, e não reguladores, os primeiros a descobrir o problema. O Congresso agiu de acordo com o consenso, e rapidamente aprovou a lei Sarbanes-Oxley. Assim como as regulamentações da Securities and Exchange Commission da década de 1930 agravaram e ajudaram a prolongar a depressão, a tendência baixista que começou no ano 2000 foi piorada e prolongada pela lei Sarbanes-Oxley.

A descoberta do esquema de pirâmide de US$ 50 bilhões administrado por Madoff causou protestos contra as deficiências da Securities and Exchange Commission, e a ideia de que precisávamos de ainda mais reguladores do órgão em ação. Temos 3.500 burocratas nessa comissão, e o que se dizia era que essa quantidade não é suficiente. É claro que é suficiente, embora na verdade nem mesmo 20 mil reguladores bastariam, pois eles não podem policiar todas as transações comerciais e impedir que fraudes sejam cometidas. Nós não esperamos encontrar um policial na frente de cada casa do país para prevenir que nossas casas sejam assaltadas.

A ideia de que a Securities and Exchange Commission e mais legislação, como a Sarbanes-Oxley, vão nos proteger contra

pessoas mal-intencionadas no mercado não vai nos ajudar. A ideia de que podemos depender dessa comissão para nos proteger contribui significantemente para o *risco moral*. Mais riscos são assumidos quando acreditamos que o governo vai nos proteger, e nossas precauções contra a má-fé são enfraquecidas.

O crédito fácil do Fed prepara o terreno para os excessos, tanto honestos quanto desonestos. Seguros garantidos pelo governo, como o Federal Deposit Insurance Corporation e os seguros de hipotecas, asseguram-nos e aos investidores de que tudo está em segurança, e que nós estamos protegidos. Os infindáveis planos de resgate financeiro para todos que vemos atualmente criam muitos incentivos para a tomada de riscos que muitos, em outras circunstâncias, não assumiriam.

O governo pode ser capaz de assegurar nossas contas bancárias até US$ 250 mil, mas não é capaz de nos proteger contra a devastação causada pelo estouro da bolha financeira e a depreciação da moeda. A deflação de bolhas financeiras e a inflação do custo de vida são problemas que apenas canalhas como os do Fed podem nos causar. Nem todas as regulamentações econômicas do mundo ajudariam. Algum dia as regulamentações terão de ser dirigidas contra os alvos mais merecedores, como o Fed, o Tesouro, o Federal Deposit Insurance Corporation, a Securities and Exchange Commission e o Exchange Stabilization Fund.

Todo o sistema de moeda fiduciária e reserva fracionária é um enorme esquema de pirâmide (se não podemos pagar, vamos criar mais dinheiro!) e é a raiz de nossos problemas. Porque deveríamos nos surpreender se, quando o governo administra um esquema de pirâmide, algumas pessoas se sintam moralmente justificadas em fazer o mesmo? Quando aceitamos a ideia de que o governo tem licença para fazer o que quiser sem restrições

morais, e que as pessoas têm de viver segundo outro padrão? A resposta, é claro, é que o governo tem o dever se seguir as mesmas regras cujo cumprimento é esperado das pessoas morais.

Um dos grandes perigos que surgem quando o problema se espalha após o estouro de uma bolha financeira é o clamor pelo protecionismo. A tarifa Smoot-Hawley, criada em 1930, é a famosa tarifa protecionista que agravou e prolongou a Grande Depressão.

Hoje há um consenso geral de que tarifas protecionistas são prejudiciais, e nenhum político mais adota uma plataforma baseada em tarifas como Hoover fez em 1928. Isso não significa que não exista agitação em favor do protecionismo, seja em prol da indústria siderúrgica, automobilística, têxtil ou agrícola, mas espero que uma tarifa significativa não esteja sendo planejada.

O problema dos desequilíbrios comerciais também é consequência das políticas do Fed. Nosso déficit comercial, um problema muito sério, foi agravado pelo privilégio de imprimir a moeda que serve como reserva no resto do mundo. Isso nos dá uma licença para imprimir e exportar dólares como se fossem ouro. Esse fato, combinado aos impostos excessivos, regulamentações excessivas e alto custo da mão de obra, faz com que nossos empregos sejam exportados.

Não é possível resolver nossos problemas comerciais com tarifas protecionistas. Elas só pioram as coisas. Não é possível resolver os desequilíbrios sem antes enfrentar o problema do dinheiro e do poder que o Fed tem sobre a economia.

O raciocínio mais simples para entender o problema das tarifas protecionistas é o seguinte: em um país livre, as pessoas têm o direito de gastar seu dinheiro da forma que quiserem.

Se é vantajoso para os pobres comprar tênis fabricados na China, eles devem ter o direito de fazê-lo.

Tarifas protecionistas são permitidas pela Constituição. Se tivéssemos um governo do tamanho descrito pela Constituição, e não tivéssemos gastos com guerras nem com o Estado Assistencialista, uma tarifa uniforme para cobrir os custos do governo seria certamente uma forma melhor de arrecadar fundos do que impostos sobre a renda ou sobre o valor agregado.

Tarifas que protegem salários excessivos de executivos e trabalhadores, empresas que sofrem com o excesso de impostos e de regulamentações ou más decisões econômicas apenas sustentam e prolongam ineficiências. Os problemas que contribuem para as ineficiências deveriam ser eliminados. Não deveríamos adicionar mais um problema e mais um imposto à bagunça. E tarifas são impostos.

Hoje em dia, no entanto, é menos provável que tarifas protecionistas sejam implementadas; desvalorizações competitivas para dar vantagens aos exportadores são comuns. Uma moeda forte e a ausência de um banco central eliminariam esse problema e diminuiriam a necessidade de protecionismo.

Há muitas consequências econômicas de um banco central como o Fed operando um sistema monetário totalmente fiduciário. O poder de praticar planejamento econômico central é irresistível para os administradores monetários, e os egos inchados dos presidentes do Fed apenas encorajam ações prejudiciais.

A facilidade que o Fed oferece para financiar os gastos do Congresso torna os enormes déficits inevitáveis. No curto prazo, inflacionar é *mais barato* do que tomar empréstimos, e mais politicamente palatável do que impostos imediatos para pagar

as contas. Se um país não pudesse tomar empréstimos ou inflacionar sua moeda, seu governo seria muito menor, e o país seria muito mais próspero e seguro. Guerras desnecessárias não seriam e não poderiam ser realizadas.

A longo prazo, essa forma sedutora de financiar os extravagantes gastos do governo acaba mal. Nunca é mais barato, e os custos reais são significantemente mais altos. No início, pagar as contas desse jeito parece ser um truque legal, e é politicamente mais aceitável. Mas os custos, para todos os envolvidos, da devastação econômica que resulta das bolhas inflacionárias e dos ajustes necessários acabam sendo muito mais altos do que se imaginava no início. Em vez de um almoço grátis, os verdadeiros custos são muito mais altos do que qualquer pessoa imaginava, quando se inclui todo o sofrimento causado por uma depressão.

Todo mundo reconhece os tempos difíceis quando a previsível recessão ou depressão chega. O problema é que, devido à lavagem cerebral econômica que a maioria dos americanos recebeu, as pessoas não veem a causa do problema e as políticas necessárias para recuperar a economia. Muito frequentemente o povo, os políticos e os administradores do banco central exigem mais do mesmo – mais gastos, mais déficits, mais regulamentação e, acima de tudo, mais inflação da moeda – quando nada disso vai ajudar. Na verdade, isso tudo só torna o problema pior.

As pessoas se preocupam com o que aconteceria em um mundo sem o Fed. Minha resposta é que você desfrutaria de todos os privilégios da vida econômica moderna sem as desvantagens dos ciclos econômicos, bolhas, inflação, desequilíbrios comerciais insustentáveis e o crescimento explosivo do governo que o Fed estimulou. Acabaria também o poder do sigiloso

cartel de poderosos administradores monetários que exercem influência indevida sobre a condução das políticas públicas. Sem o Fed, não haveria mais o planejamento macroeconômico ao estilo keynesiano que tantos males causou. (Discutirei isso em mais detalhes no último capítulo.)

Essas são as vantagens. Mas as pessoas ainda se preocupam com como o sistema bancário poderia funcionar. Ele funcionaria como qualquer outro sistema de empresas privadas. O Wal-Mart poderia entrar no mercado bancário, como queria mas foi proibido de fazer. Seria um sistema verdadeiramente competitivo em que qualquer empreendedor poderia entrar. Seria isso como o "*wildcat banking*"[3] do século XIX, tão frequentemente condenado? Não, assim como não temos "restaurantes *wildcat*" ou "fábricas de sapato *wildcat*". Os mercados se autorregulam, reagindo às preferências dos consumidores. Seria o mesmo no mercado bancário.

De qualquer forma, a maioria das histórias contadas sobre os bancos do século XIX é mito. Os problemas dos sistemas monetário e bancário daquela época foram causados pelo governo. Havia suspensões periódicas de pagamentos, guerras inflacionárias, regras malucas de fixação de preços sob o regime do bimetalismo e outras formas de financiamento da dívida. Esses eram problemas do governo, e não do mercado. O sistema de livre mercado funcionava bastante bem. Em pesquisa publicada pelo Fed do estado de Minneapolis, dois acadêmicos estudaram em detalhes o sistema bancário entre 1830 e 1860, e concluíram que ele era extraordinariamente estável e seguro, sem grande incidência de fraudes. As falências de bancos eram menos numerosas do que as pessoas hoje acreditam, e, mais importante,

[3] Sistema bancário duvidoso ou pouco seguro. (N. T.)

não havia o efeito de "contágio" – ou seja, a falência de um banco não se espalhava aos demais bancos.[4]

Isso não é inteiramente inesperado. A má reputação do setor bancário americano do século XIX – que existiu durante, o que foi na época, a maior explosão de prosperidade já vista em qualquer país na história do mundo – é em grande parte o resultado de propaganda feita na virada do século para angariar apoio para a criação do Fed. E os fatos não nos surpreendem quando levamos em consideração que o dinheiro e o setor bancário em um mercado livre se comportariam como qualquer outra empresa normal, sujeita ao teste dos lucros e prejuízos e punida ou recompensada no mercado segundo o comportamento do consumidor.

Não temos motivos para nos preocupar com o sistema bancário na era pós-Fed, assim como não nos preocupamos com comida, sapatos ou software hoje. Tais produtos são fornecidos pelo mercado, e não por um distante aparato de planejamento central que não possui nem o conhecimento necessário e nem os incentivos para fazer um bom trabalho.

Para nos salvar do desastre político e econômico, é vital que nossos líderes mudem radicalmente suas formas tradicionais de pensar em política econômica. Felizmente, nossos números estão crescendo e mais pessoas do que nunca, sobretudo jovens, agora estão conscientes da ameaça que é o Fed e da importância da moeda forte.

[4] As provas dessas afirmações podem ser encontradas em riqueza de detalhes em Larry J. Sechrest, *Free Banking: Theory, History and a Laissez-Faire Model*. Auburn, Mises Institute, 2008; 1993, p. 95-142.

O ARGUMENTO LIBERTÁRIO

Como expliquei nos capítulos anteriores, não acredito que seja possível justificar a existência do Fed com argumentos econômicos ou constitucionais. Se formos honestos, existem apenas argumentos *contra* o Fed. Os únicos benefícios vão para alguns grupos de interesse que não os merecem. Há uma grande desvantagem em ignorar todos os argumentos contra a sua existência, uma desvantagem que não pode ser tolerada por ninguém que se importe com a preservação da liberdade, que é a vasta expansão do governo que inevitavelmente decorre da existência de um banco central. Há sempre uma escolha a ser feita. Quando o governo cresce, a liberdade sofre. Isso acontece seja qual for a justificativa dada para o programa governamental sendo financiado.

Aqueles que (talvez inconscientemente) buscam o socialismo, o fascismo, o intervencionismo ou o corporativismo são sempre a favor da existência de bancos centrais. Alguns sinceramente querem que o banco central seja uma ferramenta de planejamento econômico para compensar as falhas percebidas no mercado livre. Embora muitos dos que apoiam a existência de um banco central digam que expandir o poder do governo não é seu objetivo, esse será sempre o resultado. É a natureza da criatura.

É preciso lembrar que as pessoas que administram o Fed são apenas pessoas comuns, tão imperfeitas como outras quaisquer. A única diferença é que elas têm imensos poderes para quebrar a civilização. Qualquer instituição que tenha essa capacidade é por natureza tirânica, e é precisamente isso que a Constituição tinha por objetivo evitar. O poder de criar moeda dá credibilidade à falsificação legalizada. Alguns defensores desse poder acreditam que os administradores da moeda têm o dever e a capacidade de jamais criar dinheiro por motivos que não os humanitários. Essa expectativa de autocontrole nunca é cumprida.

Como vimos muitas e muitas vezes, os administradores do banco central têm grandes egos, e rapidamente se acostumam aos poderes que poderiam exercer. Além disso, há também a pressão política para permitir os déficits que tanto beneficiam os políticos. É uma situação de extremo risco moral. Esse método corrupto de pagar as contas evitando a taxação direta serve apenas para institucionalizar um sistema que gera desprezo pela liberdade e pela autossuficiência, enquanto estimula o crescimento do governo.

Nos anos iniciais de uma bolha inflacionária, os benefícios de um banco central excedem seus custos. Quando chega a hora de pagar as contas, é difícil identificar as vítimas. Aqueles que sofrem com a inflação e a destruição de empregos raramente veem a relação entre a política monetária do Fed e o sofrimento que resulta dessa maneira maléfica de financiar o governo.

O sistema monetário é usado para financiar os benefícios do Estado Assistencialista para os ricos e os pobres, e para realizar guerras impopulares. Se as pessoas soubessem o verdadeiro custo do Estado Assistencialista e das guerras, se rebelariam. Mas durante a fase de crescimento do ciclo econômico, os custos

parecem não existir, devido ao aumento artificial dos valores dos imóveis e das ações. Então a bolha estoura e a verdade se revela: a prosperidade se baseava em uma ficção.

Mas, a essa altura, o governo já tomou conta da economia e de nossas vidas, e assumiu compromissos internacionais que não podem ser honrados. Há extravagância nos compromissos assumidos tanto internamente quanto externamente. Não podemos mais pagar as contas do Estado Assistencialista, e nem manter o império no estrangeiro. Quantas vezes precisamos ver isso acontecer antes de mudarmos os fundamentos?

No processo, a liberdade é comprometida a cada vez que se cria um novo programa social ou se começa uma nova guerra. Quando nossas políticas criam situações de risco, os autoritários que já estão no poder usam os problemas para aumentar ainda mais seu controle sobre o povo e sobre a economia.

O terrorismo é um problema sério, mas enquanto ele não for percebido como uma consequência de nossas insensatas intervenções externas, a única solução oferecida será mais controle de nossas vidas pelo governo. Não mudamos nossa política externa; apenas controlamos o inocente povo americano, abandonando a proteção de sua privacidade garantida pela Quarta Emenda da Constituição. Aqueles que já queriam um governo mais poderoso convenientemente usaram as tragédias – como os ataques terroristas de 11 de Setembro – para inculcar medo nas pessoas, para que elas praticamente implorem que o governo as proteja do perigo.

Na esfera econômica, é muito parecido. Os gastos excessivos e a máquina de fazer dinheiro do Fed causam todo tipo de problemas econômicos na fase de ajuste do ciclo econômico criado

por eles. O apelo, mais uma vez, é para que o governo, o culpado pela crise, venha ao resgate com mais governo, o que exige ainda mais sacrifícios de liberdade.

O ciclo é contínuo. Inicialmente, a liberdade pessoal é corroída, mas a aparência de prosperidade permanece. Mais tarde, quanto mais grave a crise, maior é o risco de que um governo tirânico tome conta de nossas vidas e da economia por completo.

Essa atitude pode ser muito bem exemplificada pela declaração do presidente Bush à CNN em 16 de dezembro de 2008, quando ele orgulhosamente anunciou: "Abandonei os princípios do livre mercado para salvar os princípios do livre mercado". Inacreditável e absurdo!

Infelizmente, a maioria dos americanos concorda com ele. Concordaram, após o 11 de Setembro, que abandonar as proteções constitucionais da privacidade era necessário para nos manter vivos e seguros. "De que outra forma", perguntaram eles, "é possível desfrutar da liberdade?". Como podem não ver a contradição nisso? A declaração do presidente é muito parecida com o pretexto usado durante a Guerra do Vietnã para justificar queimar um vilarejo e matar civis sem a menor preocupação com danos colaterais. "Destruir o vilarejo", alegavam eles, "foi necessário para salvá-lo".

Espera-se que nós aceitemos, sem questionar, a ideia de que deveríamos apoiar ações do governo que destroem a liberdade, para salvar a liberdade. É exatamente o mesmo princípio que nos exorta a aceitar a destruição do dólar para salvá-lo.

Todo esse processo seria praticamente impossível sem a tentação de um sistema de papel-moeda administrado por uma autoridade monopolista. Tiranos às vezes usam a força bruta para

chegar ao poder, mas eles rapidamente tomam o controle do sistema monetário para manter-se no poder.

Em uma sociedade relativamente livre, como a nossa, o poder se solidifica através do uso de déficits, de impostos, do medo e da moeda fiduciária. Os autoritários precisam do banco central para tomar o poder.

Aqueles que corretamente argumentaram, em princípio, contra as táticas de arrecadação tributária de nosso governo e contra a inconstitucionalidade de nosso sistema monetário, descobrem que suas punições podem ser ainda mais severas do que as de estupradores e assassinos. Conforme a mão de ferro se torna mais poderosa e a influência da mão invisível sobre o mercado diminui, haverá uma transformação nos Estados Unidos que encerrará um grande experimento em liberdade humana.

Todas as ações do Congresso, do governo e do Fed na administração da economia são planejadas para promover o bem público, e os resultados são desastrosos. Nenhum dos atuais planos de resgate financeiro poderia existir sem o Fed. Esse processo representa a mão de ferro. Uma abordagem não intervencionista seria muito mais sensata – permitindo que a mão invisível do mercado aja e corrija os desequilíbrios.

Já foi dito que nenhuma guerra jamais foi feita sem inflação. Se pudéssemos criar um sistema monetário no qual a inflação fosse absolutamente proibida, a chance de uma guerra estourar seria bastante reduzida. Se tivéssemos que pagar imediatamente por nossos envolvimentos no exterior, o povo não toleraria pagar a conta por meio de impostos mais altos. É a intromissão nas questões internas de outras nações que causa as condições que resultam em conflitos armados. Se não financiássemos

intervenções externas, teríamos uma probabilidade muito menor de envolvimento em guerras totalmente desnecessárias em que ambos os lados saem perdendo.

Nosso descuido em permitir que nosso governo, com a cumplicidade do Congresso, financie intervenções externas com o crédito do Fed torna muito fácil para o Congresso negligenciar sua responsabilidade de evitar qualquer guerra não especificamente declarada pelo próprio Congresso. Seja através do envolvimento em guerras ilegais ou de seu financiamento com moeda fiduciária, a falta de respeito pela Constituição e a apatia do Congresso em relação às suas responsabilidades nos trouxeram às crises em que nos encontramos.

Há muito apoio ao sistema atual, especialmente durante as fases de crescimento dos ciclos econômicos. Seus beneficiários são numerosos e bem representados em Washington.

Dizem que os gastos militares são necessários para nossa segurança. O resultado é que o complexo industrial-militar prospera – enquanto nós ficamos menos seguros e muito mais pobres.

Gastos em programas de habitação e baixas taxas de juros impulsionadas pelo Fed têm por objetivo permitir que mais pessoas possam comprar suas casas. O resultado é que os burocratas e políticos do governo se beneficiam. Construtores, banqueiros, empresas de crédito imobiliário e seguradoras lucram, e, quando a bolha estoura, os pobres para quem os programas foram criados perdem suas casas e seus empregos.

Isso vale para todos os programas subsidiados pelo governo, seja na área de saúde, de finanças, de educação ou de agricultura. A moeda fiduciária parece uma panaceia. Os resultados são trágicos: pobreza, caos e poderosos grupos de interesse exigindo planos de resgate financeiro pagos pelas vítimas.

Se não tomarmos cuidado, muita raiva vai ser gerada pelo colapso desse castelo de cartas construído pelo banco de papel.

A estrutura financeira do mercado imobiliário americano é baseada na dissimulação. Isso é perigoso porque hoje em dia a riqueza está encolhendo, e as pessoas que se beneficiaram durante a fase de crescimento continuam no poder, com o objetivo único de preservar a própria riqueza e poder sair da crise em uma posição vantajosa. Os grupos de interesse se beneficiaram, e vão precisar encontrar vítimas para pagar a conta. Todas as iniciativas de que ouvimos falar em Washington têm por propósito posicionar os vencedores de forma tal que eles possam se reconstruir e passar a conta adiante, para os inocentes.

Quanto pior a economia fica, mais poder o Congresso concorda em dar ao Fed. Quem poderia acreditar que chegaríamos a esse ponto? Trilhões de dólares criados e distribuídos pelo Fed, sem obrigação nenhuma de se submeter a qualquer supervisão.

As nacionalizações continuam, e não se ouve um pio do Congresso ou do povo. As compras de ativos corporativos são financiadas através das políticas inflacionistas do Fed, que é justamente o processo que derrubou nossa economia.

Como propostas para consertar o sistema, fala-se agora no velho sonho keynesiano de uma moeda mundial. Tenho sérias dúvidas de que isso venha a se tornar realidade. Esse projeto vai fracassar pelo mesmo motivo pelo qual sempre fracassou: pressões nacionalistas. Criar uma moeda única para a Europa é uma coisa, e nem mesmo essa moeda é inteiramente estável. Mas é improvável que as elites do mundo inteiro ajam em conjunto de forma a fazer o mesmo para o mundo.

Eu acho que isso é bom. É verdade que uma moeda mundial traria grandes ganhos em termos de eficiência. O padrão-ouro clássico era uma moeda mundial, de certa forma, embora as moedas nacionais tivessem nomes diferentes. Eu gostaria de ver esse ideal restaurado. Mas uma moeda mundial fiduciária, de papel, seria ainda mais vulnerável a pressões inflacionárias do que o sistema atual. O último fator limitante da inflação que ainda resta no sistema é a possibilidade da desvalorização de uma moeda em relação às demais. Uma nova moeda mundial eliminaria até mesmo esse último limite, por mais ineficiente que ele seja.

Há outras possíveis consequências da crise atual que são mais prováveis, e ainda mais assustadoras. A grande ameaça que provavelmente encontraremos será a disposição de nossos governantes de remediar a "depressão" da mesma forma como eles dizem que ela foi remediada em 1941: através da guerra. Ouve-se constantemente o argumento ridículo de que a depressão só acabou por causa da Segunda Guerra Mundial, como se matar milhões de pessoas e renunciar aos bens de consumo fizesse bem para a economia. Temos uma política externa perigosa; seguimos teorias econômicas tolas; e o povo, dizem, precisa de uma distração. Muitas vezes, a distração é uma guerra.

Há uma alternativa muito melhor.

CAPÍTULO 15

A SOLUÇÃO

Muitas vezes notamos que nesta cidade se age em relação às pessoas honestas como se agia a respeito da moeda antiga. Ela era sem ligas, a melhor de todas, a única bem cunhada, a única que tinha curso tanto entre os gregos como entre os bárbaros; mas em vez de usá-las, preferimos estas moedas de cobre de má qualidade cunhadas recentemente, e de má liga. Acontece a mesma coisa com o cidadão: aqueles que sabemos que são bem-nascidos, modestos, justos, honestos, hábeis nos exercícios físicos, na dança, na música, nós os ultrajamos, enquanto achamos bons em tudo os indecorosos, os estrangeiros, os escravos, os vagabundos de más famílias, os novos ricos, os que antigamente a cidade não queria nem mesmo para serem vítimas expiatórias. Mudem, então, de métodos, e demonstrem sua confiança nas pessoas de bem. Se vocês forem bem-sucedidos nesta mudança de atitude, receberão louvores por isto; se caírem, pelo menos terão caído de uma boa árvore.

Aristófanes, *As Rãs*

Mesmo no ano 400 a.C., como explica Aristófanes, e no Antigo Egito, segundo o Antigo Testamento, a desonestidade na manutenção de moeda forte coincidia com a ausência de líderes morais e excessos de agressão militar no estrangeiro. Nosso dinheiro apodreceu. Nosso sistema financeiro está uma bagunça. O abuso de poder e o abuso do dinheiro derrubam uma nação.

Cada vez mais gente está entendendo que o Fed é o responsável pela crise em que estamos, e que ele precisa ser eliminado. A dívida total americana está em seu ponto mais alto em toda a história, já ultrapassando 350% do PIB. O ponto mais alto que a dívida havia alcançado anteriormente fora 300%, em 1933, que não foi um bom ano para os Estados Unidos. Em 1971, o ano em que Bretton Woods acabou, a dívida estava em mais sensatos 150% do PIB. Desde 1971, com o estabelecimento do novo padrão-dólar fiduciário, a dívida cresceu exponencialmente, como seria de se esperar com o Fed criando dinheiro do nada sem nenhuma restrição. Com as taxas de crescimento caindo rapidamente e a dívida do governo se expandindo em trilhões de dólares a cada ano, esse número deve crescer rapidamente.

Hoje em dia é difícil ver nossos líderes fazerem qualquer movimento na direção certa. Apenas no ano passado, tivemos uma avalanche de novos programas, todos baseados em um governo maior, mais desvalorização do dólar e mais poderes dados ao Fed e ao Poder Executivo. Os novos programas federais incluem o Primary Dealer Facility, o Term Auction Facility, o Term Securities Lending Facility e o Asset-Backed Commercial Paper Money Market Mutual Fund Liquidity Facility. Isso tudo além da técnica rotineira de baixas taxas de juros e baixas reservas obrigatórias adotada pelo Fed para garantir que o novo dinheiro continue fluindo.

É triste, porque nosso futuro está em jogo e o que fazemos é crucial para o resultado final.

O Congresso passou o primeiro pacote de estímulo fiscal, de mais de US$ 100 bilhões, em 2008. O Troubled Asset Relief Program de US$ 700 bilhões se tornou lei em outubro de 2008. O novo governo prometeu aprovar mais um pacote de estímulo

no início de 2009, no valor de até um trilhão de dólares, e está se envolvendo em todos os tipos de práticas financeiras duvidosas que vão resultar na efetiva nacionalização do sistema bancário.

Apesar do fato de que não há nenhum resultado positivo, quanto pior a economia fica, mais alto soam os pedidos por mais do mesmo. Ao final de 2009, a quantia comprometida pelo governo vai ultrapassar US$ 9 trilhões.

Há outro caminho, mas ele exige uma total mudança de rumo. Para desligar o maquinário do Fed, precisa haver apenas vontade política. Ao contrário do que as pessoas possam supor inicialmente, isso não causaria o fim do sistema financeiro como o conhecemos. Em um mundo pós-Fed, ainda teremos o dólar, bancos, caixas eletrônicos, comércio on-line, sistema de transferências de fundos através da internet – nada disso vai desaparecer. Muito mais opções financeiras, que atualmente nos são vetadas, seriam adicionadas ao sistema, incluindo transações e contratos em muitas moedas diferentes e oportunidades de investimento novas e mais sólidas.

Quando desligarmos o Fed, o dólar vai interromper sua longa tendência de depreciação, os valores das moedas internacionais vão parar de flutuar loucamente, operações bancárias não serão mais um jogo de dados, e o poder financeiro deixará de girar em torno de um pequeno círculo de pessoas influentes e ligadas ao governo. Toda a indústria bancária sem dúvida passaria por uma espécie de reviravolta, em que bancos sólidos prosperam e os bancos frágeis seguem o mesmo caminho trilhado pelo setor dos bancos de investimento no ano passado: vão à falência, como deve ser. Aqueles que dependem da proteção do Fed teriam de melhorar seu desempenho ou fechar. Os depositantes se tornariam altamente conscientes de quais bancos são sólidos e quais não o são.

Voltando ao tema do início deste livro, o único poder que pertence exclusivamente ao Fed é o poder de inspirar e apoiar a criação de dinheiro novo do nada. Quem precisa disso? É bom para os bancos. É bom para o governo. É bom para os grandes financistas. Mas o povo não se beneficia – justamente o contrário. Uma das lições que nos foi ensinada pelos economistas clássicos que continua verdadeira é: não existe um nível ideal de oferta de moeda em uma sociedade. Qualquer quantidade de dinheiro serve, contanto que a moeda seja forte. Os preços se ajustam de acordo com a oferta de moeda existente. Novas quantidades de dinheiro injetadas na sociedade não trazem benefícios sociais. Se a produção aumenta e a oferta de moeda permanece estável, o poder de compra do dinheiro vai aumentar. Se a produção cai e a oferta de moeda permanece estável, o poder de compra do dinheiro vai diminuir.

Deveríamos pensar no dinheiro como nada além daquilo que ele era em sua origem: um bem criado pelo mercado que emergiu do comércio. O bem mais valioso de uma sociedade, o único bem que pode ser trocado por todos os outros bens e assim ajuda a realizar trocas complexas, emerge como dinheiro, seja ele contas, ou peles de animais, ou joias, ou metais preciosos. O ouro se tornou dinheiro porque possuía todas as propriedades que as pessoas procuram em um bom dinheiro. O governo não teve nada a ver com a história.

Num mundo ideal, o Fed seria abolido imediatamente e o estoque de moeda congelado onde estivesse. Isso não quer dizer que não haveria mais crédito, mas sim que o crédito seria baseado em dinheiro economizado, e não em dinheiro criado. O Congresso cancelaria a carta do Fed, e o presidente deixaria de nomear presidentes do Fed. Seus edifícios poderiam ser usados para

outros propósitos, possivelmente comprados por bancos privados que funcionariam como empresas comuns. Ao mesmo tempo, o dólar seria reformado para se tornar novamente conversível em ouro. O estoque de ouro do governo federal poderia ser usado para garantir essa conversibilidade tanto dentro quanto fora do país. Todos os demais poderes associados à moeda poderiam então ser transferidos para o Tesouro americano, mas agora haveria limites ao que o governo pode fazer com seu poder.

O padrão-ouro sem o Fed imporia disciplina. Uma nova cultura logo emergiria em Washington. Haveria mais clareza a respeito dos custos de guerras e de programas governamentais. Assim como nós percebemos ao planejarmos nossos orçamentos familiares em tempos difíceis, os legisladores perceberiam que não podem fazer tudo. Precisam fazer escolhas. Precisam fazer cortes. As regras da contabilidade passariam a conter as ambições, assim como acontece no resto do mundo real. Poderíamos até mesmo ver o surgimento de uma nova geração de líderes políticos que falassem claramente e agissem de acordo com o que dizem.

Adotar o padrão seria uma mudança maravilhosa, mas não devemos esperar que isso aconteça antes de extinguir o Fed. O dólar tem um papel preeminente na economia mundial, graças a sua longa história como moeda forte. Isso não vai mudar em um mundo pós-Fed. O dólar poderia continuar a ser como é hoje, e seu valor começaria a aumentar se os mercados se convencessem de que a oferta de moeda se manteria, de fato, constante.

O governo federal financiaria suas operações da mesma forma que os governos estaduais atualmente o fazem. Percebam que os estados não têm bancos centrais em miniatura e funcionam

perfeitamente bem. O dinheiro que os governos estaduais gastam é arrecadado ou por títulos com taxas flutuantes, ou por taxação. De toda forma, os legisladores e executivos ficam sob rédeas curtas. Aumentam ou diminuem os gastos de acordo com fatores reais. Além disso, os títulos emitidos pelos estados e municípios são avaliados e têm seus preços determinados pelo mercado. Seus preços contêm compensações pelo risco de inadimplência, que variam de acordo com a solidez dos títulos.

Da mesma forma, na ausência do Fed, o preço da dívida do governo federal se tornaria mais realista. Haveria uma compensação pelo risco de inadimplência embutida no preço que no sistema atual não existe, o que leva as pessoas a acreditarem na ilusão de que há uma forma 100% segura de ganhar juros sobre o dinheiro. Não tenho dúvidas de que a extinção do Fed levaria à introdução de um desconto substancial sobre os títulos emitidos pelo governo em relação a seu preço atual. Isso é uma coisa muito boa, um momento de apurar a verdade. O valor da dívida vai flutuar de acordo com a avaliação que o mercado fizer das políticas do governo. O início de uma nova, e cara, guerra, ou de um programa de bem-estar coletivo, faria seu valor cair, como deveria, e o resultado seria que nós teríamos menos de ambas as coisas.

O fim do poder de criar dinheiro e a transferência dos demais poderes de supervisão do Fed para o Tesouro seriam maravilhosos passos na direção certa. Mas levemos essas ideias um pouco mais longe, e reconsideremos toda a ideia do monopólio do governo sobre o dinheiro. Os Pais Fundadores jamais tiveram a intenção de criar um sistema monetário nacional unificado. A responsabilidade sobre o dinheiro e o setor bancário era dos estados, com a condição de que os estados só podiam tornar o

ouro e a prata moedas de curso legal. Ao mesmo tempo, não havia restrição alguma sobre a cunhagem particular ou os bancos privados (livres). Deveríamos adotar esse sistema novamente, revogando as leis de curso legal e permitindo que todos entrassem no negócio da produção de dinheiro. Isso criaria um mercado competitivo no qual as melhores moedas emergiriam ao longo do tempo e competiriam diretamente com o dólar do governo federal.

Em uma era de transações e comunicações digitais, esse sistema é cada vez mais viável. Hoje em dia, qualquer pessoa com acesso à internet tem o sistema financeiro mundial ao alcance de seus dedos. As pessoas não deveriam mais ser forçadas a usar determinada moeda e não uma outra. Todo e qualquer instrumento monetário deveria ser disponibilizado para todos. Usemos o poder da livre iniciativa para escolher qual moeda é a melhor.

Apesar de todas as restrições legais sobre moedas e sistemas de pagamentos alternativos, fico surpreso ao ver que muitas moedas de padrão-ouro hoje estão prosperando na internet, assim como complexos sistemas privados de pagamentos, como o PayPal. O mercado vai trazer tantas bênçãos na área do empreendedorismo monetário quanto traz em todos os outros bens e serviços. E o mesmo aconteceria com a indústria bancária. Os bancos não seriam mais recompensados por alavancar os depósitos o máximo possível, e pelo maior tempo possível. Solidez e segurança seriam as marcas dos bancos bem-sucedidos, e a base de sua lucratividade.

A extinção do Fed não precisa acontecer em um único movimento brusco. Poderíamos atingir esse objetivo por um processo gradual. Há muitos passos pequenos que podemos dar em direção a uma moeda forte. O poder do Fed para aumentar

à oferta de moeda poderia ser reduzido. Poderíamos criar restrições às operações em mercado aberto do Fed. Poderíamos, por meio de leis, negar ao Fed a autoridade para monetizar qualquer dívida. Poderíamos proibir o Fed de tomar parte em planejamento econômico centralizado.

Poderíamos impedir o Fed de oferecer pacotes de resgate financeiro a seus amigos em Wall Street. Poderíamos fazer uma verdadeira auditoria do Fed e exigir transparência em todas as suas ações e seus planos de colaboração com outros bancos centrais. O Congresso deveria ter autoridade para regular o Fed, em vez de regular o mercado financeiro. Poderíamos eliminar as restrições à fundação de novos bancos. Poderíamos permitir moedas alternativas! Aqueles que querem abandonar o sistema monetário deveriam ser protegidos pela lei. Todos os impostos, seja sobre vendas ou sobre ganhos de capital, deveriam ser removidos do ouro e da prata quando usados como dinheiro.

Essas mudanças só vão se concretizar se o povo falar, e falar claro. Protestos fazem muito bem. Se candidatar a cargos eletivos também. Ensinar a verdade em escolas de ensino médio, através de *homeschooling*, e também nas faculdades e nas universidades. Cartas, seminários, artigos, programas de televisão, todas essas coisas contribuem para realizar mudanças políticas. O primeiro passo é educar a si mesmo. (Veja minha lista de leituras sugeridas no fim deste livro.)

Será que, no futuro próximo, veremos o Congresso, os tribunais e o Poder Executivo agindo de forma responsável e trabalhando para garantir uma transição tranquila para uma moeda forte? Não é provável. Isso já aconteceu, em circunstâncias que tinham alguma semelhança com as atuais, com a

Resumption Act de 1875, quando voltamos ao padrão-ouro após sua suspensão durante a Guerra Civil, e a volta ao ouro foi essencialmente um anticlímax.

Hoje a história é diferente. Existe um eleitorado composto de interesses militares e corporativos que exige financiamento muito acima do que poderia ser pago através de impostos ou mesmo de empréstimos. Predomina a mentalidade de que não podemos, de forma alguma, abandonar nossas ideias grandiosas sobre o papel do governo. A psicose dos resgates financeiros está por toda a parte e impede uma abordagem sensata à questão de como gradualmente abandonar o sistema atual, com suas profundas falhas. A maioria das pessoas, especialmente em Washington, ainda acredita que esse sistema pode ser salvo. Estão erradas, e perigosamente erradas.

Devemos trabalhar a favor da reforma e de práticas econômicas sãs com obediência estrita à Constituição, mas, na ausência dessas mudanças, devemos estar preparados para a hiperinflação, muita pobreza, uma depressão e possivelmente também violência nas ruas. Quanto mais grave o problema, maior a chance de que estoure uma guerra, especialmente considerando o crescimento dos sentimentos protecionistas por todo o mundo. Esse é o preço dos bancos centrais.

Nossa segurança pessoal e segurança econômica são nossa responsabilidade pessoal. Podemos apenas esperar que o governo não interfira em nenhum esforço dos cidadãos para proteger suas famílias e sua propriedade pessoal.

Fundei uma organização chamada Campaign for Liberty (Campanha pela Liberdade) para unir pessoas que compartilham das mesmas ideias. Esforços para pressionar o governo e

os políticos a fazer mudanças positivas têm de continuar, apesar do pessimismo, que certamente vai crescer. Fundei a Foundation for Rational Economics and Education (Fundação para a Economia Racional e a Educação), que ensina liberdade econômica. Também leio com dedicação, toda manhã, os sites LewRockwell.com e Mises.org, o site do Instituto Ludwig von Mises, no qual sou Conselheiro Honorável.

É crucial compreender os problemas, e compreender como o livre mercado oferece a única resposta a nossas preocupações sobre o bem-estar dos seres humanos. A maioria dos defensores de um governo grande não é mal-intencionada, mas foi enganada. Para termos credibilidade, precisamos explicar os motivos pelos quais a liberdade funciona, de forma intelectual e com compaixão. Mas, primeiro, precisamos aprender esses motivos nós mesmos. E isso está inteiramente em nossas próprias mãos.

O fato mais animador é que a verdade está do lado da liberdade. A prosperidade e o bem-estar social nunca são consequência de um governo administrando a economia ou regulamentando o comportamento pessoal. Nossos objetivos só podem ser alcançados com uma sociedade que respeite e proteja em igual medida os direitos de todos os seres humanos, velhos e jovens, ricos e pobres, independentemente de gênero, cor, raça ou religião. Devemos rejeitar a iniciação de violência por indivíduos ou governos como moralmente repugnante.

Uma coalizão de diversos grupos políticos e educacionais para acabar com o Fed é factível e prática. Durante a campanha presidencial de 2008, organizei uma coletiva de imprensa em Washington DC. Quatro candidatos concordaram com a seguinte declaração:

> Insistimos em que haja uma completa investigação, avaliação e auditoria do Sistema da Reserva Federal e seu estreito relacionamento com instituições bancárias, corporativas e financeiras. O poder arbitrário de criar dinheiro e crédito do nada e atrás de portas fechadas para beneficiar grupos de interesse precisa ser extinto. Não deve haver resgates financeiros ou subsídios para corporações. Corporações que cometam fraude devem ser agressivamente processadas.

O fato de que esse grupo diverso concordou nesses quatro pontos, além de ser um forte testemunho contra o Fed, é muito significativo. Pessoas de princípios, seja qual for o grupo com o qual se identifiquem, têm fortes inclinações a desafiar o poder do Fed. Isso inclui esquerdistas, conservadores, libertários, progressistas e populistas. Um grupo com uma base tão ampla pode ter muita força para realizar mudanças. Com o sistema financeiro em desordem, as pessoas estão abertas à ideia de reforma. Temos a oportunidade de fazer uma forte campanha intelectual e política em desafio ao Fed ser ouvida.

Entre todos os argumentos que podem ser usados para rejeitar o Fed, o argumento moral por si só deve bastar. É roubo. É um imposto. É falsificação. Beneficia alguns poucos à custa de muitos. Desrespeita as regras dos contratos. Causa sofrimento e pune os inocentes. Possibilita guerras mundiais e vastos lucros para os poderosos. Isso deveria ser suficiente para fazer todos os americanos exigirem o fim desse sistema fracassado de 95 anos.

O que nos resta fazer? O futuro parece sombrio. As poderosas elites estão se entrincheirando, e não há sinal de que alguém em Washington ouça ou entenda a questão do dinheiro e do poder do Fed ou se importe com isso. Quer dizer que nossa única opção é passar a nos importar apenas com a

sobrevivência? Eu acredito que não. Há sinais de ação no coração do país, e a raiva está se acumulando. Aproveitar essa raiva e transformá-la em energia positiva e construtiva poderia ter consequências favoráveis além do que podemos imaginar. É hora de nos sentirmos motivados, e não perdermos as esperanças por causa da trágica crise que nos foi imposta.

Temos o direito natural, concedido por Deus, às nossas vidas, às nossas liberdades e aos frutos de nosso trabalho.

Proteger esses direitos é a única função que o governo deve ter numa sociedade livre. Impedir que o governo faça mais exige um povo moralmente determinado e disposto a assumir a responsabilidade por si mesmo, rejeitando a dependência da força do governo para moldar a economia, a sociedade ou o comportamento dos indivíduos.

Se o movimento pela liberdade continuar a crescer como cresceu nos últimos dois anos, eu diria que temos muitas razões para o otimismo. A liberdade e um banco central são incompatíveis. O que buscamos é a liberdade, e quando esse precioso objetivo for alcançado, o canto "Fim do Fed!" se tornará realidade.

Sugestões de leitura

Básicas

Percy Greaves, *Understanding the Dollar Crisis*. Auburn, Mises Institute, 2008, 1973.

Ron Paul e Lewis Lehrman, *The Case for Gold!* Auburn, Mises Institute, 2007, 1983.

Murray N. Rothbard, *The Case Against the Fed*. Auburn, Mises Institute, 1994.

Murray N. Rothbard, *What has Government Done to Our Money?* Auburn, Mises Institute, 2005, 1963.

Andrew Dickson White, *Fiat Money Inflation in France*. Auburn, Mises Institute, 2008, 1896.

Intermediárias

Ludwig von Mises, *Causes of the Economic Crisis*. Auburn, Mises Institute, 2006.

Murray N. Rothbard, *America's Great Depression*. Auburn, Mises Institute, 2009, 1963.

Murray N. Rothbard, *The Mystery of Banking*. Auburn, Mises Institute, 2008, 1983.

Hans F. Sennholz, *The Age of Inflation*. Belmont, Western Islands, 1979.

William Graham Sumner, *A History of American Currency*. Auburn, Mises Institute, 2008, 1874.

Avançadas

Friedrich A. Hayek, *Choice in Currency*. Auburn, Mises Institute, e Londres, Institute of Economic Affairs, 2009, 1976.

Jörg Guido Hülsmann, *The Ethics of Money Production*. Auburn, Mises Institute, 2008.

Ludwig von Mises, *The Theory of Money and Credit*. New Haven, Yale University Press, 1953.

Llewellyn H. Rockwell Jr. (ed.), *The Gold Standard: An Austrian Perspective*. Auburn, Mises Institute, 1992.

Jesús Huerta de Soto, *Money, Bank Credit, and Economic Cycles*. Auburn, Mises Institute, 2008; 2006.

Leituras bônus

Robert Murphy, *The Politically Incorrect Guide to the Great Depression*. Washington, Regnery, 2009.

Thomas E. Woods Jr., *Meltdown: A Free-Market Look at Why the Stock Market Collapsed, the Economy Tanked, and Government Bailouts Will Make Things Worse*. Washington, Regnery, 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paul, Ron
O Fim do Fed : por que acabar com o Banco Central /
Ron Paul ; tradução de Bruno Garschagen e Mônica Magalhães.
– São Paulo : É Realizações, 2011.

Título original: End the Fed.
ISBN 978-85-8033-061-8

1. Banco Central Federal dos Estados Unidos 2. Bancos centrais - Estados Unidos 3. Bancos de reserva federal I. Título.

11-07796 CDD-332.110973

Índices para catálogo sistemático:
1. Banco Central Federal dos Estados Unidos : Operações bancárias : Política monetária : Economia financeira 332.110973

Este livro foi impresso pela Cromosete Gráfica e Editora para É Realizações, em setembro de 2011. Os tipos usados são da família Adobe Garamond, Aldine401 e BakerSignet. O papel do miolo é pólen bold 90g, e o da capa, supremo 300g.

Mas vamos também entender a fonte dessa ilusão e o que fazer a respeito disso.

Nem todo mundo é instintivamente contra esse poder de fabricar ilusão, e muitos até o saúdam. Eles apenas querem voltar aos tempos de quando "tudo era bom", apesar de tudo ser apenas uma miragem, ou seja, a criação da aparência de riqueza pelo Fed.

Pensa-se frequentemente que aliviar uma suposta escassez de dinheiro vai resolver todos os problemas sociais. Mesmo hoje, com uma crise econômica violenta, a resposta do governo estadunidense e do Fed tem sido peculiar. Taxas de juros são baixadas a zero e trilhões de dólares são jogados na economia sem a evidência de que qualquer problema será resolvido. As autoridades continuam ignorando o fato de que eles só estão agravando ainda mais nossos problemas no longo prazo.

Crescimentos econômicos e crises nos rondam há muito tempo. Tragicamente, o inocente que pouco entende sobre a complexidade do sistema monetário sofre mais do que aqueles que sabem como lucrar se o mercado subir ou descer. Só uma compreensão de como funciona o sistema monetário pode corrigir esse problema e proteger as vítimas atingidas por uma recessão econômica perversa.

Todos deveriam ter um vivo interesse sobre o que é a moeda e como ela é manipulada por alguns à custa de muitos. A moeda é crucial para a sobrevivência. É necessária para preservar uma sociedade livre e uma economia saudável. Sem moeda forte, é impossível limitar o poder político. Uma moeda forte é fundamental para impedir guerras desnecessárias e para garantir a paz e a prosperidade no longo prazo.

Para entender a moeda, é preciso entender o que significa um banco central. Nos Estados Unidos, o banco central é o Fed, no qual nossa moeda e nosso crédito são constantemente manipulados em benefício de uma classe privilegiada.

Escrevi este livro para explicar por que eu penso que o sistema de dominação do Fed precisa acabar. Venho falando e escrevendo sobre esse assunto há mais de trinta anos, mas houve um tempo em que dificilmente alguém se importava com o que eu tinha a dizer. A crise econômica mudou tudo. Hoje em dia há um movimento social crescente, inclusive um movimento político, dedicado a acabar com o Fed.

Ron Paul

Estamos enfrentando o mais significativo colapso financeiro desde a década de 1930, e, em vez de uma reavaliação fundamental dos mecanismos financeiros, a solução proposta é mais do mesmo. Em *O Fim do Fed*, o congressista americano Ron Paul chega à raiz do problema. Em linguagem simples e clara, ele usa história, economia e sua própria biografia, da infância até o Capitólio, para explicar como, por que e para quem o Federal Reserve manipula o sistema financeiro norte-americano já faz um século – e o que se pode fazer a respeito.

★

"Uma defesa convincente das políticas monetárias sólidas."
USA Today

"[Ron Paul] Corretamente martela o ponto crucial de que as repetidas tentativas do Fed de suavizar os ciclos econômicos e criar uma prosperidade permanente foi, péssima e destrutivamente, um tiro pela culatra... A história irá julgar que Paul agiu corretamente ao atacar o Fed e suas políticas frequentemente ilegítimas."
Forbes

"Virulento... Muitas das afirmações de Ron Paul soam verdadeiras."
Bloomberg.com

"Ninguém captou melhor o sentimento de indignação das pessoas comuns sobre os acordos secretos e as bonificações em Wall Street."
Newsweek

MISES BRASIL

ISBN 978-85-8033-061-8
9 788580 330618